

CURSO INTENSIVO 2022

***Interpretação de Textos
Teóricos***



Prof. Wagner Santos

Aula 10

Sumário

INTRODUÇÃO	3
1 AS CIÊNCIAS	4
2 DIREITO	5
3 ECONOMIA	8
4 FILOSOFIA	11
5 HISTÓRIA	13
6 PSICOLOGIA	15
7 SOCIOLOGIA	17
8 EXERCÍCIOS	20
9 GABARITO	49
10 QUESTÕES RESOLVIDAS E COMENTADAS	50
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS	102



Introdução

E aí, Bolas de Fogo?

Hoje construiremos uma das aulas mais densas de nosso curso. Falar sobre a interpretação de textos teóricos envolve, diretamente, falar sobre as ciências humanas, que adicionam conhecimento à vida de vocês de formas mais distintas, incluindo uma base sensacional para a construção de base de repertório para as redações mais diversas. Esse é um daqueles conhecimentos que agregam enorme quantidade de saber para a vida de forma geral e, em especial, para a resolução de questões e a produção de redações.

Hoje, falaremos sobre os seguintes conhecimentos:

- **Direito;**
- **Economia;**
- **Filosofia;**
- **História;**
- **Psicologia; e**
- **Sociologia.**

Na hora da prova, os alunos costumam se confundir com esses textos por acharem que **precisam conhecer os assuntos ou as teorias profundamente para responder às perguntas**. Isso não é verdade! Claro que possuir repertório de ciências humanas pode ajudar você a compreender o texto, porém **o mais importante é saber como buscar as informações necessárias para compreender aquele texto!**

Assim, você terá mais facilidade para interpretar textos com uma linguagem mais técnica, **tanto nas ciências humanas quanto nas exatas**. Optamos aqui por nos aprofundarmos mais nos textos das ciências humanas, pois seu aparecimento nas provas tem sido muito frequente e porque entendemos que apresentam maior dificuldade, principalmente quando são também os **textos motivadores da redação**.

Alguns tópicos dessa aula foram escritos em conjunto com outros professores do Estratégia Vestibulares. São eles:

Filosofia - Escrito em conjunto com o **Professor Fernando** (Português e Filosofia)
História - Escrito em conjunto com o **Professor Marco** (História)
Sociologia - Escrito em conjunto com a **Professora Alê** (História e Sociologia)

Bora que só bora?



1 As ciências

Quando falamos em ciências, a maioria dos alunos pensa automaticamente em **biológicas ou exatas**. O que muitos alunos esquecem, porém, é que as **humanidades** também são ciências. **Mas como nasce uma ciência?**

Quando estudamos, na disciplina de História, o período da formação, da consolidação e da propagação das ideias renascentistas e Iluministas (séculos XVII e XVIII), por exemplo, vemos que

Ciências ligadas ao conhecimento da natureza - como Matemática, Química, Física e Biologia- são resultado de experimentos e de observações que passaram a questionar explicações religiosas para o mundo, entre outras visões consideradas dogmáticas.

Nessa linha, podemos dizer que a **crítica científica nasce a partir de um questionamento a uma realidade dada e, muitas vezes, estabelecida como senso comum**. Em muitos sentidos, essas Ciências da Natureza nasceram da tensão, na vida social, entre **conservar o mundo tal como ele era ou revolucioná-lo**.

Assim, juntamente com as discussões no **campo do pensamento** (questionamento de dogmas e do senso comum), podemos afirmar que **elementos contextuais** (contexto histórico), próprios de uma época histórica, também contribuem para o surgimento das Ciências. **Há uma relação entre as ideias em seu tempo histórico e os acontecimentos históricos** que ajudam a formar e a reformular as próprias ideias.

Veja o que Auguste Comte fala sobre as ciências:

Consideradas no passado, as ciências libertam o espírito humano da tutela exercida sobre ele pela teologia e pela metafísica, e que, indispensável à sua infância, tendia a prolongá-la indefinidamente. **Consideradas no presente**, elas devem servir, seja pelos seus métodos, seja por seus resultados gerais, para determinar a reorganização das teorias sociais. **Consideradas no futuro**, serão, uma vez sistematizadas, a base espiritual permanente da ordem social, enquanto dure a atividade da nossa espécie no planeta.

(Auguste Comte, *Considerations Philosophiques sur les Sciences et les Savants*, 1825)

São, portanto, as ciências:



Ciências Biológicas

- Utilizam da experimentação tanto no micro quanto no macro, estudando os seres vivos e o meio ambiente.
- Estudam o ser vivo como um todo, partes de seu corpo e suas funções.
- Algumas áreas de atuação: biologia, educação física, farmácia, medicina, veterinária e zoologia.

Ciências Exatas

- Utilizam da matemática e do raciocínio lógico para testar e formular hipóteses ou resolver problemas.
- Geralmente, estão bastante ligadas a cálculos e números.
- Algumas áreas de atuação: computação, engenharias, estatística, física, matemática e química.

Ciências Humanas

- Utilizam estudos estatísticos, relatos da sociedade e análise de experiências passadas para formular hipóteses e compreender os problemas sociais.
- Têm o homem como principal objeto de estudo, tanto indivíduo quanto sociedade.
- Algumas áreas de atuação: administração, antropologia, direito, economia, filosofia, história, pedagogia e sociologia.

2 Direito

O que é Direito?

O Direito é um conjunto de regras que orientam a conduta das pessoas, impostas pelo Estado e criadas para garantia das necessidades humanas de ordem e justiça. Ele atua a partir das **leis**: normas escritas emanadas dos poderes competentes. É da existência das leis e, consequentemente, do direito, que nasce a expressão “Estado de direito”, que pode ser definido da seguinte forma:

O conceito de **Estado de direito** está completamente relacionado ao poder que o **Estado** detém. Contudo, para que esse não se torne um poder absolutista, em que as decisões dos governantes sejam somente fundamentadas em suas próprias visões, ele se baseia nas **leis**, ou, como gostam os juristas mais renomados do país, **o poder do Estado é limitado por leis**.

Os poderes se dividem em três:



PODER LEGISLATIVO

Congresso Nacional = Câmara Federal + Senado Federal

É responsável pela elaboração de emendas à Constituição e de leis federais.

PODER EXECUTIVO

Presidente da República auxiliado pelos Ministros de Estado.

Tem por atribuições a administração federal, as relações e negócios internacionais e outras funções de responsabilidade nacional.

PODER JUDICIÁRIO

Tem por função promover a justiça, resolvendo todos os conflitos que possam surgir na vida em sociedade, a partir da interpretação e aplicação da lei ao caso concreto.

Constituição Federal

Devemos entender a Constituição Federal, também chamada de CF/88, ou, ainda, de Carta Magna brasileira, o conjunto de princípios e direitos fundamentais que organiza e rege o funcionamento de um país. É considerada a lei máxima que atinge e deve ser seguida por todos os cidadãos de determinada nação.

Por vezes, você pode encontrar textos extraídos diretamente da Constituição para serem interpretados. Você deve, antes de mais nada, buscar qual é o assunto central sobre o qual aquela lei trata. **Tente não se assustar com termos difíceis ou palavras desconhecidas.** Apesar do vocabulário do direito ser um pouco mais complexo, os assuntos mais importantes das leis costumam estar em destaque. Assim você não deve ter dificuldade em encontrá-los.

Então o que você deve prestar à atenção diante de um texto de direito?

Assunto central

- Compreender qual o assunto principal sobre o qual a lei se refere é fundamental para interpretar esse texto.
- Busque as palavras facilmente reconhecíveis. Não se deixe assustar por termos menos conhecidos.

Dados

- Número da lei, do artigo e parágrafo.
- Pode ser útil para citar na redação, por exemplo.

Ano de publicação

- O ano em que a lei foi publicada pode dar pistas de interpretação: quem era o presidente na época, se houve algum evento que motivou a lei etc.



Para que você não tenha mais dúvidas quando aparecer um texto de direito, aqui vai um pequeno glossário com as principais palavras e siglas que você deve conhecer. **Não se preocupe em decorar** todos esses termos. Utiliza esse glossário como **material de consulta**:

Glossário de direito	
Ação	Direito que tem qualquer cidadão para buscar uma decisão judicial, por meio de um processo.
Acórdão	Decisão judicial proferida por um grupo de juízes.
Calúnia	Crime contra a honra, que consiste em imputar falsamente a alguém fato definido como crime (Código Penal, artigo 138).
Cláusula pétrea	Dispositivo constitucional imutável, que não pode ser alterado nem mesmo pela via de Emenda à Constituição. O objetivo é impedir inovações em assuntos cruciais para a cidadania ou o próprio Estado.
Corrupção ativa	Crime praticado por particular contra a Administração em geral. Caracteriza-se pela oferta ou promessa indevida a funcionário público, para determiná-lo a praticar, omitir ou retardar ato de ofício.
Corrupção passiva	Quando é o próprio funcionário quem solicita ou recebe, para si ou para outrem, direta ou indiretamente, vantagem indevida, ou aceita promessa de tal vantagem, desde que tais fatos ocorrem em razão da função, ainda que fora dela ou antes de assumi-la.
Crime culposos	É o crime que teve como causa a imprudência ou negligência do agente.
Crime doloso	É o crime voluntário, isto é, aquele em que o agente teve a intenção maldosa de produzir o resultado ou assumiu o risco de produzir.
Difamação	Imputação ofensiva atribuída contra a honorabilidade de alguém com a intenção de desacreditá-lo na sociedade em que vive, e provocar contra ele desprezo ou menosprezo público.
Golpe de Estado	Expressão usada para designar o ato de força posto em prática pelo próprio governo a fim de se sustentar no poder. Ou o atentado ou conspiração para derrubar o poder ou governo instituído, compondo outro em seu lugar.
Impeachment	Impedimento. Processo político-criminal para apurar a responsabilidade dos governadores e secretários de Estado, ministros de Estado, do Supremo Tribunal Federal, os comandantes das Forças Armadas, do presidente e do vice-presidente da República cuja pena é a destituição do cargo.
Nepotismo	Patronato ou favoritismo na nomeação dos integrantes da administração Pública. É o termo utilizado para designar o favorecimento de parentes



	em detrimento de pessoas mais qualificadas, especialmente no que diz respeito à nomeação ou elevação de cargos.
Plebiscito	Manifestação da vontade popular, expressa por meio de votação acerca de assunto de vital interesse político ou social, antes de publicação da lei.
STF	Supremo Tribunal Federal, órgão máximo da Justiça no Brasil. Ver artigos 101 a 103 da Constituição Federal.

Os verbetes foram retirados de: <<http://www.mpf.mp.br/es/sala-de-imprensa/glossario-de-termos-juridicos>> Acesso set. 2019.

3 Economia

O que é Economia?

A Economia é o conjunto de atividades desenvolvidas pelos homens **visando a produção, distribuição e o consumo de bens e serviços** necessários à sobrevivência e à qualidade de vida.

(fonte: <https://www.fea.usp.br/economia/graduacao/o-que-e-economia>)

Atualmente, vivemos um sistema de economia capitalista, que se organiza a partir das relações de mercado, cujas transações são majoritariamente mediadas pelo dinheiro. A noção de propriedade privada também é importante para o sistema capitalista. Assim, a Economia busca compreender e analisar:



A chamada **Microeconomia** estuda como se formam os preços e suas variáveis, de modo que os recursos possam ser alocados de maneira eficiente e funcional, observando comportamentos de produtor e consumidor. Já a **Macroeconomia** estuda o comportamento da sociedade como um todo, pensando em questões como comércio exterior, emprego e inflação, observando também a atuação do Estado em alocar, distribuir e estabilizar os recursos do país. Então o que você deve prestar à atenção diante de um texto de economia?



Lugar e tempo

- O momento em que o texto foi escrito e a qual país, estado ou cidade se refere, pode dar pistas do assunto central a ser compreendido.

Dados

- Números, porcentagens, dados concretos - de preferências aqueles em que a fonte de pesquisa está citada - podem ajudar na compreensão do texto. Comparar a mudança de uma porcentagem, por exemplo, faz com que você entenda o movimento do tema do texto.

Siglas e termos

- Por vezes, aparecerão siglas e termos que você não conhece, mas que podem fazer toda a diferença. Conhecer pelo menos alguns termos fundamentais é necessário para uma boa leitura desses textos.

Para que você não tenha mais dúvidas quando aparecer um texto de economia, aqui vai um pequeno glossário com as principais palavras e siglas que você deve conhecer. **Não se preocupe em decorar esses termos necessariamente, porém use este material como consulta se for preciso para interpretar textos ao longo de seus estudos:**

Glossário de economia	
Ações	Títulos que indicam a participação do possuidor na propriedade de uma determinada companhia e lhe dão direito a parte dos lucros. O acionista é o proprietário das ações de uma empresa.
Balança Comercial	Resultado das exportações e importações realizadas por um País. Quando as exportações são maiores que as importações registra-se um superávit na balança. O contrário significa déficit .
Banco Central (BC ou Bacen)	Autoridade monetária do País responsável pela execução da política financeira do governo. Cuida ainda da emissão de moedas, fiscaliza e controla a atividade de todos os bancos no País.
Banco Mundial	Nome pelo qual o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) é conhecido. Órgão internacional ligado a ONU, a instituição foi criada para ajudar países subdesenvolvidos e em desenvolvimento.
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social Empresa pública federal vinculada ao Ministério da Economia. Seu objetivo é financiar empreendimentos para o desenvolvimento do Brasil.



Bolsa de Valores	Local onde se negociam títulos emitidos por empresas privadas ou estatais. O título dá ao portador o direito de propriedade sobre uma quantia em dinheiro, pela qual responde o emissor do documento. Tais operações servem para as empresas captarem recursos dos quais não dispõem.
Cartel	O termo é usado normalmente para definir grupos empresariais que se unem para controlar a oferta de determinado produto e obter preços mais altos.
Casa da Moeda	Instituição que fabrica moedas e imprime cédulas no Brasil sob determinação do Banco Central.
Dívida externa	É a somatória dos débitos de um país, resultantes de empréstimos e financiamentos contraídos no exterior pelo próprio governo, por empresas estatais ou privadas. Esses recursos podem ser provenientes de governos, entidades financeiras internacionais (FMI, Banco Mundial, etc.), bancos ou empresas privadas.
Fundo Monetário Internacional (FMI)	Agência especializada das Organizações das Nações Unidas (ONU) criada em 1944 para promover a cooperação financeira entre os países-membros. Cada um deles tem direito à cota de saques durante o ano e existe ainda um esquema paralelo de ajuda a países em dificuldades financeiras.
Imposto de Renda (IR)	Tributo cobrado sobre os rendimentos recebidos durante o período de um ano. Criado em 1922, é cobrado de pessoas físicas e jurídicas com taxas proporcionais ao patrimônio e rendimentos.
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços Imposto embutido nos preços de mercadorias e serviços. O percentual varia conforme o produto (ou serviço) e o Estado, que tem autonomia para defini-lo.
Inflação	A inflação é usualmente conceituada como um aumento contínuo e generalizado no nível geral de preços, que resulta em perda ininterrupta do poder aquisitivo da moeda. A queda no índice de preços é chamada deflação . Diz-se hiperinflação quando os preços aumentam tanto e tão rápido que todos gastam o dinheiro assim que o recebem.
Juros	Juro é a remuneração que o tomador de um empréstimo tem que pagar ao proprietário do capital emprestado.
Mercosul	O Mercado Comum do Cone Sul é um acordo comercial assinado por Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai em 1991. Há ainda dois membros associados: o Chile (desde 1996) e a Bolívia (desde 1997). Ambos negociam a entrada no bloco econômico, que pretende fixar



	tarifas externas comuns para todos esses países e eliminar barreiras alfandegárias.
Monopólio	Situação em que uma empresa domina sozinha a produção ou comércio de uma matéria-prima, produto ou serviço e que, por isso, pode estabelecer o preço à vontade.
Oligopólio	Grupo de empresas que detém o controle de determinado mercado, seja ele o fornecimento de um produto, serviço ou matéria-prima.
PIB	Sigla de “ Produto Interno Bruto ”, principal indicador da atividade econômica. É o valor de todos os bens e serviços produzidos dentro das fronteiras de um país, independentemente da nacionalidade do produtor.
PNB	Sigla de “ Produto Nacional Bruto ”, que é a expressão em valor monetário de todos os bens e serviços produzidos com recursos de um país, empregados dentro ou fora do território nacional, pertencentes a pessoas ou empresas. Ao contrário do PIB, inclui o resultado de empresas no exterior e desconta os investimentos de capital estrangeiro dentro do território nacional.
PEA	População economicamente ativa Parcela da população disponível para o trabalho assalariado.
Renda per Capita	A renda per capita representa quanto cada habitante receberia se o valor do produto nacional bruto (PNB) de um país fosse distribuído igualmente entre todos sem considerar a concentração de riquezas. A renda per capita, obtida a partir da divisão da renda total de um país pela população, é um indicador usado para medir o grau de desenvolvimento de uma nação.
Taxa de câmbio	É a medida pela qual a moeda de um país pode ser convertida em moeda de outro país de modo a viabilizar transações comerciais ou financeiras. Em geral, usa-se como referência cotar uma moeda em relação ao dólar norte-americano. A taxa de câmbio varia em função da oferta e da procura.

4 Filosofia

O que é a Filosofia?

A filosofia se dedica a pensar problemas **essenciais à existência humana**: o conhecimento, a mente, a linguagem, os valores morais e estéticos, as noções de verdade e mentira, entre outros. Diferente da religião, porém a filosofia foca nas questões humanas a partir da **razão**, não da fé. A necessidade de conhecer e questionar que move a filosofia é **intrínseca ao ser humano**. Independe do sistema filosófico criado, a **filosofia é questionamento**.



Veja a definição de Marilena Chauí para o que é a filosofia e a atitude filosófica:

Quando pergunto “que horas são?” ou “que dia é hoje?”, minha expectativa é a de que alguém, tendo um relógio ou um calendário, me dê a resposta exata.

Em que acredito quando faço a pergunta e aceito a resposta? Acredito que o tempo existe, que ele passa, pode ser medido em horas e dias, que o que já passou é diferente de agora e o que virá também há de ser diferente deste momento, que o passado pode ser lembrado ou esquecido, e o futuro, desejado ou temido. **Assim, uma simples pergunta contém, silenciosamente, várias crenças não questionadas por nós.**

(...)

Imaginemos, agora, alguém que tomasse uma decisão muito estranha e começasse a fazer perguntas inesperadas. Em vez de “que horas são?” ou “que dia é hoje?”, perguntasse: O que é o tempo?

(...)

Alguém que tomasse essa decisão, estaria **tomando distância da vida cotidiana e de si mesmo**, teria passado a indagar o que são as crenças e os sentimentos que alimentam, silenciosamente, nossa existência.

Ao tomar essa distância, estaria interrogando a si mesmo, desejando conhecer por que cremos no que cremos, por que sentimos o que sentimos e o que são nossas crenças e nossos sentimentos. Esse alguém estaria começando a adotar o que chamamos de **atitude filosófica**.

Assim, uma primeira resposta à pergunta “O que é Filosofia?” poderia ser: **A decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido.**

Fonte: CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia Ed. Ática, São Paulo, 2000, p.6 e 9.

A filosofia se divide em quatro grandes áreas:

Epistemologia

O que é o falso e o verdadeiro?
Como reconhecer a verdade?
O que é o real?

Ética

O que é o bem e o mal?
Como viver?
Existe o bem absoluto? O mal existe?

Estética

O que é o belo e o feio?
Existem critérios universais para o belo? Por que o homem precisa do belo?

Política

O que é o poder?
Por que nos submetemos ao poder? Quem tem o direito de exercer o poder?



Então o que você deve prestar à atenção diante de um texto de filosofia?

Contextualização

- Quem escreveu esse texto e com que finalidade?
- Em que época o texto foi escrito? O que você se lembra sobre a história daquele período?
- Você conhece o autor do texto? Se sim, o que você sabe sobre ele?

Problema central

- Muitas vezes, o problema central do texto aparecerá em forma de pergunta. Procure se há perguntas no texto, pois elas podem dar pistas da questão essencial.
- Outras vezes, a ideia central já aparece no primeiro parágrafo e depois é desenvolvida gradualmente. Dê atenção especial a essa parte do texto.
- Tente compreender qual a **tese** do autor, como ele busca demonstrar sua **hipótese** e quais as **ideias secundárias** do texto. Pense no texto filosófico como um **texto argumentativo**.

Diálogo com outros autores

- Muitos autores citam outros autores para embasar sua tese. Caso você não conheça nada sobre esses outros autores e não haja explicação sobre eles no texto, tente não se apegar muito a eles para não se confundir.

Problematizações

- Esteja atento a passagens que incitem reflexão pessoal ou debate. Expressões que abrem margem à interpretação ou muito taxativas podem ser um indicativo de ponto sensível a ser explorado, por exemplo, na sua redação.

5 História

O que é a História?

Qual é o objeto de estudo da ciência histórica?

Muitos responderiam que a História é o estudo do passado, certo? Essa resposta, no entanto, está incompleta.

Outros campos do saber também se voltam para o passado, como por exemplo a **paleontologia**, que se destina a pesquisar as formas de vida que passaram pelo nosso planeta, e a **geologia**, dedicada a analisar o processo de formação da Terra. São ciências que adotam como referência o **tempo geológico**, linha do tempo que vai desde o nascimento da Terra até os dias atuais. Já para a História, o objeto de estudo é o **homem e as experiências humanas ao longo do tempo**.

Um historiador chamado Marc Bloch definiu de maneira bem simples essa nossa discussão:

A História é a ciência dos homens no tempo.



Mas, se o objeto de estudo da História é o Homem, não faria sentido adotarmos o tempo cronológico como base para os nossos estudos, afinal de contas nossa espécie só apareceu na época do Pleistoceno, durante a era Cenozoica.

Como a existência humana é historicamente curta diante dos milhões de anos que a Terra possui, o tempo geológico (esse da tabela ao lado) não é o mais indicado para os nossos estudos. Assim sendo, adotamos o **tempo histórico**, levando em conta eventos de curta duração que envolvem os homens no passado.

Assim sendo, os historiadores possuem sua própria forma de periodizar o tempo. Não existe uma forma única para dividirmos o tempo, já que as sociedades adotaram formas distintas de periodizar o tempo ao longo da História. No Brasil e na maioria do mundo adotamos o **calendário cristão**, também conhecido como **calendário gregoriano**. Criado no século VI por um monge de nome Dionísio, e oficializado em 1582 pelo papa Gregório XIII, ele considera o nascimento de Jesus Cristo o marco inicial do ano I.

Assim sendo, os anos que antecedem o nascimento do marco do calendário cristão são acompanhados da abreviação **a.C.**, que significa antes de Cristo. Os romanos, gregos, egípcios e demais culturas que existiram antes de Jesus tinham suas próprias formas de periodizar o tempo.

Outros povos que coexistiram com a civilização cristã ocidental, como chineses, maias, judeus e muçulmanos, também não adotaram o calendário gregoriano, cuja periodização não se adequa a suas especificidades culturais.



Então o que você deve prestar à atenção diante de um texto de história?

Tempo

- Em que momento histórico a ação se passa e que referenciais você possui acerca desse momento.

Espaço

- Em que lugar a ação se passa e o que você sabe sobre esse local/região que possa ser relevante para a interpretação.

Personagens

- Sobre quem é o texto e o que você sabe sobre essa pessoa?

Causas e consequências

- Muitas vezes, um texto de história apresentará razões pelas quais alguma ação ocorreu e quais foram as consequências desse acontecimento. Fique atento a essas informações, pois muitas questões podem se aprofundar justamente nisso.



6 Psicologia

O que é psicologia?

A Psicologia é uma ciência cujo objeto de investigação é a **subjetividade** dos seres humanos. A palavra psicologia vem do grego *psique* (mente) + *logia* (estudo). Os estudos em psicologia, portanto, se preocupam tanto com os **comportamentos** humanos, ou seja, expressões visíveis de nossas vontades, quanto com os **pensamentos** humanos, ou seja, aquilo que não pode ser visto pois está apenas dentro de nossa mente.

Desde a antiguidade, os filósofos gregos se preocupavam com a parte “imaterial” do ser humano. Essa **parte imaterial** – que por vezes é referida como **alma** – abarca os desejos, sensações, sentimentos, percepções etc. Algumas ideias fundadoras da psicologia são:

- Aristóteles: a diferença entre o homem e o animal está na faculdade da razão que, para ele, era facultada aos humanos.
- Platão: a oposição entre alma e corpo, sendo a alma o lugar da verdade, da essência; e o corpo o lugar que imita a verdade.
- Aristóteles: alma e corpo são indissociáveis. A *psyque* é o próprio princípio da vida.

É na modernidade, porém, que a subjetividade se torna ainda mais valorizada. Há uma nova noção de **indivíduo** – que já vinha sendo construída desde o Renascimento. As **distinções entre público e privado** são muito responsáveis pela constituição da subjetividade focada mais no “eu”. O Estado dialoga com esse **sujeito individual** muitas vezes de maneira conflituosa, tentando **normatizá-lo e padronizá-lo**.

É nesse contexto que surge a psicologia como **ciência**.

Senso comum X Ciência

Apesar de muitas discussões sobre o assunto, hoje, já se compreende a psicologia como uma ciência. É um estudo que parte de amostragens, estudos de caso, relações com outras áreas etc. Assim, mais do que noções do senso comum acerca de comportamentos humanos, a psicologia é um campo do conhecimento científico.

Um dos teóricos mais importantes a conhecer quando o assunto é psicologia é Sigmund Freud, criador da Psicanálise.





Sigmund Freud

Freud (1856 – 1939) elabora sua teoria nos derradeiros anos do século XIX. Sua contribuição mais impactante foi a noção de **inconsciente**. Segundo Freud, há dois níveis da psique: o consciente, que temos acesso e controle; e o inconsciente, que não somos capazes de acessar. No entanto, o inconsciente é responsável por ditar nossas ações e comportamentos. **Há algo dentro do homem que o controla** ainda que ele não saiba disso.

Estes são alguns do campo da psicologia:

Behaviorismo

Como o homem se comporta no meio em que se encontra e como responde aos estímulos do ambiente.

Psicoterapia

Campo da psicanálise. Lida com a ideia de inconsciente e de como ele determina nosso comportamento.

Psicologia cognitiva

Campo que estuda os processos mentais por trás do comportamento, tendo inclusive diálogo com a neurociência.

Psicologia social

Foco na análise do comportamento do indivíduo e suas relações sociais, tendo intersecções com a sociologia.

Psicologia do desenvolvimento

Estudo das mudanças de comportamento do indivíduo ao longo da vida, relacionando-as com sua idade.

Devemos sempre considerar que as ciências humanas, assim como ocorre com as exatas em muitos casos, não se constrói de forma isolada. O que isso quer dizer? Imagine que você não será capaz de resolver a maior parte dos problemas da física sem que tenha conhecimento matemático. Ou seja, entre as duas ciências há uma intersecção importante e essencial. O mesmo ocorre com relação às ciências humanas, pensar, por exemplo, na psicologia sem levar em consideração a filosofia é complexo e restritivo.

Então o que você deve prestar à atenção diante de um texto de psicologia?



Mitos e lendas

- Muitos textos de psicologia fazem referência a mitos e lendas, tanto da antiguidade clássica quanto contos de fadas.
- Lembre-se do seu conhecimento nesses campos - e no diálogo que eles fazem com a disciplina de história - para compreender mais facilmente alguns textos e conceitos.

Problematizações

- Esteja atento a passagens que incitam reflexão pessoal ou debate. Expressões que abrem margem à interpretação ou muito taxativas podem ser um indicativo de ponto sensível a ser explorado, por exemplo, na sua redação.

Referências

- Muitos textos de sociologia fazem referência a outros autores ou situações externas. Esteja atento a isso, pois pode fazer referência a algo que você tenha maior familiaridade.
- Atenção a possíveis referências a atualidades. Muitos textos jornalísticos buscam explicações para ações cotidianas ou criminosas na psicologia.

Contextualização

- Quem escreveu esse texto e com que finalidade?
- Em que época o texto foi escrito? O que você se lembra sobre a história daquele período?
- Você conhece o autor do texto? Se sim, o que você sabe sobre ele?

7 Sociologia

O que é sociologia?

Veja essa definição fornecida pelo pesquisador, professor e sociólogo francês Raymond Aron:

*A **sociologia é o estudo, que pretende ser científico**, do social enquanto social, seja no nível elementar das relações interpessoais, seja no nível macroscópico de vastos conjuntos, como as classes, as nações, as civilizações ou, para empregar a expressão corrente, as sociedades globais¹. (grifos nossos)*

A Sociologia surgiu no contexto das transformações ocorridas na sociedade europeia do século XVIII e, especialmente, do século XIX. Isso porque foi nesse momento que ideias e contextos começaram a alterar a forma de perceber e analisar a realidade. **O iluminismo, no século XVIII, foi responsável por uma revolução no pensamento europeu ao valorizar a razão como fonte do conhecimento humano e, sobretudo, como fundamento da ação do ser humano.**

Nesse sentido, teve impacto profundo na forma de propor a organização política, social, cultural e econômica do mundo. Pretendia-se construir uma sociedade laica e racional livre

¹ ARON, Raymond. As etapas do Pensamento Sociológico. São Paulo: Martins Fontes/Ed. UnB. 1982, p. 9.



dos dogmas e obscurantismo religioso que legitimava o poder despótico dos reis absolutistas. **Por isso, tratava-se de criar procedimentos de reflexão e experiência.**

Nesse cenário intelectual, a ascensão da sociedade urbano-industrial capitalista gerava consequências que desafiavam as explicações mais tradicionais sobre a sociedade. Na verdade, esse modelo social surgido com a Revolução Industrial gerou problemas até então desconhecidos. Assim, **filosofias sociais foram aparecendo para dar conta de entender e de intervir na sociedade.**

O principal **fator científico, ou do campo do pensamento**, que contribuiu para o surgimento da Sociologia, como ciência fundamental das Ciências Sociais, foi a **aproximação da filosofia social com os princípios reguladores do mundo físico-natural** (a Biologia, a Química e a Física).

Até então, as Ciências Naturais eram as que mais apresentavam inovações em seus experimentos sobre os problemas observáveis da vida humana. Essas Ciências já haviam obtido êxitos no questionamento das explicações “sobrenaturais” ou metafísicas para fenômenos da vida **e, assim, trazido a RAZÃO para o centro das reflexões.**

Essa proximidade também ficou evidente quando o fundador do termo Sociologia, **Auguste Comte (1798-1857)** [fig. à direita], antes de pensar na palavra **Sociologia**, chegou a usar a expressão “**física social**”.



Estes são alguns dos assuntos sobre os quais a sociologia tem se debruçado há algum tempo:

Cidadania

Qualidade das pessoas que possuem direitos civis e políticos resguardados pelo Estado.

Comunicação

As relações entre as pessoas, tangenciando também nossa relação com a tecnologia.

Ideologia

Entendida aqui como sistema de ideias sustentadas por um grupo social e que defende os seus interesses econômicos, morais, políticos e religiosos.

Indústria Cultural

O sistema de produção de cultura, ligado principalmente à ideia de cultura de massa.

Trabalho

A condição do homem no mundo do trabalho e como este direciona a vida em sociedade.



Então a que você deve prestar à atenção diante de um texto de sociologia?

Tempo

- O momento em que o texto foi escrito pode dar pistas do assunto central a ser compreendido.

Possíveis conexões

- Mesmo tendo sido escritos em outros momentos históricos, os textos podem encontrar relações com o cotidiano. Essas relações podem ajudar você a interpretar um texto de sociologia.

Referências

- Muitos textos de sociologia fazem referência a outros autores ou situações externas. Esteja atento a isso, pois pode fazer referência a algo que você tenha maior familiaridade.

E as ciências exatas e biológicas?

O modo de interpretação de textos como esses é muito parecido com o que falamos até aqui. O mais importante é que você sempre se lembre de:

- Contextualizar a obra no seu **tempo e espaço**;
- Buscar **dados concretos** para análise; e
- Encontrar a **ideia central** do texto, ou seja, a tese que esse texto quer defender.

Pense nos textos teóricos como textos argumentativos!





8 Exercícios

1. (FUVEST/2020)

¹O feminismo negro não é uma luta meramente identitária, até ²porque branquitude e masculinidade também são ³identidades. Pensar feminismos negros é pensar projetos ⁴democráticos. Hoje afirmo isso com muita tranquilidade, mas ⁵minha experiência de vida foi marcada pelo incômodo de uma ⁶incompreensão fundamental. Não que eu buscasse respostas ⁷para tudo. Na maior parte da minha infância e adolescência, ⁸não tinha consciência de mim. Não sabia por que sentia ⁹vergonha de levantar a mão quando a professora fazia uma ¹⁰pergunta já supondo que eu não saberia a resposta. ¹¹Por que eu ficava isolada na hora do recreio. Por que os meninos ¹²diziam na minha cara que não queriam formar par com a ¹³“neguinha” na festa junina. Eu me sentia estranha ¹⁴inadequada, e, na maioria das vezes, fazia as coisas no ¹⁵automático, me esforçando para não ser notada.

Djamila Ribeiro, **Quem tem medo do feminismo negro?**

O trecho que melhor define a “incompreensão fundamental” (L.6) referida pela autora é:

- (A) “não que eu buscasse respostas para tudo” (L.6-7).
- (B) “não tinha consciência de mim” (L.8).
- (C) “Por que eu ficava isolada na hora do recreio” (L.10-11).
- (D) “me esforçando para não ser notada” (L.15).
- (E) “sentia vergonha de levantar a mão” (L.8-9).

2. (Mackenzie/2019)

⁰¹Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; ⁰²é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. ⁰³É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e ⁰⁴um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social ⁰⁵para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada ⁰⁶em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de ⁰⁷diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ⁰⁸ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; ⁰⁹não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, ¹⁰pois não se sabe como inferir sua unidade.

¹¹A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de ¹²classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos ¹³da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que ¹⁴não se presta a nenhuma outra classificação.



¹⁵A esse princípio de classificação poder-se-ia objetar que o ¹⁶ exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada ¹⁷ pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e ¹⁸ convencional, que deveria subordinar-se ao instinto natural em vez ¹⁹ de adiantar-se a ele.

Ferdinand de Saussure, **Curso de linguística geral**.

Assinale a alternativa correta.

- a) Conotação e figuras de linguagem, como metáfora e personificação, são marcas predominantes da linguagem empregada no texto.
- b) O texto é construído a partir da exploração destacada das comparações, que permitem apreender os interesses argumentativos do autor.
- c) Linguagem denotativa, em tom de efeito objetivo, caracteriza a construção textual.
- d) A subjetividade marcadamente presente no texto é resultante da exploração conotativa de expressões indiciais da 1ª. pessoa do singular.
- e) O recurso a diferentes referências a outros teóricos da área em discussão faz com que o texto possa ser caracterizado como um embate teórico de ideias.

Texto para as questões 3 a 8

A CONDIÇÃO HUMANA

A Vita Activa e a Condição Humana

Com a expressão *vita activa*, pretendo designar três atividades humanas fundamentais: labor, trabalho e ação. Trata-se de atividades fundamentais porque a cada uma delas corresponde uma das condições básicas mediante as quais a vida foi dada ao homem na Terra.

O labor é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo da vida. A condição humana do labor é a própria vida.

O trabalho é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana, existência esta não necessariamente contida no eterno ciclo vital da espécie, e cuja mortalidade não é compensada por este último. O trabalho produz um mundo “artificial” de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. Dentro de suas fronteiras habita cada vida individual, embora esse mundo se destine a sobreviver e a transcender todas as vidas individuais. A condição humana do trabalho é a mundanidade.

A ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo. Todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política; mas esta pluralidade é especificamente a condição – não apenas a *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quam*



- de toda a vida política. Assim, o idioma dos romanos – talvez o povo mais político que conhecemos – empregava como sinônimas as expressões “viver” e “estar entre os homens” (*inter homines esse*), ou “morrer” e “deixar de estar entre os homens” (*inter homines esse desinere*). Mas, em sua forma mais elementar, a condição humana da ação está implícita até mesmo em Gênesis (macho e fêmea Ele os criou), se entendermos que esta versão da criação do homem diverge, em princípio, da outra segundo a qual Deus originalmente criou o Homem (*adam*) – a ele, e não a eles, de sorte que a pluralidade dos seres humanos vem a ser o resultado da multiplicação¹. A ação seria um luxo desnecessário, uma caprichosa interferência com as leis gerais do comportamento, se os homens não passassem de repetições interminavelmente reproduzíveis do mesmo modelo, todas dotadas da mesma natureza e essência, tão previsíveis quanto a natureza e a essência de qualquer outra coisa. A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.

As três atividades e suas respectivas condições têm íntima relação com as condições mais gerais da existência humana: o nascimento e a morte, a natalidade e a mortalidade. O labor assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie. O trabalho e seu produto, o artefato humano, emprestam certa permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do corpo humano. A ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança, ou seja, para a história. O labor e o trabalho, bem como a ação, têm também raízes na natalidade, na medida em que sua tarefa é produzir e preservar o mundo para o constante influxo de recém-chegados que vêm a este mundo na qualidade de estranhos, além de prevê-los e levá-los em conta. Não obstante, das três atividades, a ação é a mais intimamente relacionada com a condição humana da natalidade; o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir. Neste sentido de iniciativa, todas as atividades humanas possuem um elemento de ação e, portanto, de natalidade. Além disto, como a ação é a atividade política por excelência, a natalidade, e não a mortalidade, pode constituir a categoria central do pensamento político, em contraposição ao pensamento metafísico.

A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência. O mundo no qual transcorre a *vita activa* consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas; mas, constantemente, as coisas que devem sua existência exclusivamente aos homens também condicionam os seus autores humanos. Além das condições nas quais a vida é dada ao homem na Terra e, até certo ponto, a partir delas, os homens constantemente criam as suas próprias condições que, a despeito de sua variabilidade e sua origem humana, possuem a mesma força condicionante das coisas naturais. O que quer que toque a vida humana ou entre em duradoura relação com ela, assume imediatamente o caráter de condição da existência humana. É por isso que os homens, independentemente do que façam, são sempre seres condicionados. Tudo o que espontaneamente adentra o mundo humano, ou para ele é trazido pelo esforço humano, torna-se parte da condição humana. O impacto da realidade do mundo sobre a existência humana é sentido e recebido como força condicionante. A objetividade do mundo – o seu caráter de coisa ou objeto – e a condição humana complementam-se uma à outra; por ser uma existência condicionada, a existência



humana seria impossível sem as coisas, e estas seriam um amontoado de artigos incoerentes, um não mundo, se esses artigos não fossem condicionantes da existência humana.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. pp. 15-17 (texto adaptado).

¹Quando se analisa o pensamento político pós-clássico, muito se pode aprender verificando-se qual das duas versões bíblicas da criação é citada. Assim, é típico da diferença entre os ensinamentos de Jesus de Nazareth e de Paulo o fato de que Jesus, discutindo a relação entre marido e mulher, refere-se a Gênesis 1:27 “Não tendes lido que quem criou o homem desde o princípio fê-los macho e fêmea” (Mateus 19:4), enquanto Paulo, em ocasião semelhante, insiste em que a mulher foi criada “do homem” e, portanto, “para o homem”, embora em seguida atenua um pouco a dependência: “nem o varão é sem mulher, nem a mulher sem o varão” (1 Cor.11:8-12). A diferença indica muito mais que uma atitude diferente em relação ao papel da mulher. Para Jesus, a fé era intimamente relacionada com a ação; para Paulo, a fé relacionava-se, antes de mais nada, com a salvação. Especialmente interessante a este respeito é Agostinho (De civitate Dei xii.21), que não só desconsidera inteiramente o que é dito em Gênesis 1:27, mas vê a diferença entre o homem e o animal no fato de ter sido o homem criado *unum ac singulum*, enquanto se ordenou aos animais que “passassem a existir vários de uma só vez” (*plura simul iussit existere*). Para Agostinho, a história da criação constitui boa oportunidade para salientar-se o caráter de espécie da vida animal, em oposição à singularidade da existência humana.

3. (IME/2018)

Leia atentamente os trechos do texto que foram recortados abaixo:

- I. A ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo;
- II. A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir;
- III. Além disto, como a ação é a atividade política por excelência, a natalidade, e não a mortalidade, pode constituir a categoria central do pensamento político, em contraposição ao pensamento metafísico.

Dentre as opções abaixo, uma está em desacordo com as ideias destacadas acima. Aponte-a.

- a) A marca da pluralidade entre os homens é anunciada como um dos alvos principais para pensamento a ser desenvolvido pela filósofa Hannah Arendt na obra aqui destacada.
- b) A individualidade é garantida apesar da pluralidade.
- c) A expressão “atividade política” que aparece no texto é uma referência direta à política partidária que reconhecemos nas sociedades ocidentais.



- d) Os três períodos destacados do texto revelam preocupações com questões relacionadas à ação e à alteridade.
- e) O período destacado em III anuncia a predisposição da autora em discutir inquietações filosóficas dando ênfase ao nascimento e não à morte.

4. (IME/2018)

Marque a opção, dentre os trechos a seguir retirados do texto, em que o conectivo destacado em negrito é um recurso coesivo sequencial, ou seja, promove progressão argumentativa.

- a) O labor é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, **cujos** crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo da vida.
- b) (...) Dentro de **suas** fronteiras habita cada vida individual,
- c) (...) O labor e o trabalho, bem como a ação, têm também raízes na natalidade, na medida em que **sua** tarefa é produzir e preservar o mundo
- d) para o constante influxo de recém-chegados **que** vêm a este mundo na qualidade de estranhos, além de prevê-los e levá-los em conta.
- e) **Não obstante**, das três atividades, a ação é a mais intimamente relacionada com a condição humana da natalidade;

5. (IME/2018)

Considere o trecho do texto abaixo, leia as assertivas e marque a alternativa correta:

O trabalho e seu produto, o artefato humano, emprestam certa permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do corpo humano.

I. ...“emprestam certa permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal” é consequência positiva do trabalho humano, uma vez que confere sentido e significado à sua efêmera vida na Terra.

II. A autora afirma que a vida humana é fútil devido ao fato de o produto do trabalho humano ser efêmero.

III. A autora afirma que a efemeridade da vida humana na Terra é aliviada pela eterna e durável permanência do artefato humano, o qual traz sentido e solução a quaisquer dificuldades que os homens possam enfrentar em sua existência.

- a) Apenas a assertiva I é verdadeira.
- b) Apenas a assertiva III é verdadeira.
- c) São verdadeiras apenas as assertivas I e II.
- d) São verdadeiras apenas as assertivas II e III.
- e) Todas as assertivas são verdadeiras.



6. (IME/2018)

Observe o trecho do texto abaixo destacado:

Não obstante, das três atividades, a ação é a mais intimamente relacionada com a condição humana da natalidade; o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir. Neste sentido de iniciativa, todas as atividades humanas possuem um elemento de ação e, portanto, de natalidade.

A ênfase na “condição humana da natalidade” justifica-se

- a) porque a ação de nascer apenas pode ocorrer a partir de um corpo feminino.
- b) pelas imbricadas relações entre o indivíduo e sua capacidade de agir, de iniciar algo, de trazer novidade ao mundo.
- c) pelo fato de ser uma escrita produzida a partir de um olhar feminino.
- d) por contradizer a questão metafísica relacionada à morte.
- e) por trazer junto dessa ênfase um apelo ao feminismo.

7. (IME/2018)

Leia atentamente o trecho abaixo destacado, retirado do texto.

Mas, em sua forma mais elementar, a condição humana da ação está implícita até mesmo em Gênesis (macho e fêmea Ele os criou), se entendermos que esta versão da criação do homem diverge, em princípio, da outra segundo a qual Deus originalmente criou o Homem (*adam*) – a ele, e não a eles, de sorte que a pluralidade dos seres humanos vem a ser o resultado da multiplicação.

Em (**macho e fêmea Ele os criou**) a forma pronominal **os** refere-se

- a) ao termo latino adam.
- b) ao elemento catafórico expresso pela palavra Deus.
- c) às palavras Homem e adam simultaneamente.
- d) à expressão “pluralidade dos seres humanos”.
- e) às palavras macho e fêmea.

8. (IME/2018)

Observe o trecho do texto abaixo destacado:

(...) A ação seria um luxo desnecessário, uma caprichosa interferência com as leis gerais do comportamento, se os homens não passassem de repetições interminavelmente reproduzíveis do mesmo modelo, todas dotadas da mesma natureza e essência, tão previsíveis quanto a natureza e a essência de qualquer outra coisa. (linhas 27 a 30).



A forma verbal seria, destacada no trecho acima,

- a) expressa surpresa ou indignação.
- b) fala de algo incerto.
- c) indica um fato que está condicionado a uma outra ação.
- d) introduz um pedido ou desejo de forma mais educada.
- e) trata de um acontecimento futuro em relação a outro já ocorrido.

9. (Mackenzie/2018)

A linguagem permite que as crianças engatem em conversas articuladas anos antes de entrar numa escola. Mas a palavra escrita é uma invenção recente que não deixou marcas em nosso genoma e precisa ser adquirida mediante esforço ao longo da infância e depois.

A fala e a escrita diferem em seus mecanismos, é claro, e essa é uma das razões pelas quais as crianças precisam lutar com a escrita: reproduzir os sons da língua com um lápis ou com o teclado requer prática. Mas a fala e a escrita diferem também de outra maneira, o que faz da aquisição da escrita um desafio para toda uma vida, mesmo depois que seu funcionamento foi dominado. Falar e escrever envolvem tipos diferentes de relacionamentos humanos, e somente o que diz respeito à fala nos chega naturalmente. A conversação falada é instintiva porque a interação social é instintiva: falamos às pessoas “com quem temos diálogo”. Quando começamos um diálogo com nossos interlocutores, temos uma suposição do que já sabem e do que poderiam estar interessados em aprender, e durante a conversa monitoramos seus olhares, expressões faciais e atitudes. Se eles precisam de esclarecimentos, ou não conseguem aceitar uma afirmação, ou têm algo a acrescentar, podem interromper ou replicar.

Não gozamos dessa troca de feedbacks quando lançamos ao vento um texto. Os destinatários são invisíveis e imperscrutáveis, e temos que chegar até eles sem conhecê-los bem ou sem ver suas reações. No momento em que escrevemos, o leitor existe somente em nossa imaginação. Escrever é, antes de tudo, um ato de faz de conta. Temos de nos imaginar em algum tipo de conversa, ou correspondência, ou discurso, ou solilóquio, e colocar palavras na boca do pequeno avatar que nos representa nesse mundo simulado.

Adaptado de Steven Pinker, **Guia de Escrita**

Observe as afirmações seguintes.

- I. Na construção a palavra falada é mais velha do que nossa espécie (Refs. 1-2) há o emprego da figura de linguagem reconhecida como comparação.
- II. No trecho as crianças precisam lutar com a escrita (Ref. 8), há emprego metafórico do verbo lutar.
- III. Nos trechos A fala e a escrita diferem em seus mecanismos (Ref. 7) e Mas a fala e a escrita diferem também (Ref. 10), é possível apontar a presença de uma construção textual que se utiliza do paralelismo.

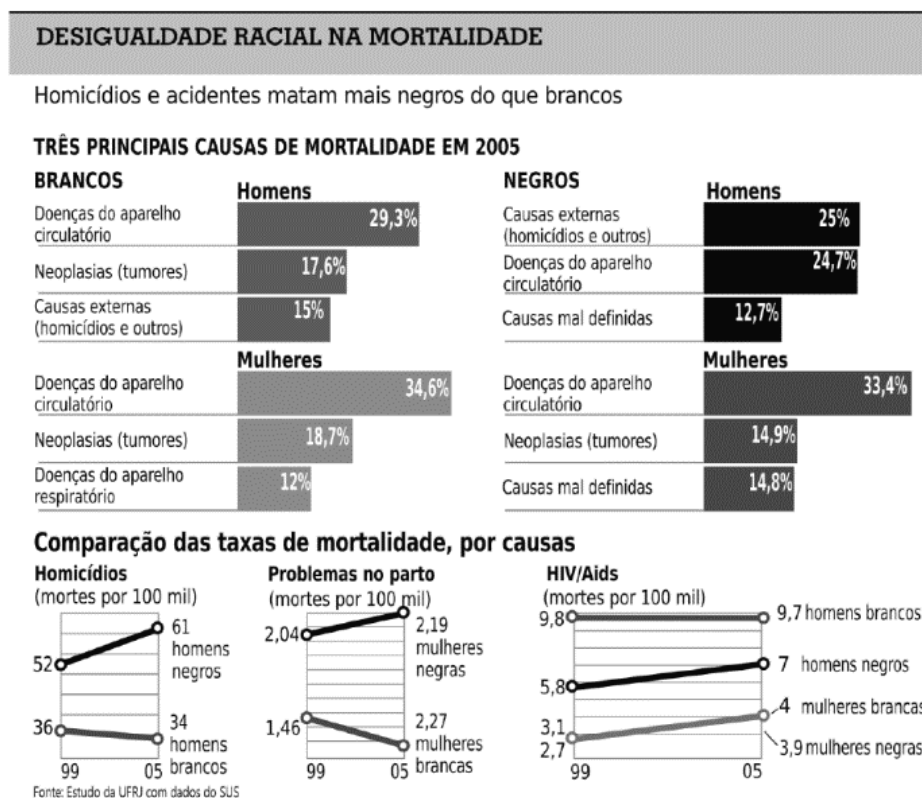


Assinale a alternativa correta.

- a) Estão corretas as afirmações I e II.
- b) Estão corretas as afirmações I e III.
- c) Estão corretas as afirmações II e III.
- d) Todas as afirmações estão corretas.
- e) Nenhuma das afirmações está correta.

10. (UFU/2017)

Analise o infográfico a seguir:



Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://rede.novaescolaclub.org.br/planos-de-aula/interpretacao-de-texto-com-auxilio-de-materiais-graficos>>. Acesso em: 26 abr. 2017. (Adaptado).

Pode-se, a partir das informações do infográfico, constatar que:

- a) Entre 1999 e 2005, o índice de morte causado por problemas no parto variou em sentido diametralmente oposto entre mulheres brancas e negras.
- b) Homens negros são mais vítimas de homicídios do que mulheres negras.
- c) Em ordem crescente, as maiores vítimas de homicídios são: mulheres brancas, homens negros, homens brancos, mulheres negras.
- d) Mulheres negras têm mais problemas no parto em função do acesso dificultado ao sistema público de saúde.



Texto para as questões 11 a 13

Considere o trecho do Código de Defesa do Consumidor (Lei no 8.078 de 11 de setembro de 1990).

Art. 6º São direitos básicos do consumidor:

- I – a proteção da vida, saúde e segurança contra os riscos provocados por práticas no fornecimento de produtos e serviços considerados perigosos ou nocivos;
- II – a educação e divulgação sobre o consumo adequado dos produtos e serviços, asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade nas contratações;
- III – a informação adequada e clara sobre os diferentes produtos e serviços, com especificação correta de quantidade, características, composição, qualidade, tributos incidentes e preço, bem como sobre os riscos que apresentem;
- IV – a proteção contra a publicidade enganosa e abusiva, métodos comerciais coercitivos ou desleais, bem como contra práticas e cláusulas abusivas ou impostas no fornecimento de produtos e serviços;
- V – a modificação das cláusulas contratuais que estabeleçam prestações desproporcionais ou sua revisão em razão de fatos supervenientes que as tornem excessivamente onerosas;
- VI – a efetiva prevenção e reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos e difusos;
- VII – o acesso aos órgãos judiciários e administrativos com vistas à prevenção ou reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos ou difusos, assegurada a proteção Jurídica, administrativa e técnica aos necessitados;
- VIII – a facilitação da defesa de seus direitos, inclusive com a inversão do ônus da prova, a seu favor, no processo civil, quando, a critério do juiz, for verossímil a alegação ou quando for ele hipossuficiente, segundo as regras ordinárias de experiências;
- IX – a adequada e eficaz prestação dos serviços públicos em geral.

Art. 7º Os direitos previstos neste código não excluem outros decorrentes de tratados ou convenções internacionais de que o Brasil seja signatário, da legislação interna ordinária, de regulamentos expedidos pelas autoridades administrativas competentes, bem como dos que derivem dos princípios gerais do direito, analogia, costumes e equidade.

Parágrafo único. Tendo mais de um autor a ofensa, todos responderão solidariamente pela reparação dos danos previstos nas normas de consumo.

(www.planalto.gov.br)

11. (UNESP/2016)

A leitura do trecho do Código permite concluir que os direitos básicos do consumidor no Brasil se aplicam

- a) a produtos ou serviços de qualquer tipo e origem.
- b) apenas a produtos perecíveis, nacionais ou importados.



- c) apenas a aparelhos e utensílios produzidos no país.
- d) somente a produtos importados de países desenvolvidos.
- e) exclusivamente a serviços prestados por empresas nacionais.

12. (UNESP/2016)

De acordo com o inciso V,

- a) assegura-se ao consumidor a revisão de dispositivos contratuais que venham a tornar as prestações muito elevadas.
- b) toda e qualquer cláusula contratual poderá ser revista a qualquer momento pelo consumidor.
- c) assegura-se ao fornecedor o direito de cancelar a venda de produtos e serviços, em razão do aumento de seus custos.
- d) garante-se ao fornecedor dos produtos e serviços, caso julgue necessário, o direito de rever os valores das prestações.
- e) toda e qualquer cláusula contratual apenas poderá ser revista com o consentimento do fornecedor dos produtos e serviços.

13. (UNESP/2016)

O artigo 7º esclarece que os direitos previstos no Código

- a) não permitem que fornecedores internacionais de produtos e serviços sejam penalizados.
- b) não implicam a perda de outros estipulados em tratados internacionais ou na legislação interna do país.
- c) perdem o efeito diante de leis ou tratados internacionais sobre consumo.
- d) podem ser anulados a qualquer tempo por decisão unilateral do governo federal.
- e) são válidos mesmo que infrinjam os princípios gerais que norteiam o direito.

14. (ITA/2016)

Com o declínio da velha lavoura e a quase concomitante ascensão dos centros urbanos, precipitada grandemente pela vinda, em 1808, da Corte Portuguesa e depois pela Independência, os senhorios rurais principiam a perder muito de sua posição privilegiada e singular. Outras ocupações reclamam agora igual eminência, ocupações nitidamente citadinas, como a atividade política, a burocracia, as profissões liberais.

É bem compreensível que semelhantes ocupações venham a caber, em primeiro lugar, à gente principal do país, toda ela constituída de lavradores e donos de engenhos. E que, transportada de súbito para as cidades, essa gente carregue consigo a mentalidade, os preconceitos e, tanto quanto possível, o teor de vida que tinham sido atributos específicos de sua primitiva condição.



Não parece absurdo relacionar a tal circunstância um traço constante de nossa vida social: a posição suprema que nela detêm, de ordinário, certas qualidades de imaginação e “inteligência”, em prejuízo das manifestações do espírito prático ou positivo. O prestígio universal do “talento”, com o timbre particular que recebe essa palavra nas regiões, sobretudo, onde deixou vinco mais forte a lavoura colonial e escravocrata, como o são eminentemente as do Nordeste do Brasil, provém sem dúvida do maior decoro que parece conferir a qualquer indivíduo o simples exercício da inteligência, em contraste com as atividades que requerem algum esforço físico.

O trabalho mental, que não suja as mãos e não fatiga o corpo, pode constituir, com efeito, ocupação em todos os sentidos digna de antigos senhores de escravos e dos seus herdeiros. Não significa forçosamente, neste caso, amor ao pensamento especulativo, – a verdade é que, embora presumindo o contrário, dedicamos, de modo geral, pouca estima às especulações intelectuais – mas amor à frase sonora, ao verbo espontâneo e abundante, à erudição ostentosa, à expressão rara. E que para bem corresponder ao papel que, mesmo sem o saber, lhe conferimos, inteligência há de ser ornamento e prenda, não instrumento de conhecimento e de ação.

Numa sociedade como a nossa, em que certas virtudes senhoriais ainda merecem largo crédito, as qualidades do espírito substituem, não raro, os títulos honoríficos, e alguns dos seus distintivos materiais, como o anel de grau e a carta de bacharel, podem equivaler a autênticos brasões de nobreza. Aliás, o exercício dessas qualidades que ocupam a inteligência sem ocupar os braços, tinha sido expressamente considerado, já em outras épocas, como pertinente aos homens nobres e livres, de onde, segundo parece, o nome de liberais dado a determinadas artes, em oposição às mecânicas que pertencem às classes servis.

(Sérgio Buarque de Holanda. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984, p. 50-51)

No texto, há predominância do tom

- a) saudosista.
- b) crítico.
- c) sarcástico.
- d) cômico.
- e) revoltado

15. (UFU/2016)

¹ Para os gregos, o passado e o futuro são os dois grandes males da vida, ² por serem dimensões do tempo que não existem mais, ou não existem ainda, ³ que nos impedem de viver na única dimensão real: o presente. O passado nos ⁴ puxa para trás: se tivemos um passado feliz, ficamos nostálgicos. Se for um ⁵ passado triste, ele nos mergulha no que Spinoza batizou de “paixões tristes”: ⁶ arrependimentos, remorsos, vergonhas e culpas que amarguram a existência e ⁷ não deixam saborear o presente. Isso nos leva a procurar no futuro a esperança. ⁸ Porém, segundo os gregos, a esperança também esvazia o presente do seu ⁹ valor, em nome de um futuro incerto. Pensar que as coisas vão melhorar quando ¹⁰ trocarmos de carro, de corte de cabelo, de sapatos ou de amigos, é ilusão. A ¹¹ esperança



e a nostalgia, o futuro e o passado são “nadas”, pois o passado não ¹² existe mais e o futuro ainda não existe. Por causa deles, acabamos quase nunca ¹³ vivendo na única dimensão real do tempo: o presente. Sêneca, o grande estoico ¹⁴ romano, dizia que de tanto vivermos no passado e no futuro, “não vivemos”. ¹⁵ Chegamos, então, ao famoso *carpe diem* (“Aproveite o dia”) de Horácio. Temos ¹⁶ que colher o dia de hoje, sem nos deixar distrair pela preocupação do dia ¹⁷ seguinte ou pelas nostalgias passadas.

Planeta, edição 488, junho 2013 (fragmento).

O texto tece reflexões acerca do passado, do futuro e do presente, argumentando a favor da ideia de que se deve

- a) ter esperança no futuro, pois o passado não existe mais.
- b) viver o presente parcimoniosamente, pois o presente é real.
- c) ignorar o passado para que se viva bem o presente.
- d) experienciar o presente, a fim de saboreá-lo.

16. (UNESP/2016)

Leia o trecho extraído do livro *A dança do universo* do físico brasileiro Marcelo Gleiser.

Durante o século VI a.C., o comércio entre os vários Estados gregos cresceu em importância, e a riqueza gerada levou a uma melhoria das cidades e das condições de vida. O centro das atividades era em Mileto, uma cidade-Estado situada na parte sul da Jônia, hoje a costa mediterrânea da Turquia. Foi em Mileto que a primeira escola de filosofia pré-socrática floresceu. Sua origem marca o início da grande aventura intelectual que levaria, 2 mil anos depois, ao nascimento da ciência moderna. De acordo com Aristóteles, Tales de Mileto foi o fundador da filosofia ocidental.

A reputação de Tales era legendária. Usando seu conhecimento astronômico e meteorológico (provavelmente herdado dos babilônios), ele previu uma excelente colheita de azeitonas com um ano de antecedência. Sendo um homem prático, conseguiu dinheiro para alugar todas as prensas de azeite de oliva da região e, quando chegou o verão, os produtores de azeite de oliva tiveram que pagar a Tales pelo uso das prensas, que acabou fazendo uma fortuna.

Supostamente, Tales também previu um eclipse solar que ocorreu no dia 28 de maio de 585 a.C., que efetivamente causou o fim da guerra entre os lídios e os persas. Quando lhe perguntaram o que era difícil, Tales respondeu: “Conhecer a si próprio”. Quando lhe perguntaram o que era fácil, respondeu: “Dar conselhos”. Não é à toa que era considerado um dos Sete Homens Sábios da Grécia Antiga. No entanto, nem sempre ele era prático. Um dia, perdido em especulações abstratas, Tales caiu dentro de um poço. Esse acidente aparentemente feriu os sentimentos de uma jovem escrava que estava em frente ao poço, a qual comentou, de modo sarcástico, que Tales estava tão preocupado com os céus que nem conseguia ver as coisas que estavam a seus pés.

(*A dança do universo*, 2006. Adaptado.)



O sarcástico comentário da jovem escrava de que “Tales estava tão preocupado com os céus que nem conseguia ver as coisas que estavam a seus pés” (3º parágrafo) alude sobretudo à seguinte oposição:

- a) razão x loucura.
- b) determinação x hesitação.
- c) liberdade x escravidão.
- d) compaixão x aversão.
- e) abstração x concretude.

17. (ITA/2015)

Nos estudos de antropologia política de Pierre Clastres*, estudioso francês que conviveu durante muito tempo com tribos indígenas sul-americanas, menciona-se o fato de frequentemente os membros dessas tribos designarem a si mesmos com um vocábulo que em sua língua era sinônimo de “os homens” e reservavam para seus congêneres de tribos vizinhas termos como “ovos de piolho”, “subhomens” ou equivalentes com valor pejorativo.

Trago esta referência – que Clastres denomina etnocentrismo – eloquente de uma xenofobia em sociedades primitivas, porque ela é tentadora para propor origens precoces, quem sabe constitucionais ou genéticas, no ódio ou recusa das diferenças.

A mesma precocidade, dizem alguns, encontra-se nas crianças. Uma criança uruguaia, com clara ascendência europeia, como é comum em nosso país, resultado do genocídio indígena, denuncia, entre indignada e temerosa, sua repulsa a uma criança japonesa que entrou em sua classe (fato raro em nosso meio) e argumenta que sua linguagem lhe é incompreensível e seus traços são diferentes, incomuns.

Se as crianças e os primitivos reagem deste modo, poder-se-ia concluir – precipitadamente – que o que manifestam, de maneira tão primária e transparente, é algo que os desenvolvimentos posteriores da civilização tornarão evidente de forma mais complexa e sofisticada, mas com a mesma contundência elementar.

Por esse caminho, e com a tendência humana a buscar causalidades simples e lineares, estamos a um passo de “encontrar” explicações instintivas do ódio e da violência, em uma hierarquização em que a natureza precede a cultura, território de escolha das argumentações racistas. A “natureza” – o “biológico” como “a” origem ou “a” causa – operam como explicação segura e tranquilizadora ante questões que nos encurralam na ignorância e na insegurança de um saber parcial. [...]

(*) Pierre Clastres (1934-1977)

(VIÑAR, M. **O reconhecimento do próximo. Notas para pensar o ódio ao estrangeiro.** In: Caterina Koltai (org.) O estrangeiro. São Paulo: Escuta; Fapesp, 1998)

No Texto, pode-se depreender que a xenofobia

- a) é comum entre os primitivos e as crianças, por isso é inata.
- b) tem sempre como fator gerador a aparência diferente dos estrangeiros.
- c) pode ter níveis diferentes de sofisticação, dependendo do contexto social.



- d) ocorre apenas em relação aos estrangeiros oriundos de lugares distantes.
- e) é um sentimento incontrolável por parte de pessoas de qualquer cultura, por isso inevitável.

Texto para as questões 18 e 19

Considere o texto abaixo de um site especializado em esportes com instruções de treinamento para a corrida olímpica dos 1 500 metros.

Corrida – Prova 1 500 metros rasos

A prova dos 1 500 metros rasos, juntamente com a da milha (1 609 metros), característica dos países anglo-saxônicos, é considerada prova tática por excelência, sendo muito importante o conhecimento do ritmo e da fórmula a ser utilizada para vencer a prova. Os especialistas nessas distâncias são considerados completos homens de luta que, após um penoso esforço para resistir ao ataque dos adversários, recorrem a todas as suas energias restantes a fim de manter a posição de destaque conseguida durante a corrida, sem ceder ao constante assédio dos seus perseguidores.

[...] Para correr essa distância em um tempo aceitável, deve-se gastar o menor tempo possível no primeiro quarto da prova, devendo-se para tanto sair na frente dos adversários, sendo essencial o completo domínio das pernas, para em seguida normalizar o ritmo da corrida. No segundo quarto, deve-se diminuir o ritmo, a fim de trabalhar forte no restante da prova, sempre procurando dosar as energias, para não correr o risco de ser surpreendido por um adversário e ficar sem condições para a luta final.

Deve ser tomado cuidado para não se deixar enganar por algum adversário de condição inferior, que normalmente finge possuir energias que realmente não tem, com o intuito de minar o bom corredor, para que o companheiro da mesma equipe possa tirar proveito da situação e vencer a prova. Assim sendo, o corredor experiente saberá manter regularmente as suas passadas, sem deixar-se levar por esse tipo de artimanha. Conhecendo o estado de suas condições pessoais, o corredor saberá se é capaz de um sprint nos 200 metros finais, que é a distância ideal para quebrar a resistência de um adversário pouco experiente.

O corredor que possui resistência e velocidade pode conduzir a corrida segundo a sua conveniência, impondo os seus próprios meios de ação. Finalmente, ao ultrapassar um adversário, deve-se fazê-lo decidida e folgadoamente, procurando sempre impressioná-lo com sua ação enérgica. Também deve-se procurar manter sempre uma boa descontração muscular durante o desenvolvimento da corrida, nunca levar a cabeça para trás e encurtar as passadas para finalizar a prova.

(<http://treino-de-corrida.f1cf.com.br>)

18. (UNESP/2015)

Segundo o texto, antes desse tipo de corrida, é muito importante para o atleta

- a) verificar as condições climáticas para o dia da prova.
- b) analisar seus resultados em provas de que participou recentemente.



- c) analisar as características dos principais oponentes.
- d) planejar o desempenho adequado a cada uma das partes da prova.
- e) atentar para o modo como os outros atletas farão a largada.

19. (UNESP/2015)

No terceiro parágrafo, descreve-se uma “artimanha” nessa prova:

- a) simular falta de confiança em suas condições pessoais.
- b) largar bem lentamente, para disparar no meio da prova.
- c) manter regularmente as suas passadas, para não se cansar.
- d) imprimir grande velocidade, para extenuar um forte oponente.
- e) fingir que está perdendo terreno, para disparar no momento certo.

Texto para as questões 20 e 21

Considere a passagem de um livro de José Ribeiro sobre o folclore nacional.

Curupira

Na teogonia* tupi, o anhangá, gênio andante, espírito andejo ou vagabundo, destinava-se a proteger a caça do campo. Era imaginado, segundo a tradição colhida pelo Dr. Couto de Magalhães, sob a figura de um veado branco, com olhos de fogo.

Todo aquele que perseguisse um animal que estivesse amamentando corria o risco de ver Anhangá e a visão determinava logo a febre e, às vezes, a loucura. O caapora é o mesmo tipo mítico encontrado nas regiões central e meridional e aí representado por um homem enorme coberto de pelos negros por todo o rosto e por todo o corpo, ao qual se confiou a proteção da caça do mato. Tristonho e taciturno, anda sempre montado em um porco de grandes dimensões, dando de quando em vez um grito para impelir a vara. Quem o encontra adquire logo a certeza de ficar infeliz e de ser mal sucedido em tudo que intentar. Dele se originaram as expressões portuguesas caipora e caiporismo, como sinônimo de má sorte, infelicidade, desdita nos negócios. Bilac assim o descreve: “Companheiro do curupira, ou sua duplicata, é o Caapora, ora gigante, ora anão, montado num caititu, e cavalgando à frente de varas de porcos do mato, fumando cachimbo ou cigarro, pedindo fogo aos viajores; à frente dele voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando o caminho”.

Ambos representam um só mito com diferente configuração e a mesma identidade com o curupira e o jurupari, numes que guardam a floresta. Todos convergem mais ou menos para o mesmo fim, sendo que o curupira é representado na região setentrional por um “pequeno tapuio” com os pés voltados para trás e sem os orifícios necessários para as secreções indispensáveis à vida, pelo que a gente do Pará diz que ele é músico. O Curupira ou Currupira, como é chamado no sul, aliás erroneamente, figura em uma infinidade de lendas tanto no norte como no sul do Brasil. No Pará, quando se viaja pelos rios e se ouve alguma pancada longínqua no meio dos bosques, “os romeiros dizem que é o Curupira que está batendo nas sapupemas, a ver se as árvores estão suficientemente fortes para sofrerem



a ação de alguma tempestade que está próxima. A função do Curupira é proteger as florestas. Todo aquele que derriba, ou por qualquer modo estraga inutilmente as árvores, é punido por ele com a pena de errar tempos imensos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho de casa, ou meio algum de chegar até os seus”. Como se vê, qualquer desses tipos é a manifestação de um só mito em regiões e circunstâncias diferentes.

(O Brasil no folclore, 1970.)

(*) Teogonia, s.f.: 1. Filos. Doutrina mística relativa ao nascimento dos deuses, e que frequentemente se relaciona com a formação do mundo. 2. Conjunto de divindades cujo culto forma o sistema religioso dum povo politeísta. (Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI.)

20. (UNESP/2013)

Anhangá e Caapora se identificam, segundo o texto, pelo fato de caracterizarem

- a) um mesmo tipo mítico com aparências diferentes.
- b) a influência do cristianismo nas lendas dos indígenas.
- c) a reação dos colonizadores ao impacto destruidor dos indígenas.
- d) a presença da mitologia grega nas lendas aborígenes.
- e) lendas trazidas da Europa pelos portugueses.

21. (UNESP/2013)

Tomando por base as informações do texto, as ações de Anhangá, Caapora e Curupira seriam consideradas, na atualidade,

- a) poéticas.
- b) ecológicas.
- c) comerciais.
- d) estéticas.
- e) esportivas.

Texto para as questões 22 a 25

¹Com o advento da internet, criam-se novos mecanismos para quem busca ser uma celebridade ou tornar-se, pelo menos, conhecido. Um exemplo disso é a utilização das redes sociais – o *Facebook*, *Twitter* e o *Orkut*, entre outros – pelos aspirantes a famosos, que desejam alcançar os seus quinze minutos de fama – previstos por Andy Warhol em 1960 –, por meio da utilização dessas ferramentas. Essas redes, que surgiram prioritariamente como um ⁵agente para a integração social, criam um ambiente propício para o exibicionismo e o *voyerismo* (prática que consiste no prazer a partir da observação de outras pessoas), onde ser contemplado é o que importa.

Sobre essa prática, Paula Sibília, professora do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), comenta que a rede tem



proporcionado uma espécie de democratização na busca pelo estrelato. “A internet oferece um *outdoor* com espaço para todos: nessas vitrines mais populares, qualquer um ¹⁰pode ser visto como tem direito. As opções são inumeráveis e não cessam de se multiplicar: *blogs, fotologs, Orkut, Facebook, MySpace, Twitter, Youtube* e um longo etcétera”.

O temor da chamada “invasão de privacidade”, segundo a professora, dá espaço para o quase oposto: o aparecer, ser visto, contemplado e admirado. Para ela, o exibicionismo na rede ocorre a partir da necessidade que as pessoas têm de serem vistas, e como uma forma de confirmação de que existem e estão vivas. As pessoas mostram-se ¹⁵como um personagem, saciando a voracidade e a curiosidade de outras. “Tudo aquilo que antes concernia à pudica intimidade pessoal tem se ‘evadido’ do antigo espaço privado, transbordando seus limites, para invadir aquela esfera que antes se considerava pública. O que se busca nessa exposição voluntária, que anseia alcançar as telas globais, é se mostrar, justamente: constituir-se como um personagem visível. Por sua vez, essa nova legião de exibicionistas satisfaz outra vontade geral do público contemporâneo: o desejo de espionar e consumir vidas alheias”.

²⁰Cláudia da Silva Pereira, professora do Centro de Ciências Sociais, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, também acredita que na internet se cria um espaço para que as pessoas vivam outros personagens e consigam, deste modo, uma espécie de autorrealização pessoal. “Podemos ser ali o que desejarmos, construindo perfis de acordo com o que projetamos ser o ideal. Ou não. Afinal, a internet abre ainda mais espaço para condutas sociais desviantes que raramente poderiam se concretizar na vida *off-line*. Aderir a comunidades politicamente ²⁵incorretas, criar perfis falsos ou transitar por comunidades que consideramos ‘exóticas’ pode ser uma ótima maneira de buscar a experimentação e, conseqüentemente, a realização, da mesma forma”, conclui.

Sibília aponta ainda para a ruptura de um padrão de vida em que os muros já não protegem mais a privacidade individual. “Das *webcams* até os *paparazzi*, dos *blogs* e *fotologs* até *YouTube* e *MySpace*, das câmeras de vigilância até os *reality shows* e *talk shows*, a velha intimidade transformou-se em outra coisa. E agora está à vista de todos. ³⁰Ou, pelo menos é isso o que conseguem aqueles afortunados: os famosos”. Já Pereira lembra que a “espetacularização” do cotidiano atinge a todos, invariavelmente, ao utilizarem essas ferramentas sociais, levando a uma maior permissividade com relação ao que é restrito ou irrestrito, ao que é público e ao que é privado. “A própria ideia de fronteira é imprecisa em se tratando de internet. É evidente que existe a opção de se compartilhar ou não da intimidade na internet, existe até mesmo a opção de não participar de redes sociais *on-line*, mas esta já parece ser ³⁵uma escolha que limita o trânsito em diversos espaços sociais. A superexposição nas redes sociais *on-line* tem seus reflexos na vida *off-line*, assim como a simples ausência”.

Outra rede social em que a exposição está presente e nem sempre de maneira benéfica é o *Youtube*. Inúmeros são os casos de pessoas que se tornam famosas por meio da utilização dessa ferramenta, sem se importarem em ser reconhecidos por postarem vídeos de gosto duvidoso ou grotesco, confirmando a obsessão de muitos na busca ⁴⁰pela fama a qualquer custo. “Esses sujeitos têm fortalecido o hábito de serem reconhecidos pelo que fazem de transgressão e não por respeitarem a ordem social. Em toda prática de desvio de conduta, sempre podemos acreditar que o meio ou a ferramenta apenas facilitou o ato, que na verdade já havia no sujeito que o praticou uma predisposição para fazê-lo. Infelizmente, os valores de determinados grupos sociais são refletidos nessas práticas e as conseqüências podem ser a banalização desses atos, aumentando as probabilidades de



legitimá-las”, lembra Khater. Para ela, as ⁴⁵ pessoas não devem permitir que o virtual se sobreponha ao real. “Nós, seres humanos, precisamos da realidade, pois somos seres eminentemente sociais. Quando o virtual se sobrepõe ao real, nos sentimos vazios, pois sabemos da nossa necessidade de real aprovação em nosso meio social”.

Ainda, na contramão dos que buscam o reconhecimento, muitos famosos e celebridades encontram nas redes sociais uma forma de se aproximar das pessoas comuns, do seu público, de seus fãs. Artistas, jornalistas, músicos ⁵⁰ e público interagem de uma maneira mais natural. “É praticamente imperativo que uma celebridade mantenha um perfil no *Twitter* ou no *Facebook*, caso contrário ela simplesmente não existe no ambiente *on-line*. Desta forma, o público se aproxima daqueles que o sociólogo e filósofo Edgar Morin um dia chamou de ‘olimpianos’, aqueles que se veem obrigados a descer de seus altares dos meios de comunicação de massa para interagir em 140 caracteres com as pessoas ‘comuns’. O fã torna-se íntimo do ídolo, o que retira dessa relação grande parte de sua magia”, ⁵⁵ defende Pereira.

Para Francisco Rüdiger, docente do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), as celebridades, ao migrarem para as redes sociais, têm seus carismas submetidos a testes cotidianos e banais. “As redes sociais abriram aos fãs a possibilidade de articular, mais ampla e cotidianamente, o culto de seus ídolos mas, por outro lado, atraíram estes últimos para um terreno onde sua capacidade de gerenciar a própria ⁶⁰ imagem e influência é muito mais fraca ou instável. As celebridades não podem ficar fora das redes, se quiserem continuar sendo celebridades, mas a redução da distância que assim se instala, converte-se em fonte de perigo para sua condição”, acredita.

Ferrari aponta para o fim do antigo esquema celebridade-mídia-público. Pois, agora, os fãs podem interagir diretamente com seus ídolos (e vice-versa), sem precisar de intermediário. “As mídias sociais tiraram os intermediários, ⁶⁵ ou seja, a grande mídia. Hoje uma celebridade interage diretamente com seus fãs pelo *Twitter*, *Facebook*, *MySpace* etc. O *feedback* é instantâneo”, conclui.

Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=59&id=751&tipo=0>>. Acesso em: 12 de set. 2010. (Texto modificado)

22. (UFU/2011)

Assinale a **ÚNICA** alternativa que **NÃO** expressa ideias contidas no texto.

- a) A internet favorece o paradoxo da privacidade: as mesmas pessoas que se afligem por estar vulneráveis à espionagem digital desvelam sua intimidade *on-line*.
- b) A internet cria o paradoxo da celebridade: a celebridade não pode deixar de participar das redes, mas a participação na rede contribui para uma mudança de sua condição de celebridade.
- c) A internet favorece a espetacularização do cotidiano e os quinze minutos de fama de seus participantes.
- d) O texto defende a tese de que a internet, por democratizar a busca do estrelato, permite às pessoas a autorrealização.



23. (UFU/2011)

Assinale a **ÚNICA** alternativa que **NÃO** contém uma característica da superexposição pela internet.

- a) Vitrines sofisticadas.
- b) Sobreposição do virtual ao real.
- c) Obsessão pela busca da fama.
- d) Banalização da transgressão.

24. (UFU/2011)

Observe as afirmativas abaixo.

- I. Hoje não temos mais a opção de não participar de redes sociais *on-line*, porque o feedback é instantâneo.
- II. Muitos famosos e celebridades encontram nas redes sociais uma forma de se aproximar das pessoas comuns, para terem reconhecimento.
- III. O fato de uma celebridade interagir diretamente com seus fãs pela rede faz com que sua capacidade de gerenciar a própria vida fique prejudicada.
- IV. O conceito de privacidade esvaiu-se, porque o público busca, cada vez mais, espionar as vidas alheias.

Assinale a alternativa correta.

- a) Apenas III e IV.
- b) Apenas I e II.
- c) Apenas II e III.
- d) Apenas I e IV.

25. (UFU/2011)

Observe as afirmativas abaixo.

- I. “Com o advento da internet, criam-se novos mecanismos para quem busca ser uma celebridade ou tornar-se, pelo menos, conhecido.” (ref. 1)
- II. “A superexposição nas redes sociais *on-line* tem seus reflexos na vida *off-line*, assim como a simples ausência”. (ref. 35)
- III. “Essas redes, que surgiram prioritariamente como um agente para a integração social, criam um ambiente propício para o exibicionismo e o *voyerismo* [...]”. (refs. 1 e 5)
- IV. “Inúmeros são os casos de pessoas que se tornam famosas por meio da utilização dessa ferramenta”. (ref. 35)



De acordo com o texto, assinale a **ÚNICA** alternativa correta.

- a) III e IV expressam, respectivamente, fato e opinião.
- b) II e III expressam, respectivamente, fato e opinião.
- c) I e II expressam, respectivamente, fato e opinião.
- d) I e IV expressam, respectivamente, fato e opinião.

O QUE NOSSAS METÁFORAS DIZEM DE NÓS

Para o poeta Robert Frost, a vida era um caminho que passa por encruzilhadas inevitáveis; para Fernando Pessoa, uma sombra que passa sobre um rio. Shakespeare via o mundo como um palco e Scott Fitzgerald percebia os seres humanos como barcos contra a corrente. Metáforas como essas nos rodeiam, mas não só quando seguramos um livro nas mãos. Em nosso uso cotidiano da língua, elas são tão presentes que nem sequer percebemos. São exemplos “teto de vidro impede a carreira das mulheres”, “a bolha do aluguel”, “cortar o mal pela raiz”. Considerada a forma por excelência da linguagem figurada, a metáfora às vezes é tida como mero embelezamento do discurso.

Entretanto, desde 1980, com a publicação do livro *Metáforas da vida cotidiana*, essa figura retórica recuperou seu protagonismo. Os autores George Lakoff e Mark Johnson mostraram que as alegorias desenham o mapa conceitual a partir do qual observamos, pensamos e agimos. Com frequência são nossa bússola invisível, orientando tanto os gestos instintivos que fazemos como as decisões mais importantes que tomamos. É muito provável que aqueles que concebem a vida como uma cruz e os que a entendem como uma viagem não reajam da mesma forma ante um mesmo dilema. As metáforas são ferramentas eficazes e de múltiplas utilidades. Ao partir de elementos já conhecidos, nos ajudam a examinar realidades, conceitos e teorias novas de uma maneira prática. Também nos servem para abordar experiências traumáticas nas quais a linguagem literal se revela impotente. São vigorosos atalhos que a mente usa para assimilar situações complexas em que a literalidade acaba sendo tediosa, limitada e confusa. É mais fácil para nós entender que a depressão é uma espécie de buraco negro e que o DNA é o manual de instruções de cada ser vivo.

As figurações dão coesão às identidades coletivas, pois circulam sem cessar até se incorporarem à linguagem cotidiana. Há alguns anos, os psicólogos Paul Thibodeau e Lera Boroditsky, da Universidade Stanford (E.U.A.), analisaram os resultados de um debate sobre políticas contra a criminalidade que recorria a duas metáforas. Quando o problema era ilustrado como se houvesse predadores devorando a comunidade, a resposta era endurecer a vigilância policial e aplicar leis mais severas. No entanto, quando o problema era exposto como um vírus infectando a cidade, a opção era a de adotar medidas para erradicar a desigualdade e melhorar a educação. Comparações ruins levam a políticas ruins, escreveu o Nobel de Economia Paul Krugman.

No campo da medicina, tem havido mudanças de paradigma no que diz respeito ao impacto emocional das metáforas. Num recente seminário organizado pela Universidade de Navarra (Espanha), a linguista Elena Semino dissertou sobre os efeitos de abordar o câncer como se fosse uma guerra, provocando sensações negativas quando o paciente acredita estar “perdendo a batalha”, mesmo que isso possa ser estimulante para outros. O erro, segundo a especialista, reside em misturar os campos semânticos da guerra



e da saúde. Para corrigir essa questão, a linguista elabora o que chama de “cardápio de metáforas”, para que médicos e pacientes enfrentem a doença de forma mais construtiva.

As boas metáforas nos trazem outras perspectivas, fronteiras menos rígidas e novas categorizações que substituem aquelas já desgastadas.

MARTA REBÓN Adaptado de brasil.elpais.com, 11/04/2018.

26. (UERJ/2020.2)

Considerada a forma por excelência da linguagem figurada, a metáfora às vezes é tida como mero embelezamento do discurso. (l. 6-7)

Com a ampliação da visão sobre o papel da metáfora, ressalta-se a seguinte propriedade dessa figura de linguagem:

- (A) atua na organização das percepções de mundo
- (B) induz ao esquecimento das vivências negativas
- (C) delimita a fronteira entre saberes comuns e científicos
- (D) possibilita o contato entre concepções culturais distintas

27. (UERJ/2020.2)

É mais fácil para nós entender que a depressão é uma espécie de buraco negro e que o DNA é o manual de instruções de cada ser vivo. (l. 18-19)

Na argumentação do segundo parágrafo, a frase citada configura um recurso de:

- (A) ênfase
- (B) causalidade
- (C) conceituação
- (D) exemplificação

28. (UERJ/2020.2)

No texto, apresenta-se o princípio que estrutura as metáforas por meio da seguinte palavra sublinhada:

- (A) examinar realidades, conceitos e teorias novas de uma maneira prática. (l. 15)
- (B) situações complexas em que a literalidade acaba sendo tediosa, (l. 17-18)
- (C) Comparações ruins levam a políticas ruins, (l. 26-27)
- (D) No campo da medicina, tem havido mudanças de paradigma (l. 28)



COM A LAMA NA ALMA

Metáforas são um perigo. Quando rompem suas barragens de figuração e jorram pelas encostas do sentido literal, fenômeno menos raro do que parece, têm grande poder de destruição física. Veja-se o proverbial “mar de lama”. Na crise que conduziu ao suicídio de Getúlio Vargas em 1954, a expressão brandida pela UDN no parlamento e na imprensa virou um dos mais poderosos bordões da política brasileira em todos os tempos.

É a senha definitiva da denúncia – meio justificada, meio histórica – de uma corrupção supostamente universal e sem freios instalada no seio do populismo de esquerda, arma de mobilização eleitoral que o populismo de direita não inventou agora.

Curiosamente, a paternidade de “mar de lama” é atribuída ao próprio Vargas, que com imagem tão gráfica teria expressado a um coronel da Aeronáutica sua decepção com as jogadas corruptas de Gregório Fortunato, chefe de sua guarda pessoal. Mas essa é outra história.

“Mar de lama” virou chavão, metáfora morta, mas em sua origem era uma imagem potente. É claro que, entre aquele Brasil dos anos 1950, que mal engatinhava esperançosamente na modernidade, e o de agora, mistura grotesca e já exausta de arcaico e pós-moderno, o mar de lama do Palácio do Catete ganhou um ar até bucólico de poça d’água, mas não é disso que quero falar aqui. O que me interessa é a história de uma boa metáfora.

Na tradição rural – vastíssima nos sentidos geográfico e histórico – em que o Brasil nasceu e foi criado, a lama simboliza o atraso. A urbanização é uma guerra contra ela. Carros de boi atolavam na lama, vacas iam para o brejo.

Além do atraso, coube à lama simbolizar a pobreza e a sujeira física e moral a ela associada: metiam-se os pés cascudos no barro, emporcalhavam-se os tratadores de porcos em chiqueiros, enlameavam-se reputações, chafurdava-se em charcos.

Pode parecer que, definitivamente suja, a lama tem o mesmo conjunto de sentidos em qualquer cultura, mas não é assim. No repertório de diversos povos da antiguidade, a principal força simbólica da pasta de terra e água é positiva à beça: liga-se à criação da vida.

Na mitologia de gregos, sumérios, egípcios, chineses, hindus, iorubás e, claro, no próprio “Gênese”, a humanidade foi moldada por mãos divinas tendo por matéria-prima algum tipo de argila, o que pode estar mais perto da verdade do que se imagina.

O oceano goza de boa reputação científica como provável criadouro da vida na Terra, mas nunca abafou por completo a teoria do “laguinho morno” – cheio de lama, óbvio – que Charles Darwin propôs.

Com Mariana e, em versão incomparavelmente mais letal e absurda, Brumadinho, a velha lama brasileira, agora acrescida de toneladas de metais venenosos e desprezo, não se limita a romper as barragens do sentido figurado: soterra qualquer ligação com a vida que pudesse estar enterrada no barro.

Atraso, sujeira física e moral, tudo isso já parece pouco. Nossa lama simboliza a morte, ponto. Estamos enlameados até a alma.

SÉRGIO RODRIGUES. Adaptado de www1.folha.uol.com.br, 31/01/2019.



29. (UERJ/2020.2)

A história da expressão “mar de lama”, relatada por Sérgio Rodrigues, reforça uma ideia apontada no texto ***O que nossas metáforas dizem de nós.***

Essa ideia está sintetizada na seguinte frase do texto base:

- (A) Com frequência são nossa bússola invisível, orientando tanto os gestos instintivos que fazemos como as decisões mais importantes que tomamos. (l. 10-12)
- (B) É muito provável que aqueles que concebem a vida como uma cruz e os que a entendem como uma viagem não reajam da mesma forma ante um mesmo dilema. (l. 12-13)
- (C) As figurações dão coesão às identidades coletivas, pois circulam sem cessar até se incorporarem à linguagem cotidiana. (l. 20-21)
- (D) As boas metáforas nos trazem outras perspectivas, fronteiras menos rígidas e novas categorizações que substituem aquelas já desgastadas. (l. 36-37)

30. (UERJ/2020.2)

Metáforas são um perigo. (l. 1)

No primeiro parágrafo do texto Com a lama na alma, o autor dá um tratamento metafórico à própria metáfora.

Esse procedimento é exemplificado pelo seguinte trecho:

- (A) jorram pelas encostas do sentido literal, (l. 1-2)
- (B) fenômeno menos raro do que parece, (l. 2)
- (C) poder de destruição física. (l. 2)
- (D) expressão brandida pela UDN (l. 4)

31. (UERJ/2020.2)

Para expor um ponto de vista, o autor se vale de ironia no seguinte trecho:

- (A) arma de mobilização eleitoral que o populismo de direita não inventou agora. (l. 7-8)
- (B) o mar de lama do Palácio do Catete ganhou um ar até bucólico de poça d’água, (l. 14-15)
- (C) Na tradição rural – vastíssima nos sentidos geográfico e histórico (l. 17)
- (D) O oceano goza de boa reputação científica como provável criadouro da vida (l. 29)



32. (UERJ/2020.2)

Ao recuperar os sentidos atribuídos à palavra “lama”, Sérgio Rodrigues indica que as metáforas se caracterizam como:

- (A) emocionais
- (B) universais
- (C) racionais
- (D) culturais

SOBREVIVEREMOS NA TERRA?

Tenho interesse pessoal no tempo. Primeiro, meu *best-seller* chama-se *Uma breve história do tempo*. Segundo, por ser alguém que, aos 21 anos, foi informado pelos médicos de que teria apenas mais cinco anos de vida e que completou 76 anos em 2018. Tenho uma aguda e desconfortável consciência da passagem do tempo. Durante a maior parte da minha vida, convivi com a sensação de que estava fazendo hora extra.

Parece que nosso mundo enfrenta uma instabilidade política maior do que em qualquer outro momento. Uma grande quantidade de pessoas sente ter ficado para trás. Como resultado, temos nos voltado para políticos populistas, com experiência de governo limitada e cuja capacidade para tomar decisões ponderadas em uma crise ainda está para ser testada. A Terra sofre ameaças em tantas frentes que é difícil permanecer otimista. Os perigos são grandes e numerosos demais. O planeta está ficando pequeno para nós. Nossos recursos físicos estão se esgotando a uma velocidade alarmante. A mudança climática foi uma trágica dádiva humana ao planeta. Temperaturas cada vez mais elevadas, redução da calota polar, desmatamento, superpopulação, doenças, guerras, fome, escassez de água e extermínio de espécies; todos esses problemas poderiam ser resolvidos, mas até hoje não foram. O aquecimento global está sendo causado por todos nós. Queremos andar de carro, viajar e desfrutar um padrão de vida melhor. Mas quando as pessoas se derem conta do que está acontecendo, pode ser tarde demais.

Estamos no limiar de um período de mudança climática sem precedentes. No entanto, muitos políticos negam a mudança climática provocada pelo homem, ou a capacidade do homem de revertê-la. O derretimento das calotas polares ártica e antártica reduz a fração de energia solar refletida de volta no espaço e aumenta ainda mais a temperatura. A mudança climática pode destruir a Amazônia e outras florestas tropicais, eliminando uma das principais ferramentas para a remoção do dióxido de carbono da atmosfera. A elevação da temperatura dos oceanos pode provocar a liberação de grandes quantidades de dióxido de carbono. Ambos os fenômenos aumentariam o efeito estufa e exacerbariam o aquecimento global, tornando o clima em nosso planeta parecido com o de Vênus: atmosfera escaldante e chuva ácida a uma temperatura de 250 °C. A vida humana seria impossível. Precisamos ir além do Protocolo de Kyoto – o acordo internacional adotado em 1997 – e cortar imediatamente as emissões de carbono. Temos a tecnologia. Só precisamos de vontade política.

Quando enfrentamos crises parecidas no passado, havia algum outro lugar para colonizar. Estamos ficando sem espaço, e o único lugar para ir são outros mundos. Tenho esperança e fé de que nossa engenhosa raça encontrará uma maneira de escapar dos sombrios grilhões do planeta e, deste modo, sobreviver ao desastre. A mesma providência



talvez não seja possível para os milhões de outras espécies que vivem na Terra, e isso pesará em nossa consciência.

Mas somos, por natureza, exploradores. Somos motivados pela curiosidade, essa qualidade humana única. Foi a curiosidade obstinada que levou os exploradores a provar que a Terra não era plana, e é esse mesmo impulso que nos leva a viajar para as estrelas na velocidade do pensamento, instigando-nos a realmente chegar lá. E sempre que realizamos um grande salto, como nos pousos lunares, exaltamos a humanidade, unimos povos e nações, introduzimos novas descobertas e novas tecnologias. Deixar a Terra exige uma abordagem global combinada – todos devem participar.

STEPHEN HAWKING (1942-2018). Adaptado de **Breves respostas para grandes questões**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

33. (UERJ/2020)

Como resultado, temos nos voltado para políticos populistas, com experiência de governo limitada e cuja capacidade para tomar decisões ponderadas em uma crise ainda está para ser testada. (l. 7-9)

No trecho acima, Stephen Hawking faz uma afirmação cujo conteúdo se desdobra nas cinco frases subsequentes.

Essas cinco frases cumprem o propósito de:

- (A) justificar a estrutura econômica
- (B) relativizar as alterações ambientais
- (C) caracterizar a conjuntura internacional
- (D) exemplificar as ações institucionais

34. (UERJ/2020)

Ao enfatizar a atitude de curiosidade no último parágrafo, pode-se inferir a seguinte proposta do autor para o problema que debate:

- (A) estímulo a ações inovadoras
- (B) cautela com práticas antigas
- (C) confiança em soluções padronizadas
- (D) questionamento de decisões precipitadas

Física para poetas

O ensino da física sempre foi um grande desafio. Nos últimos anos, muitos esforços foram feitos com o objetivo de ensiná-la desde as séries iniciais do ensino fundamental, no contexto do ensino de ciências. Porém, como disciplina regular, a física aparece no ensino médio, quando se torna “um terror” para muitos estudantes.



Várias pesquisas vêm tentando identificar quais são as principais dificuldades do ensino de física e das ciências em geral. Em particular, a queixa que sempre se detecta é que os estudantes não conseguem compreender a linguagem matemática na qual, muitas vezes, os conceitos físicos são expressos. Outro ponto importante é que as questões que envolvem a física são apresentadas fora de uma contextualização do cotidiano das pessoas, o que dificulta seu aprendizado. Por fim, existe uma enorme carência de professores formados em física para ministrar as aulas da disciplina.

As pessoas que vão para o ensino superior e que não são da área de ciências exatas praticamente nunca mais têm contato com a física, da mesma maneira que os estudantes de física, engenharia e química poucas vezes voltam a ter contato com a literatura, a história e a sociologia. É triste notar que a especialização na formação dos indivíduos costuma deixá-los distantes de partes importantes da nossa cultura, da qual as ciências físicas e as humanidades fazem parte.

Mas vamos pensar em soluções. Há alguns anos, ofereço um curso chamado “Física para poetas”. A ideia não é original – ao contrário, é muito utilizada em diversos países e aqui mesmo no Brasil. Seu objetivo é apresentar a física sem o uso da linguagem matemática e tentar mostrá-la próxima ao cotidiano das pessoas. Procuro destacar a beleza dessa ciência, associando-a, por exemplo, à poesia e à música.

Alguns dos temas que trabalho em “Física para poetas” são inspirados nos artigos que publico. Por exemplo, “A busca pela compreensão cósmica” é uma das aulas, na qual apresento a evolução dos modelos que temos do universo. Começando pelas visões místicas e mitológicas e chegando até as modernas teorias cosmológicas, falo sobre a busca por responder a questões sobre a origem do universo e, conseqüentemente, a nossa origem, para compreendermos o nosso lugar no mundo e na história.

Na aula “Memórias de um carbono”, faço uma narrativa de um átomo de carbono contando sua história, em primeira pessoa, desde seu nascimento, em uma distante estrela que morreu há bilhões de anos, até o momento em que sai pelo nariz de uma pessoa respirando. Temas como astronomia, biologia, evolução e química surgem ao longo dessa aula, bem como as músicas “Átimo de pó” e “Estrela”, de Gilberto Gil, além da poesia “Psicologia de um vencido”, de Álvares de Azevedo.

Em “O tempo em nossas vidas”, apresento esse fascinante conceito que, na verdade, vai muito além da física: está presente em áreas como a filosofia, a biologia e a psicologia. Algumas músicas de Chico Buarque e Caetano Veloso, além de poesias de Vinicius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade, ajudaram nessa abordagem. Não faltou também “Tempo Rei”, de Gil.

A arte é uma forma importante do conhecimento humano. Se músicas e poesias inspiram as mentes e os corações, podemos mostrar que a ciência, em particular a física, também é algo inspirador e belo, capaz de criar certa poesia e encantar não somente aos físicos, mas a todos os poetas da natureza.

ADILSON DE OLIVEIRA. Adaptado de cienciahoje.org.br, 08/08/2016.



34. (UERJ/2019.2)

O trecho do texto de Adilson de Oliveira que melhor sintetiza o problema exposto acerca da abordagem da física é:

- (A) Várias pesquisas vêm tentando identificar quais são as principais dificuldades do ensino de física e das ciências em geral. (l. 5-6)
- (B) os estudantes não conseguem compreender a linguagem matemática na qual, muitas vezes, os conceitos físicos são expressos. (l. 6-8)
- (C) a especialização na formação dos indivíduos costuma deixá-los distantes de partes importantes da nossa cultura, da qual as ciências físicas e as humanidades fazem parte. (l. 15-16)
- (D) ofereço um curso chamado “Física para poetas”. A ideia não é original – ao contrário, é muito utilizada em diversos países e aqui mesmo no Brasil. (l. 17-18)

35. (UERJ/2019.2)

Para atingir seus propósitos, o curso oferecido pelo autor explora uma estratégia baseada no seguinte aspecto da linguagem:

- (A) registro formal
- (B) gêneros textuais
- (C) metáforas cristalizadas
- (D) vocábulos polissêmicos

36. (UERJ/2019.2)

Por exemplo, “A busca pela compreensão cósmica” é uma das aulas, na qual apresento a evolução dos modelos que temos do universo. (l. 23-24)

No trecho, a forma verbal sublinhada expressa uma ação que se caracteriza como:

- (A) interrompida
- (B) simultânea
- (C) concluída
- (D) reiterada

O DNA do racismo

Proponho ao leitor um simples experimento. Dirija-se a um local bastante movimentado e observe cuidadosamente as pessoas ao redor. Deverá logo saltar aos olhos que somos todos muito parecidos e, ao mesmo tempo, muito diferentes.

Realmente, podemos ver grandes similaridades no plano corporal, na postura ereta, na pele fina e na falta relativa de pelos, características da espécie humana que nos

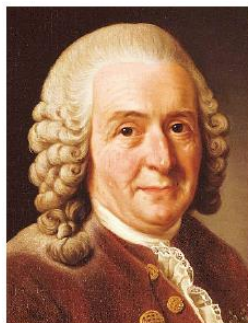


distinguem dos outros primatas. Por outro lado, serão evidentes as extraordinárias variações morfológicas entre as diferentes pessoas: sexo, idade, altura, peso, massa muscular, cor e textura dos cabelos, cor e formato dos olhos, cor da pele etc. *A priori*, não existe absolutamente nenhuma razão para valorizar mais uma ou outra dessas características no exercício de investigação.

Nem todos esses traços têm a mesma relevância. Há características que podem nos fornecer informações sobre a origem geográfica ancestral das pessoas: uma pele negra pode nos levar a inferir que a pessoa tem ancestrais africanos, olhos puxados evocam ancestralidade oriental etc. E isso é tudo: não há absolutamente mais nada que possamos captar à flor da pele. Pense bem. O que têm a pigmentação da pele, o formato e a cor dos olhos ou a textura do cabelo a ver com as qualidades humanas singulares que definam uma individualidade existencial?

Em nítido contraste com as conclusões do experimento de observação empírica acima, está a rigidez da classificação da humanidade feita pelo naturalista sueco Carl Linnaeus, em 1767. Ele apresentou, pela primeira vez na esfera científica, uma categorização da espécie humana, distinguindo quatro raças principais e qualificando-as de acordo com o que ele considerava suas características principais:

- *Homo sapiens europaeus*: branco, sério, forte;
- *Homo sapiens asiaticus*: amarelo, melancólico, avaro;
- *Homo sapiens afer*: negro, impassível, preguiçoso;
- *Homo sapiens americanus*: vermelho, mal-humorado, violento.



Carl Linnaeus (1707-1778)

Observe o leitor que as raças de Linnaeus continham traços peculiares fixos, ou seja, havia a expectativa de todos os europeus serem “brancos, sérios e fortes”. Assim, teríamos de esperar que as pessoas negras ao redor de nós tivessem tendências “impassíveis e preguiçosas”, e que as de olhos puxados fossem predispostas a “melancolia e avareza”.

Esse é um exemplo do absurdo da perspectiva essencialista ou tipológica de raças humanas. Nesse paradigma, o indivíduo não pode simplesmente ter a pele mais ou menos pigmentada, ou o cabelo mais ou menos crespo – ele tem de ser definido como “negro” ou “branco”, rótulo determinante de sua identidade.

Esse tipo de associação fixa de características físicas e psicológicas, que incrivelmente ainda persiste na atualidade, não faz absolutamente nenhum sentido do ponto de vista genético e biológico! O genoma humano tem cerca de 20 mil genes e sabemos que poucas dúzias deles controlam a pigmentação da pele e a aparência física



dos humanos. Está 100% estabelecido que esses genes não têm nenhuma influência sobre qualquer traço comportamental ou intelectual.

SÉRGIO DANILO PENA. Adaptado de cienciahoje.org.br, 11/07/2008.

37. (UERJ/2019.2)

O terceiro parágrafo contém uma conclusão acerca dos resultados do experimento descrito nos dois parágrafos anteriores.

Essa conclusão se baseia no seguinte posicionamento do autor:

- (A) afirmação de crenças excêntricas
- (B) valorização da racionalidade ocidental
- (C) desconsideração de opiniões polêmicas
- (D) contestação do determinismo biológico

38. (UERJ/2019.2)

- *Homo sapiens europaeus: branco, sério, forte;*
- *Homo sapiens asiaticus: amarelo, melancólico, avaro;*
- *Homo sapiens afer: negro, impassível, preguiçoso;*
- *Homo sapiens americanus: vermelho, mal-humorado, violento.* (l. 21-24)

Comparando as quatro categorias apresentadas pelo naturalista sueco Carl Linnaeus, a perspectiva adotada em sua classificação pode ser definida como:

- (A) neutra
- (B) parcial
- (C) universal
- (D) homogênea

39. (UERJ/2019.2)

No último parágrafo, o autor expressa uma crítica à teoria de Linnaeus, por reconhecer na classificação que este propôs o seguinte problema:

- (A) omissão
- (B) abstração
- (C) incorreção
- (D) fragmentação



40. (UERJ/2019.2)

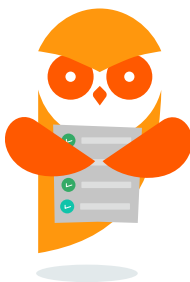
Está 100% estabelecido que esses genes não têm nenhuma influência sobre qualquer traço comportamental ou intelectual. (l. 37-38)

Para introduzir a frase acima, mantendo a coerência com a que a precede, pode ser utilizada a seguinte expressão:

- (A) ou seja
- (B) além disso
- (C) em resumo
- (D) por exemplo

9 Gabarito

GABARITO



- | | | |
|-------|-------|-------|
| 1. B | 15. D | 29. C |
| 2. C | 16. E | 30. A |
| 3. C | 17. C | 31. B |
| 4. E | 18. D | 32. D |
| 5. A | 19. D | 33. C |
| 6. B | 20. A | 34. B |
| 7. E | 21. B | 35. B |
| 8. C | 22. D | 36. C |
| 9. D | 23. A | 37. D |
| 10. B | 24. A | 38. B |
| 11. A | 25. C | 39. C |
| 12. A | 26. A | 40. B |
| 13. B | 27. D | |
| 14. B | 28. C | |



10 Questões Resolvidas e Comentadas

1. (FUVEST/2020)

¹O feminismo negro não é uma luta meramente identitária, até ²porque branquitude e masculinidade também são ³identidades. Pensar feminismos negros é pensar projetos ⁴democráticos. Hoje afirmo isso com muita tranquilidade, mas ⁵minha experiência de vida foi marcada pelo incômodo de uma ⁶incompreensão fundamental. Não que eu buscasse respostas ⁷para tudo. Na maior parte da minha infância e adolescência, ⁸não tinha consciência de mim. Não sabia por que sentia ⁹vergonha de levantar a mão quando a professora fazia uma ¹⁰pergunta já supondo que eu não saberia a resposta. ¹¹Por que eu ficava isolada na hora do recreio. Por que os meninos ¹²diziam na minha cara que não queriam formar par com a ¹³“neguinha” na festa junina. Eu me sentia estranha ¹⁴inadequada, e, na maioria das vezes, fazia as coisas no ¹⁵automático, me esforçando para não ser notada.

Djamila Ribeiro, **Quem tem medo do feminismo negro?**

O trecho que melhor define a “incompreensão fundamental” (L.6) referida pela autora é:

- (A) “não que eu buscasse respostas para tudo” (L.6-7).
- (B) “não tinha consciência de mim” (L.8).
- (C) “Por que eu ficava isolada na hora do recreio” (L.10-11).
- (D) “me esforçando para não ser notada” (L.15).
- (E) “sentia vergonha de levantar a mão” (L.8-9).

Comentários:

Alternativa “a”: incorreta. O conectivo “não que” indica uma contradição. Ela não buscava resposta para tudo, mas isso era uma opção pessoal dela, isso não se relaciona com a incompreensão.

Alternativa “b”: correta – gabarito. Essa incompreensão vem acompanhada do adjetivo “fundamental”, é algo constitutivo da personalidade dela, algo que ela não compreendia, uma certa inconsciência de si.

Alternativa “c”: incorreta. Essa é uma oração subordinada substantiva direta, para o verbo “sabia” que está na negativa. Mas há várias orações subordinadas iguais, separadas por ponto final.



Alternativa “d”: incorreta. Esse comportamento diz respeito a uma reação involuntária ao constante comportamento racista de seus colegas e por causa disso, conseqüentemente, o seu autorrebaixamento.

Alternativa “e”: incorreta. Ela se sentia insegura e tinha medo de ser julgada de burra, caso não soubesse uma resposta. Mas isso diz respeito diretamente à cor de sua pele e ao julgamento mais racial do que em relação à sua inteligência propriamente dita.

Gabarito: B

2. (Mackenzie/2019)

⁰¹Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; ⁰² é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. ⁰³ É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e ⁰⁴ um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social ⁰⁵ para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada ⁰⁶ em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de ⁰⁷ diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ⁰⁸ ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; ⁰⁹ não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, ¹⁰ pois não se sabe como inferir sua unidade.

¹¹A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de ¹² classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos ¹³ da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que ¹⁴ não se presta a nenhuma outra classificação.

¹⁵A esse princípio de classificação poder-se-ia objetar que o ¹⁶ exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada ¹⁷ pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e ¹⁸ convencional, que deveria subordinar-se ao instinto natural em vez ¹⁹ de adiantar-se a ele.

Ferdinand de Saussure, **Curso de linguística geral**.

Assinale a alternativa correta.

- a) Conotação e figuras de linguagem, como metáfora e personificação, são marcas predominantes da linguagem empregada no texto.
- b) O texto é construído a partir da exploração destacada das comparações, que permitem apreender os interesses argumentativos do autor.
- c) Linguagem denotativa, em tom de efeito objetivo, caracteriza a construção textual.
- d) A subjetividade marcadamente presente no texto é resultante da exploração conotativa de expressões indiciais da 1ª. pessoa do singular.



e) O recurso a diferentes referências a outros teóricos da área em discussão faz com que o texto possa ser caracterizado como um embate teórico de ideias.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois o texto tem cunho científico e, por isso, sua linguagem não é conotativa e não há uso abundante de figuras de linguagem.

A alternativa B está incorreta, pois o texto não traz uso abundante de comparações como estratégia argumentativa.

A alternativa C está correta, pois o texto de cunho científico de fato dá preferência para a linguagem denotativa e para o tom objetivo.

A alternativa D está incorreta, pois o texto não traz uma subjetividade marcante. Também não há uso de 1ª pessoa do singular.

A alternativa E está incorreta, pois não há referências a outros teóricos da área.

Gabarito: C

Texto para as questões 3 a 8

A CONDIÇÃO HUMANA

A Vita Activa e a Condição Humana

Com a expressão *vita activa*, pretendo designar três atividades humanas fundamentais: labor, trabalho e ação. Trata-se de atividades fundamentais porque a cada uma delas corresponde uma das condições básicas mediante as quais a vida foi dada ao homem na Terra.

O labor é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo da vida. A condição humana do labor é a própria vida.

O trabalho é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana, existência esta não necessariamente contida no eterno ciclo vital da espécie, e cuja mortalidade não é compensada por este último. O trabalho produz um mundo “artificial” de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. Dentro de suas fronteiras habita cada vida individual, embora esse mundo se destine a sobreviver e a transcender todas as vidas individuais. A condição humana do trabalho é a mundanidade.

A ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo. Todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política; mas esta pluralidade é especificamente a



condição – não apenas a *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quam* – de toda a vida política. Assim, o idioma dos romanos – talvez o povo mais político que conhecemos – empregava como sinônimas as expressões “viver” e “estar entre os homens” (*inter homines esse*), ou “morrer” e “deixar de estar entre os homens” (*inter homines esse desinere*). Mas, em sua forma mais elementar, a condição humana da ação está implícita até mesmo em Gênesis (macho e fêmea Ele os criou), se entendermos que esta versão da criação do homem diverge, em princípio, da outra segundo a qual Deus originalmente criou o Homem (*adam*) – a ele, e não a eles, de sorte que a pluralidade dos seres humanos vem a ser o resultado da multiplicação¹. A ação seria um luxo desnecessário, uma caprichosa interferência com as leis gerais do comportamento, se os homens não passassem de repetições interminavelmente reproduzíveis do mesmo modelo, todas dotadas da mesma natureza e essência, tão previsíveis quanto a natureza e a essência de qualquer outra coisa. A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.

As três atividades e suas respectivas condições têm íntima relação com as condições mais gerais da existência humana: o nascimento e a morte, a natalidade e a mortalidade. O labor assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie. O trabalho e seu produto, o artefato humano, emprestam certa permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do corpo humano. A ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança, ou seja, para a história. O labor e o trabalho, bem como a ação, têm também raízes na natalidade, na medida em que sua tarefa é produzir e preservar o mundo para o constante influxo de recém-chegados que vêm a este mundo na qualidade de estranhos, além de prevê-los e levá-los em conta. Não obstante, das três atividades, a ação é a mais intimamente relacionada com a condição humana da natalidade; o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir. Neste sentido de iniciativa, todas as atividades humanas possuem um elemento de ação e, portanto, de natalidade. Além disto, como a ação é a atividade política por excelência, a natalidade, e não a mortalidade, pode constituir a categoria central do pensamento político, em contraposição ao pensamento metafísico.

A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência. O mundo no qual transcorre a *vita activa* consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas; mas, constantemente, as coisas que devem sua existência exclusivamente aos homens também condicionam os seus autores humanos. Além das condições nas quais a vida é dada ao homem na Terra e, até certo ponto, a partir delas, os homens constantemente criam as suas próprias condições que, a despeito de sua variabilidade e sua origem humana, possuem a mesma força condicionante



das coisas naturais. O que quer que toque a vida humana ou entre em duradoura relação com ela, assume imediatamente o caráter de condição da existência humana. É por isso que os homens, independentemente do que façam, são sempre seres condicionados. Tudo o que espontaneamente adentra o mundo humano, ou para ele é trazido pelo esforço humano, torna-se parte da condição humana. O impacto da realidade do mundo sobre a existência humana é sentido e recebido como força condicionante. A objetividade do mundo – o seu caráter de coisa ou objeto – e a condição humana complementam-se uma à outra; por ser uma existência condicionada, a existência humana seria impossível sem as coisas, e estas seriam um amontoado de artigos incoerentes, um não mundo, se esses artigos não fossem condicionantes da existência humana.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. pp. 15-17 (texto adaptado).

¹Quando se analisa o pensamento político pós-clássico, muito se pode aprender verificando-se qual das duas versões bíblicas da criação é citada. Assim, é típico da diferença entre os ensinamentos de Jesus de Nazareth e de Paulo o fato de que Jesus, discutindo a relação entre marido e mulher, refere-se a Gênesis 1:27 “Não tendes lido que quem criou o homem desde o princípio fê-los macho e fêmea” (Mateus 19:4), enquanto Paulo, em ocasião semelhante, insiste em que a mulher foi criada “do homem” e, portanto, “para o homem”, embora em seguida atenuasse um pouco a dependência: “nem o varão é sem mulher, nem a mulher sem o varão” (1 Cor. 11:8-12). A diferença indica muito mais que uma atitude diferente em relação ao papel da mulher. Para Jesus, a fé era intimamente relacionada com a ação; para Paulo, a fé relacionava-se, antes de mais nada, com a salvação. Especialmente interessante a este respeito é Agostinho (De civitate Dei xii.21), que não só desconsidera inteiramente o que é dito em Gênesis 1:27, mas vê a diferença entre o homem e o animal no fato de ter sido o homem criado *unum ac singulum*, enquanto se ordenou aos animais que “passassem a existir vários de uma só vez” (*plura simul iussit existere*). Para Agostinho, a história da criação constitui boa oportunidade para salientar-se o caráter de espécie da vida animal, em oposição à singularidade da existência humana.

3. (IME/2018)

Leia atentamente os trechos do texto que foram recortados abaixo:

I. A ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo;



II. A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir;

III. Além disto, como a ação é a atividade política por excelência, a natalidade, e não a mortalidade, pode constituir a categoria central do pensamento político, em contraposição ao pensamento metafísico.

Dentre as opções abaixo, uma está em desacordo com as ideias destacadas acima. Aponte-a.

- a) A marca da pluralidade entre os homens é anunciada como um dos alvos principais para pensamento a ser desenvolvido pela filósofa Hannah Arendt na obra aqui destacada.
- b) A individualidade é garantida apesar da pluralidade.
- c) A expressão “atividade política” que aparece no texto é uma referência direta à política partidária que reconhecemos nas sociedades ocidentais.
- d) Os três períodos destacados do texto revelam preocupações com questões relacionadas à ação e à alteridade.
- e) O período destacado em III anuncia a predisposição da autora em discutir inquietações filosóficas dando ênfase ao nascimento e não à morte.

Comentários: Essa questão perguntava a alternativa incorreta. Perceba que o IME tende a fazer enunciado mais elaborados, menos óbvios.

A informação incorreta é a que fala sobre “política partidária”. Não há nada no texto que fale sobre estruturas de partidos políticos ou o sistema de disputa política do ocidente. O texto fala sobre a ideia de “política” enquanto ação. Assim, a alternativa incorreta é alternativa C.

A alternativa A não apresenta incorreção, pois a dialética entre a pluralidade dos seres humanos – enquanto indivíduos – e a unidade – enquanto espécie e sociedade – é um dos pontos importantes do texto.

A alternativa B não apresenta incorreção, pois é justamente isso que a autora afirma em “A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir”.

A alternativa D não apresenta incorreção, pois a ação é um dos temas centrais dos períodos e a alteridade, sinônimo de “o outro”, ocupa espaço também na medida em que se discute a questão da individualidade e sociedade.



A alternativa E não apresenta incorreção, pois como a ação é o assunto mais importante do texto, o nascimento é mais importante que a morte para a autora.

Gabarito: C

4. (IME/2018)

Marque a opção, dentre os trechos a seguir retirados do texto, em que o conectivo destacado em negrito é um recurso coesivo sequencial, ou seja, promove progressão argumentativa.

- a) O labor é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, **cujos** crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo da vida.
- b) (...) Dentro de **suas** fronteiras habita cada vida individual,
- c) (...) O labor e o trabalho, bem como a ação, têm também raízes na natalidade, na medida em que **sua** tarefa é produzir e preservar o mundo
- d) para o constante influxo de recém-chegados **que** vêm a este mundo na qualidade de estranhos, além de prevê-los e levá-los em conta.
- e) **Não obstante**, das três atividades, a ação é a mais intimamente relacionada com a condição humana da natalidade;

Comentários:

A única alternativa em que há um conectivo sequencial, ou seja, que promove progressão no texto é "**Não obstante**, das três atividades, a ação é a mais intimamente relacionada com a condição humana da natalidade". "Não obstante" é um conectivo que denota concessão ou adversidade, dependendo da situação. Assim, a alternativa correta é alternativa E.

Todas as outras alternativas apresentam pronomes relativos:

Na alternativa A, "cujos" retoma "crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio".

Na alternativa B, "suas" retoma "mundo "artificial" de coisas".

Na alternativa C, "sua" retoma "ação".

Na alternativa D, "que" retoma "recém-chegados".

Gabarito: E

5. (IME/2018)

Considere o trecho do texto abaixo, leia as assertivas e marque a alternativa correta:



O trabalho e seu produto, o artefato humano, emprestam certa permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do corpo humano.

I. ...“emprestam certa permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal” é consequência positiva do trabalho humano, uma vez que confere sentido e significado à sua efêmera vida na Terra.

II. A autora afirma que a vida humana é fútil devido ao fato de o produto do trabalho humano ser efêmero.

III. A autora afirma que a efemeridade da vida humana na Terra é aliviada pela eterna e durável permanência do artefato humano, o qual traz sentido e solução a quaisquer dificuldades que os homens possam enfrentar em sua existência.

- a) Apenas a assertiva I é verdadeira.
- b) Apenas a assertiva III é verdadeira.
- c) São verdadeiras apenas as assertivas I e II.
- d) São verdadeiras apenas as assertivas II e III.
- e) Todas as assertivas são verdadeiras.

Comentários:

A assertiva I é verdadeira, pois a autora afirma que, numa vida curta, inevitavelmente finita e fugaz, o trabalho dá sentido à existência, o que é bom. Caso contrário, viveríamos a vida sem propósito.

A assertiva II não é verdadeira, pois não é o trabalho que torna a vida humana inútil, mas sim a sua efemeridade.

A assertiva III não é verdadeira, pois não se está discutindo aqui os sofrimentos do homem, mas sim a condição efêmera da vida.

Gabarito: A

6. (IME/2018)

Observe o trecho do texto abaixo destacado:

Não obstante, das três atividades, a ação é a mais intimamente relacionada com a condição humana da natalidade; o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo,



isto é, de agir. Neste sentido de iniciativa, todas as atividades humanas possuem um elemento de ação e, portanto, de natalidade.

A ênfase na “condição humana da natalidade” justifica-se

- a) porque a ação de nascer apenas pode ocorrer a partir de um corpo feminino.
- b) pelas imbricadas relações entre o indivíduo e sua capacidade de agir, de iniciar algo, de trazer novidade ao mundo.
- c) pelo fato de ser uma escrita produzida a partir de um olhar feminino.
- d) por contradizer a questão metafísica relacionada à morte.
- e) por trazer junto dessa ênfase um apelo ao feminismo.

Comentários:

O texto faz uma associação entre a possibilidade de criar coisas novas com a condição da natalidade. Como sempre nascem novas pessoas no mundo, há sempre possibilidade de criação de novos começos. Assim, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois não há no texto nenhuma referência a questões de gênero.

A alternativa C está incorreta, pois não é porque se fala sobre “natalidade” que se está necessariamente falando do feminino

A alternativa D está incorreta, pois a morte sequer ocupa o pensamento da autora nesse texto.

A alternativa E está incorreta, pelo mesmo motivo que A: não há no texto nenhuma referência a questões de gênero.

Gabarito: B

7. (IME/2018)

Leia atentamente o trecho abaixo destacado, retirado do texto.

Mas, em sua forma mais elementar, a condição humana da ação está implícita até mesmo em Gênesis (macho e fêmea Ele os criou), se entendermos que esta versão da criação do homem diverge, em princípio, da outra segundo a qual Deus originalmente criou o Homem (*adam*) – a ele, e não a eles, de sorte que a pluralidade dos seres humanos vem a ser o resultado da multiplicação.



Em **(macho e fêmea Ele os criou)** a forma pronominal **os** refere-se

- a) ao termo latino adam.
- b) ao elemento catafórico expresso pela palavra Deus.
- c) às palavras Homem e adam simultaneamente.
- d) à expressão “pluralidade dos seres humanos”.
- e) às palavras macho e fêmea.

Comentários:

O termo “os”, por ser plural, retoma necessariamente mais de um termo ou termos plurais. Assim, ele se refere a “macho e fêmea”. Isso se comprova pela possibilidade de substituição “Ele criou macho e fêmea”. A alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois o texto afirma que Deus criou o homem e a mulher, e “adam” refere-se apenas ao homem.

A alternativa B está incorreta, pois Deus é uma palavra singular, portanto, “os” não poderia referir-se a Ele.

A alternativa C está incorreta, pois Homem e “adam” tratados como sinônimos, assim, o pronome deveria ser singular para se referir a ele.

A alternativa D está incorreta, pois “pluralidade dos seres humanos” é feminino singular e “os” é masculino plural.

Gabarito: E

8. (IME/2018)

Observe o trecho do texto abaixo destacado:

(...) A ação seria um luxo desnecessário, uma caprichosa interferência com as leis gerais do comportamento, se os homens não passassem de repetições interminavelmente reproduzíveis do mesmo modelo, todas dotadas da mesma natureza e essência, tão previsíveis quanto a natureza e a essência de qualquer outra coisa. (linhas 27 a 30).

A forma verbal seria, destacada no trecho acima,

- a) expressa surpresa ou indignação.
- b) fala de algo incerto.
- c) indica um fato que está condicionado a uma outra ação.



- d) introduz um pedido ou desejo de forma mais educada.
- e) trata de um acontecimento futuro em relação a outro já ocorrido.

Comentários:

O verbo “seria” está no futuro do pretérito do indicativo. O futuro do pretérito representa algo que no passado se projetava que ocorreria após uma ação e costuma aparecer correlato a uma oração no pretérito imperfeito do subjuntivo. Neste exercício, o período aparece construído dessa maneira em “A ação **seria** um luxo desnecessário se os homens não **passassem** de repetições”. Portanto, a alternativa correta é a C.

A alternativa A está incorreta, pois não há demarcações como interjeições que denotem surpresa ou indignação.

A alternativa B está incorreta, pois não está falando de hipóteses, mas sim produzindo uma análise.

A alternativa D está incorreta, pois não está pedindo nada, mas sim analisando um fato.

CUIDADO!

A alternativa E está incorreta, pois não é aqui uma questão do significado do futuro do pretérito (o texto da alternativa funciona como uma definição do tempo verbal). Os tempos verbais estão correlacionados e flexionados nos respectivos tempos para poder passar uma ideia, mas não necessariamente passar uma noção de tempo.

Gabarito: C

9. (Mackenzie/2018)

A linguagem permite que as crianças engatem em conversas articuladas anos antes de entrar numa escola. Mas a palavra escrita é uma invenção recente que não deixou marcas em nosso genoma e precisa ser adquirida mediante esforço ao longo da infância e depois.

A fala e a escrita diferem em seus mecanismos, é claro, e essa é uma das razões pelas quais as crianças precisam lutar com a escrita: reproduzir os sons da língua com um lápis ou com o teclado requer prática. Mas a fala e a escrita diferem também de outra maneira, o que faz da aquisição da escrita um desafio para toda uma vida, mesmo depois que seu funcionamento foi dominado. Falar e escrever envolvem tipos diferentes de relacionamentos humanos, e somente o que diz respeito à fala nos chega naturalmente. A conversação falada é instintiva porque a interação social é instintiva: falamos às pessoas “com quem temos diálogo”. Quando começamos um diálogo com nossos interlocutores, temos uma suposição do que já sabem e do que poderiam estar interessados em aprender, e durante a conversa monitoramos seus olhares, expressões faciais e atitudes. Se eles precisam de esclarecimentos,



ou não conseguem aceitar uma afirmação, ou têm algo a acrescentar, podem interromper ou replicar.

Não gozamos dessa troca de feedbacks quando lançamos ao vento um texto. Os destinatários são invisíveis e imperscrutáveis, e temos que chegar até eles sem conhecê-los bem ou sem ver suas reações. No momento em que escrevemos, o leitor existe somente em nossa imaginação. Escrever é, antes de tudo, um ato de faz de conta. Temos de nos imaginar em algum tipo de conversa, ou correspondência, ou discurso, ou solilóquio, e colocar palavras na boca do pequeno avatar que nos representa nesse mundo simulado.

Adaptado de Steven Pinker, **Guia de Escrita**

Observe as afirmações seguintes.

- IV. Na construção a palavra falada é mais velha do que nossa espécie (Refs. 1-2) há o emprego da figura de linguagem reconhecida como comparação.
- V. No trecho as crianças precisam lutar com a escrita (Ref. 8), há emprego metafórico do verbo lutar.
- VI. Nos trechos A fala e a escrita diferem em seus mecanismos (Ref. 7) e Mas a fala e a escrita diferem também (Ref. 10), é possível apontar a presença de uma construção textual que se utiliza do paralelismo.

Assinale a alternativa correta.

- a) Estão corretas as afirmações I e II.
- b) Estão corretas as afirmações I e III.
- c) Estão corretas as afirmações II e III.
- d) Todas as afirmações estão corretas.
- e) Nenhuma das afirmações está correta.

Comentários:

A alternativa I está correta, pois a figura de linguagem comparação traz dois objetos distintos com uma característica comum e analisa essa característica em ambos. Nesse caso, temos “a palavra falada” e “nossa espécie” sendo os dois objetos distintos e a característica comum sendo “idade”. A análise permite afirmar que o primeiro objeto é mais velho que o segundo e daí surge a comparação.



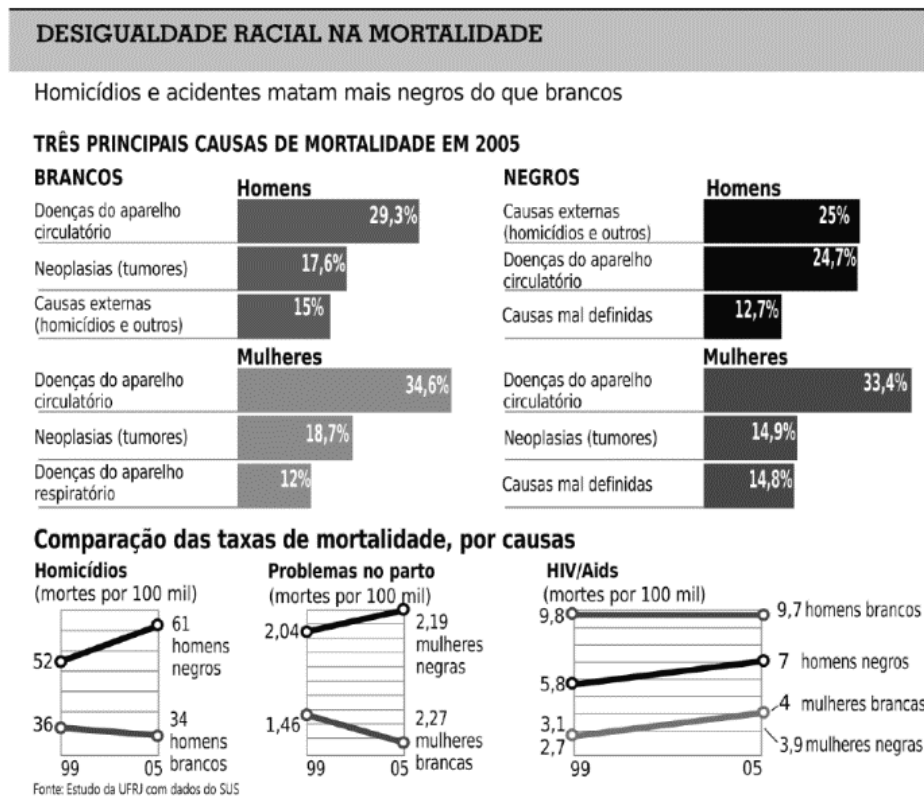
A alternativa II está correta, pois o significado literal de “lutar” seria o combate, que não é o sentido desejado na frase em questão.

A alternativa III está correta, pois paralelismo é um mecanismo das construções textuais em que nos aproveitamos da semelhança na construção de duas frases.

Gabarito: D

10. (UFU/2017)

Analise o infográfico a seguir:



Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://rede.novaescolaclub.org.br/planos-de-aula/interpretacao-de-texto-com-auxilio-de-materiais-graficos>>. Acesso em: 26 abr. 2017. (Adaptado).

Pode-se, a partir das informações do infográfico, constatar que:

- Entre 1999 e 2005, o índice de morte causado por problemas no parto variou em sentido diametralmente oposto entre mulheres brancas e negras.
- Homens negros são mais vítimas de homicídios do que mulheres negras.
- Em ordem crescente, as maiores vítimas de homicídios são: mulheres brancas, homens negros, homens brancos, mulheres negras.
- Mulheres negras têm mais problemas no parto em função do acesso dificultado ao sistema público de saúde.



Comentários:

A alternativa A está errada, pois o índice de morte causado por problemas no parto aumentou tanto para mulheres negras quanto para brancas.

A alternativa B está correta, pois a primeira causa de morte de homens negros é homicídios, enquanto, para mulheres negras, essa causa não está nem entre as três primeiras.

A alternativa C está incorreta, pois as maiores vítimas de homicídio são os homens negros.

A alternativa D está incorreta, pois não se pode afirmar a partir do infográfico.

Gabarito: B

Texto para as questões 11 a 13

Considere o trecho do Código de Defesa do Consumidor (Lei no 8.078 de 11 de setembro de 1990).

Art. 6º São direitos básicos do consumidor:

I – a proteção da vida, saúde e segurança contra os riscos provocados por práticas no fornecimento de produtos e serviços considerados perigosos ou nocivos;

II – a educação e divulgação sobre o consumo adequado dos produtos e serviços, asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade nas contratações;

III – a informação adequada e clara sobre os diferentes produtos e serviços, com especificação correta de quantidade, características, composição, qualidade, tributos incidentes e preço, bem como sobre os riscos que apresentem;

IV – a proteção contra a publicidade enganosa e abusiva, métodos comerciais coercitivos ou desleais, bem como contra práticas e cláusulas abusivas ou impostas no fornecimento de produtos e serviços;

V – a modificação das cláusulas contratuais que estabeleçam prestações desproporcionais ou sua revisão em razão de fatos supervenientes que as tornem excessivamente onerosas;

VI – a efetiva prevenção e reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos e difusos;

VII – o acesso aos órgãos judiciários e administrativos com vistas à prevenção ou reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos ou difusos, assegurada a proteção Jurídica, administrativa e técnica aos necessitados;



VIII – a facilitação da defesa de seus direitos, inclusive com a inversão do ônus da prova, a seu favor, no processo civil, quando, a critério do juiz, for verossímil a alegação ou quando for ele hipossuficiente, segundo as regras ordinárias de experiências;

IX – a adequada e eficaz prestação dos serviços públicos em geral.

Art. 7º Os direitos previstos neste código não excluem outros decorrentes de tratados ou convenções internacionais de que o Brasil seja signatário, da legislação interna ordinária, de regulamentos expedidos pelas autoridades administrativas competentes, bem como dos que derivem dos princípios gerais do direito, analogia, costumes e equidade.

Parágrafo único. Tendo mais de um autor a ofensa, todos responderão solidariamente pela reparação dos danos previstos nas normas de consumo.

(www.planalto.gov.br)

11. (UNESP/2016)

A leitura do trecho do Código permite concluir que os direitos básicos do consumidor no Brasil se aplicam

- a) a produtos ou serviços de qualquer tipo e origem.
- b) apenas a produtos perecíveis, nacionais ou importados.
- c) apenas a aparelhos e utensílios produzidos no país.
- d) somente a produtos importados de países desenvolvidos.
- e) exclusivamente a serviços prestados por empresas nacionais.

Comentários:

O direito do consumidor não se resume apenas a produtos, como também à “proteção da vida” (inciso I), “educação” (inciso II), “informação” (inciso III), entre outros, denotando que serviços também estão inclusos. Além disso, não há nenhuma determinação de julgue que apenas produtos nacionais estão inclusos. Assim, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois serviços também estão inclusos, não apenas produtos.

A alternativa C está incorreta, pois não há a determinação de qual a origem exigida para que o código seja aplicado.

A alternativa D está incorreta, pois o código não discrimina especificamente sobre quais origens de produtos esse código incide.



A alternativa E está incorreta, pois o código incide sobre o território nacional, não necessariamente falando sobre a origem da empresa.

Gabarito: A

12. (UNESP/2016)

De acordo com o inciso V,

- a) assegura-se ao consumidor a revisão de dispositivos contratuais que venham a tornar as prestações muito elevadas.
- b) toda e qualquer cláusula contratual poderá ser revista a qualquer momento pelo consumidor.
- c) assegura-se ao fornecedor o direito de cancelar a venda de produtos e serviços, em razão do aumento de seus custos.
- d) garante-se ao fornecedor dos produtos e serviços, caso julgue necessário, o direito de rever os valores das prestações.
- e) toda e qualquer cláusula contratual apenas poderá ser revista com o consentimento do fornecedor dos produtos e serviços.

Comentários:

O inciso V diz que “a modificação das cláusulas contratuais que estabeleçam prestações desproporcionais ou sua revisão em razão de fatos supervenientes que as tornem excessivamente onerosas”. Como este inciso se encontra no artigo que fala sobre os direitos do consumidor, então o direito disposto neste inciso cabe ao consumidor. A revisão de dispositivos contratuais que venham a tornar as prestações muito elevadas cabe ao consumidor. Assim, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois esse inciso fala especificamente sobre prestações onerosas.

A alternativa C está incorreta, pois esse artigo fala sobre os direitos do consumidor, não do fornecedor.

A alternativa D está incorreta, pois, assim como em C, esse artigo fala sobre os direitos do consumidor, não do fornecedor.

A alternativa E está incorreta, pois o artigo não fala necessariamente sobre consentimento do fornecedor, mas sim sobre os direitos do consumidor.

Gabarito: A

13. (UNESP/2016)



O artigo 7º esclarece que os direitos previstos no Código

- a) não permitem que fornecedores internacionais de produtos e serviços sejam penalizados.
- b) não implicam a perda de outros estipulados em tratados internacionais ou na legislação interna do país.
- c) perdem o efeito diante de leis ou tratados internacionais sobre consumo.
- d) podem ser anulados a qualquer tempo por decisão unilateral do governo federal.
- e) são válidos mesmo que infrinjam os princípios gerais que norteiam o direito.

Comentários:

Segundo o artigo 7º, os direitos previstos no Código também incluem os tratados e convenções internacionais que o Brasil tenha assinado. Assim, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois os direitos do consumidor incidem sobre o território nacional, não sendo exclusivos a produtos nacionais.

A alternativa C está incorreta, pois no artigo 7º fica claro que esses direitos não se excluem na face dos tratados internacionais.

A alternativa D está incorreta, pois leis não podem ser anuladas simplesmente com base no desejo do governo federal.

A alternativa E está incorreta, pois não pode haver desrespeito aos tratados internacionais aos quais o Brasil seja signatário.

Gabarito: B

14. (ITA/2016)

Com o declínio da velha lavoura e a quase concomitante ascensão dos centros urbanos, precipitada grandemente pela vinda, em 1808, da Corte Portuguesa e depois pela Independência, os senhorios rurais principiam a perder muito de sua posição privilegiada e singular. Outras ocupações reclamam agora igual eminência, ocupações nitidamente citadinas, como a atividade política, a burocracia, as profissões liberais.

É bem compreensível que semelhantes ocupações venham a caber, em primeiro lugar, à gente principal do país, toda ela constituída de lavradores e donos de engenhos. E que, transportada de súbito para as cidades, essa gente carregue consigo a mentalidade, os preconceitos e, tanto quanto possível, o teor de vida que tinham sido atributos específicos de sua primitiva condição.



Não parece absurdo relacionar a tal circunstância um traço constante de nossa vida social: a posição suprema que nela detêm, de ordinário, certas qualidades de imaginação e “inteligência”, em prejuízo das manifestações do espírito prático ou positivo. O prestígio universal do “talento”, com o timbre particular que recebe essa palavra nas regiões, sobretudo, onde deixou vinco mais forte a lavoura colonial e escravocrata, como o são eminentemente as do Nordeste do Brasil, provém sem dúvida do maior decoro que parece conferir a qualquer indivíduo o simples exercício da inteligência, em contraste com as atividades que requerem algum esforço físico.

O trabalho mental, que não suja as mãos e não fatiga o corpo, pode constituir, com efeito, ocupação em todos os sentidos digna de antigos senhores de escravos e dos seus herdeiros. Não significa forçosamente, neste caso, amor ao pensamento especulativo, – a verdade é que, embora presumindo o contrário, dedicamos, de modo geral, pouca estima às especulações intelectuais – mas amor à frase sonora, ao verbo espontâneo e abundante, à erudição ostentosa, à expressão rara. E que para bem corresponder ao papel que, mesmo sem o saber, lhe conferimos, inteligência há de ser ornamento e prenda, não instrumento de conhecimento e de ação.

Numa sociedade como a nossa, em que certas virtudes senhoriais ainda merecem largo crédito, as qualidades do espírito substituem, não raro, os títulos honoríficos, e alguns dos seus distintivos materiais, como o anel de grau e a carta de bacharel, podem equivaler a autênticos brasões de nobreza. Aliás, o exercício dessas qualidades que ocupam a inteligência sem ocupar os braços, tinha sido expressamente considerado, já em outras épocas, como pertinente aos homens nobres e livres, de onde, segundo parece, o nome de liberais dado a determinadas artes, em oposição às mecânicas que pertencem às classes servis.

(Sérgio Buarque de Holanda. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984, p. 50-51)

No texto, há predominância do tom

- a) saudosista.
- b) crítico.
- c) sarcástico.
- d) cômico.
- e) revoltado

Comentários:

A alternativa correta é letra B, pois Sérgio Buarque deixa claro em diversos pontos do texto que as posições de poder apenas trocaram de mãos com a queda da lavoura e vinda da



corte. O novo formato da sociedade brasileira que emergia na época não perdeu suas hierarquias e desigualdades, com enfoque para a substituição do trabalho braçal (visto com menor honra) pelo pensamento especulativo (visto como mais digno), como mostra, principalmente, o último parágrafo.

Gabarito: B

15. (UFU/2016)

¹ Para os gregos, o passado e o futuro são os dois grandes males da vida, ² por serem dimensões do tempo que não existem mais, ou não existem ainda, ³ que nos impedem de viver na única dimensão real: o presente. O passado nos ⁴ puxa para trás: se tivemos um passado feliz, ficamos nostálgicos. Se for um ⁵ passado triste, ele nos mergulha no que Spinoza batizou de “paixões tristes”: ⁶ arrependimentos, remorsos, vergonhas e culpas que amarguram a existência e ⁷ não deixam saborear o presente. Isso nos leva a procurar no futuro a esperança. ⁸ Porém, segundo os gregos, a esperança também esvazia o presente do seu ⁹ valor, em nome de um futuro incerto. Pensar que as coisas vão melhorar quando ¹⁰ trocarmos de carro, de corte de cabelo, de sapatos ou de amigos, é ilusão. A ¹¹ esperança e a nostalgia, o futuro e o passado são “nadas”, pois o passado não ¹² existe mais e o futuro ainda não existe. Por causa deles, acabamos quase nunca ¹³ vivendo na única dimensão real do tempo: o presente. Sêneca, o grande estoico ¹⁴ romano, dizia que de tanto vivermos no passado e no futuro, “não vivemos”. ¹⁵ Chegamos, então, ao famoso carpe diem (“Aproveite o dia”) de Horácio. Temos ¹⁶ que colher o dia de hoje, sem nos deixar distrair pela preocupação do dia ¹⁷ seguinte ou pelas nostalgias passadas.

Planeta, edição 488, junho 2013 (fragmento).

O texto tece reflexões acerca do passado, do futuro e do presente, argumentando a favor da ideia de que se deve

- a) ter esperança no futuro, pois o passado não existe mais.
- b) viver o presente parcimoniosamente, pois o presente é real.
- c) ignorar o passado para que se viva bem o presente.
- d) experienciar o presente, a fim de saboreá-lo.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois o trecho “a esperança também esvazia o presente do seu ⁹ valor” mostra que essa esperança pode ser prejudicial.



A alternativa B está incorreta, pois defende-se o “carpe diem” (viver cada dia ao máximo) no trecho.

A alternativa C está incorreta, pois não se fala no texto que a melhor postura a tomar seja ignorar o passado.

A alternativa D está correta, pois o trecho “Temos ¹⁶ que colher o dia de hoje” mostra a importância de focar em aproveitar o presente.

Gabarito: D

16. (UNESP/2016)

Leia o trecho extraído do livro *A dança do universo* do físico brasileiro Marcelo Gleiser.

Durante o século VI a.C., o comércio entre os vários Estados gregos cresceu em importância, e a riqueza gerada levou a uma melhoria das cidades e das condições de vida. O centro das atividades era em Mileto, uma cidade-Estado situada na parte sul da Jônia, hoje a costa mediterrânea da Turquia. Foi em Mileto que a primeira escola de filosofia pré-socrática floresceu. Sua origem marca o início da grande aventura intelectual que levaria, 2 mil anos depois, ao nascimento da ciência moderna. De acordo com Aristóteles, Tales de Mileto foi o fundador da filosofia ocidental.

A reputação de Tales era legendaria. Usando seu conhecimento astronômico e meteorológico (provavelmente herdado dos babilônios), ele previu uma excelente colheita de azeitonas com um ano de antecedência. Sendo um homem prático, conseguiu dinheiro para alugar todas as prensas de azeite de oliva da região e, quando chegou o verão, os produtores de azeite de oliva tiveram que pagar a Tales pelo uso das prensas, que acabou fazendo uma fortuna.

Supostamente, Tales também previu um eclipse solar que ocorreu no dia 28 de maio de 585 a.C., que efetivamente causou o fim da guerra entre os lídios e os persas. Quando lhe perguntaram o que era difícil, Tales respondeu: “Conhecer a si próprio”. Quando lhe perguntaram o que era fácil, respondeu: “Dar conselhos”. Não é à toa que era considerado um dos Sete Homens Sábios da Grécia Antiga. No entanto, nem sempre ele era prático. Um dia, perdido em especulações abstratas, Tales caiu dentro de um poço. Esse acidente aparentemente feriu os sentimentos de uma jovem escrava que estava em frente ao poço, a qual comentou, de modo sarcástico, que Tales estava tão preocupado com os céus que nem conseguia ver as coisas que estavam a seus pés.

(*A dança do universo*, 2006. Adaptado.)



O sarcástico comentário da jovem escrava de que “Tales estava tão preocupado com os céus que nem conseguia ver as coisas que estavam a seus pés” (3º parágrafo) alude sobretudo à seguinte oposição:

- a) razão x loucura.
- b) determinação x hesitação.
- c) liberdade x escravidão.
- d) compaixão x aversão.
- e) abstração x concretude.

Comentários:

Na fala da escrava, os “céus” alude a abstrações, pensamentos metafísicos e filosóficos. Já os “pés” alude à materialidade, à concretude. Ele está tão preocupado com pensamentos e elucubrações que não percebe o interesse da jovem escrava sobre ele. A alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois perceber o mundo à sua volta ou filosofar sobre o mundo não são sinais nem de razão e nem de loucura necessariamente.

A alternativa B está incorreta, pois não aparece nenhum movimento de hesitação no texto. Tales está firme em seus pensamentos, tanto que se distrai do mundo.

A alternativa C está incorreta, pois não há discussão sobre a condição da mulher. Sua condição é mencionada apenas para caracterizá-la, sem entrar em discussão.

A alternativa D está incorreta, pois apesar de haver aparente afeto da escrava em relação a Tales, não há sinais de aversão, mas sim de distração por parte dele.

Gabarito: E

17. (ITA/2015)

Nos estudos de antropologia política de Pierre Clastres*, estudioso francês que conviveu durante muito tempo com tribos indígenas sul-americanas, menciona-se o fato de frequentemente os membros dessas tribos designarem a si mesmos com um vocábulo que em sua língua era sinônimo de “os homens” e reservavam para seus congêneres de tribos vizinhas termos como “ovos de piolho”, “subhomens” ou equivalentes com valor pejorativo.

Trago esta referência – que Clastres denomina etnocentrismo – eloquente de uma xenofobia em sociedades primitivas, porque ela é tentadora para propor origens precoces, quem sabe constitucionais ou genéticas, no ódio ou recusa das diferenças.



A mesma precocidade, dizem alguns, encontra-se nas crianças. Uma criança uruguaia, com clara ascendência europeia, como é comum em nosso país, resultado do genocídio indígena, denuncia, entre indignada e temerosa, sua repulsa a uma criança japonesa que entrou em sua classe (fato raro em nosso meio) e argumenta que sua linguagem lhe é incompreensível e seus traços são diferentes, incomuns.

Se as crianças e os primitivos reagem deste modo, poder-se-ia concluir – precipitadamente – que o que manifestam, de maneira tão primária e transparente, é algo que os desenvolvimentos posteriores da civilização tornarão evidente de forma mais complexa e sofisticada, mas com a mesma contundência elementar.

Por esse caminho, e com a tendência humana a buscar causalidades simples e lineares, estamos a um passo de “encontrar” explicações instintivas do ódio e da violência, em uma hierarquização em que a natureza precede a cultura, território de escolha das argumentações racistas. A “natureza” – o “biológico” como “a” origem ou “a” causa – operam como explicação segura e tranquilizadora ante questões que nos encurralam na ignorância e na insegurança de um saber parcial. [...]

(*) Pierre Clastres (1934-1977)

(VIÑAR, M. **O reconhecimento do próximo. Notas para pensar o ódio ao estrangeiro.** In: Caterina Koltai (org.) O estrangeiro. São Paulo: Escuta; Fapesp, 1998)

No Texto, pode-se depreender que a xenofobia

- a) é comum entre os primitivos e as crianças, por isso é inata.
- b) tem sempre como fator gerador a aparência diferente dos estrangeiros.
- c) pode ter níveis diferentes de sofisticação, dependendo do contexto social.
- d) ocorre apenas em relação aos estrangeiros oriundos de lugares distantes.
- e) é um sentimento incontrolável por parte de pessoas de qualquer cultura, por isso inevitável.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois o termo “precipitadamente” na primeira linha do quarto parágrafo mostra que essa ideia, embora pareça a conclusão óbvia, seria uma primeira impressão incorreta.

A alternativa B está incorreta, pois o termo “sempre” implica uma generalização que não aparece no texto. O exemplo inicial entre tribos vizinhas, por exemplo, não mostra fundamentação estética.



A alternativa C está correta, pois o texto traz exemplos tanto de sociedades primitivas que vivenciam a xenofobia quanto de sociedades atuais e mais desenvolvidas.

A alternativa D está incorreta, pois o texto menciona exemplo de tribos vizinhas onde existe xenofobia.

A alternativa E está incorreta, pois o trecho “Por esse caminho, e com a tendência humana a buscar causalidades simples e lineares, estamos a um passo de “encontrar” explicações instintivas do ódio e da violência, em uma hierarquização em que a natureza precede a cultura, território de escolha das argumentações racistas.” mostra que encontrar explicação “instintivas” para esses sentimentos e preconceitos seria uma facilitação equivocada de explicá-los.

Gabarito: C

Texto para as questões 18 e 19

Considere o texto abaixo de um site especializado em esportes com instruções de treinamento para a corrida olímpica dos 1 500 metros.

Corrida – Prova 1 500 metros rasos

A prova dos 1 500 metros rasos, juntamente com a da milha (1 609 metros), característica dos países anglo-saxônicos, é considerada prova tática por excelência, sendo muito importante o conhecimento do ritmo e da fórmula a ser utilizada para vencer a prova. Os especialistas nessas distâncias são considerados completos homens de luta que, após um penoso esforço para resistir ao ataque dos adversários, recorrem a todas as suas energias restantes a fim de manter a posição de destaque conseguida durante a corrida, sem ceder ao constante assédio dos seus perseguidores.

[...] Para correr essa distância em um tempo aceitável, deve-se gastar o menor tempo possível no primeiro quarto da prova, devendo-se para tanto sair na frente dos adversários, sendo essencial o completo domínio das pernas, para em seguida normalizar o ritmo da corrida. No segundo quarto, deve-se diminuir o ritmo, a fim de trabalhar forte no restante da prova, sempre procurando dosar as energias, para não correr o risco de ser surpreendido por um adversário e ficar sem condições para a luta final.

Deve ser tomado cuidado para não se deixar enganar por algum adversário de condição inferior, que normalmente finge possuir energias que realmente não tem, com o intuito de minar o bom corredor, para que o companheiro da mesma equipe possa tirar proveito da situação e vencer a prova. Assim sendo, o corredor experiente saberá manter regularmente as suas passadas, sem deixar-se levar por esse tipo de artimanha. Conhecendo o estado de suas condições pessoais, o corredor saberá se é capaz de um sprint nos 200



metros finais, que é a distância ideal para quebrar a resistência de um adversário pouco experiente.

O corredor que possui resistência e velocidade pode conduzir a corrida segundo a sua conveniência, impondo os seus próprios meios de ação. Finalmente, ao ultrapassar um adversário, deve-se fazê-lo decidida e folgadoamente, procurando sempre impressioná-lo com sua ação enérgica. Também deve-se procurar manter sempre uma boa descontração muscular durante o desenvolvimento da corrida, nunca levar a cabeça para trás e encurtar as passadas para finalizar a prova.

(<http://treino-de-corrída.f1cf.com.br>)

18. (UNESP/2015)

Segundo o texto, antes desse tipo de corrida, é muito importante para o atleta

- a) verificar as condições climáticas para o dia da prova.
- b) analisar seus resultados em provas de que participou recentemente.
- c) analisar as características dos principais oponentes.
- d) planejar o desempenho adequado a cada uma das partes da prova.
- e) atentar para o modo como os outros atletas farão a largada.

Comentários:

Ao afirmar que “A prova dos 1 500 metros rasos, juntamente com a da milha (1 609 metros), característica dos países anglo-saxônicos, é considerada prova tática por excelência, sendo muito importante o conhecimento do ritmo e da fórmula a ser utilizada para vencer a prova”, fica claro que o texto crê que o atleta deve planejar o desempenho adequado a cada uma das partes da prova. Assim, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois o texto fala sobre a preparação física dos atletas para corridas, não falando sobre o clima do ambiente.

A alternativa B está incorreta, pois não há no texto referências à comparação com resultados anteriores.

A alternativa C está incorreta, pois só se menciona os adversários para falar sobre o sprint, não sobre analisar as características.

A alternativa E está incorreta, pois não se fala sobre adversários na largada, mas apenas no final da corrida.

Gabarito: D



19. (UNESP/2015)

No terceiro parágrafo, descreve-se uma “artimanha” nessa prova:

- a) simular falta de confiança em suas condições pessoais.
- b) largar bem lentamente, para disparar no meio da prova.
- c) manter regularmente as suas passadas, para não se cansar.
- d) imprimir grande velocidade, para extenuar um forte oponente.
- e) fingir que está perdendo terreno, para disparar no momento certo.

Comentários:

O texto descreve a artinha de “algum adversário de condição inferior, que normalmente finge possuir energias que realmente não tem, com o intuito de minar o bom corredor, para que o companheiro da mesma equipe possa tirar proveito da situação e vencer a prova”. Assim, um corredor corre muito para distrair o oponente e deixar seu companheiro de equipe vencer. Assim, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois o atleta finge sobre sua capacidade, não sobre suas condições físicas.

A alternativa B está incorreta, pois isso é a descrição do sprint, não da artimanha descrita.

A alternativa C está incorreta, pois manter as passadas regulares não é uma estratégia para enganar o adversário, mas para manter a energia.

A alternativa E está incorreta, pois a artimanha não se refere ao corredor que dá o sprint, mas sim ao seu companheiro de equipe.

Gabarito: D

Texto para as questões 20 e 21

Considere a passagem de um livro de José Ribeiro sobre o folclore nacional.

Curupira

Na teogonia* tupi, o anhangá, gênio andante, espírito andejo ou vagabundo, destinava-se a proteger a caça do campo. Era imaginado, segundo a tradição colhida pelo Dr. Couto de Magalhães, sob a figura de um veado branco, com olhos de fogo.

Todo aquele que perseguisse um animal que estivesse amamentando corria o risco de ver Anhangá e a visão determinava logo a febre e, às vezes, a loucura. O caapora é o mesmo



tipo mítico encontrado nas regiões central e meridional e aí representado por um homem enorme coberto de pelos negros por todo o rosto e por todo o corpo, ao qual se confiou a proteção da caça do mato. Tristonho e taciturno, anda sempre montado em um porco de grandes dimensões, dando de quando em vez um grito para impelir a vara. Quem o encontra adquire logo a certeza de ficar infeliz e de ser mal sucedido em tudo que intentar. Dele se originaram as expressões portuguesas caipora e caiporismo, como sinônimo de má sorte, infelicidade, desdita nos negócios. Bilac assim o descreve: “Companheiro do curupira, ou sua duplicata, é o Caapora, ora gigante, ora anão, montado num caititu, e cavalcando à frente de varas de porcos do mato, fumando cachimbo ou cigarro, pedindo fogo aos viajores; à frente dele voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando o caminho”.

Ambos representam um só mito com diferente configuração e a mesma identidade com o curupira e o jurupari, numes que guardam a floresta. Todos convergem mais ou menos para o mesmo fim, sendo que o curupira é representado na região setentrional por um “pequeno tapuio” com os pés voltados para trás e sem os orifícios necessários para as secreções indispensáveis à vida, pelo que a gente do Pará diz que ele é músico. O Curupira ou Currupira, como é chamado no sul, aliás erroneamente, figura em uma infinidade de lendas tanto no norte como no sul do Brasil. No Pará, quando se viaja pelos rios e se ouve alguma pancada longínqua no meio dos bosques, “os romeiros dizem que é o Curupira que está batendo nas sapupemas, a ver se as árvores estão suficientemente fortes para sofrerem a ação de alguma tempestade que está próxima. A função do Curupira é proteger as florestas. Todo aquele que derriba, ou por qualquer modo estraga inutilmente as árvores, é punido por ele com a pena de errar tempos imensos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho de casa, ou meio algum de chegar até os seus”. Como se vê, qualquer desses tipos é a manifestação de um só mito em regiões e circunstâncias diferentes.

(O Brasil no folclore, 1970.)

(*) Teogonia, s.f.: 1. Filos. Doutrina mística relativa ao nascimento dos deuses, e que frequentemente se relaciona com a formação do mundo. 2. Conjunto de divindades cujo culto forma o sistema religioso dum povo politeísta. (Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI.)

20. (UNESP/2013)

Anhangá e Caapora se identificam, segundo o texto, pelo fato de caracterizarem

- a) um mesmo tipo mítico com aparências diferentes.
- b) a influência do cristianismo nas lendas dos indígenas.
- c) a reação dos colonizadores ao impacto destruidor dos indígenas.



- d) a presença da mitologia grega nas lendas aborígenes.
- e) lendas trazidas da Europa pelos portugueses.

Comentários:

No terceiro parágrafo está escrito, após a descrição de Anhangá e Caapora no segundo parágrafo, “Ambos representam um só mito com diferente configuração e a mesma identidade com o curupira e o jurupari, numes que guardam a floresta”. Assim, ambos são o mesmo tipo místico, ainda que com aparências diferentes. A alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois ainda que haja relatos de romeiros sobre os mitos, não há influência do cristianismo nos mitos.

A alternativa C está incorreta, pois as lendas são indígenas, não se referem ao colonizador.

A alternativa D está incorreta, pois não há referência à mitologia grega, apenas o uso da palavra Teogonia.

A alternativa E está incorreta, pois as lendas pertenciam aos povos indígenas, não aos portugueses.

Gabarito: A

21. (UNESP/2013)

Tomando por base as informações do texto, as ações de Anhangá, Caapora e Curupira seriam consideradas, na atualidade,

- a) poéticas.
- b) ecológicas.
- c) comerciais.
- d) estéticas.
- e) esportivas.

Comentários:

Por serem protetores das matas e das florestas e pelo fato de “Todo aquele que derriba, ou por qualquer modo estraga inutilmente as árvores, é punido por ele com a pena de errar tempos imensos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho de casa, ou meio algum de



chegar até os seus”, suas ações seriam hoje consideradas ecológicas. A alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois eles são caracterizados por sua atuação ambiental, não por suas expressões poéticas.

A alternativa C está incorreta, pois não há nenhuma noção de comércio ou troca de bens no texto.

A alternativa D está incorreta, pois eles não produzem expressões estéticas, mas sim punições.

A alternativa E está incorreta, pois eles não praticam nenhum esporte no texto, mas sim punem os agressores das florestas.

Gabarito: B

Texto para as questões 22 a 25

¹Com o advento da internet, criam-se novos mecanismos para quem busca ser uma celebridade ou tornar-se, pelo menos, conhecido. Um exemplo disso é a utilização das redes sociais – o *Facebook*, *Twitter* e o *Orkut*, entre outros – pelos aspirantes a famosos, que desejam alcançar os seus quinze minutos de fama – previstos por Andy Warhol em 1960 –, por meio da utilização dessas ferramentas. Essas redes, que surgiram prioritariamente como um ⁵agente para a integração social, criam um ambiente propício para o exibicionismo e o *voyerismo* (prática que consiste no prazer a partir da observação de outras pessoas), onde ser contemplado é o que importa.

Sobre essa prática, Paula Sibília, professora do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), comenta que a rede tem proporcionado uma espécie de democratização na busca pelo estrelato. “A internet oferece um *outdoor* com espaço para todos: nessas vitrines mais populares, qualquer um ¹⁰pode ser visto como tem direito. As opções são inumeráveis e não cessam de se multiplicar: *blogs*, *fotologs*, *Orkut*, *Facebook*, *MySpace*, *Twitter*, *Youtube* e um longo etcétera”.

O temor da chamada “invasão de privacidade”, segundo a professora, dá espaço para o quase oposto: o aparecer, ser visto, contemplado e admirado. Para ela, o exibicionismo na rede ocorre a partir da necessidade que as pessoas têm de serem vistas, e como uma forma de confirmação de que existem e estão vivas. As pessoas mostram-¹⁵se como um personagem, saciando a voracidade e a curiosidade de outras. “Tudo aquilo que antes concernia à pudica intimidade pessoal tem se ‘evadido’ do antigo espaço privado, transbordando seus limites, para invadir aquela esfera que antes se considerava pública. O que se busca nessa exposição voluntária, que anseia alcançar as telas globais, é se mostrar, justamente: constituir-se como um personagem visível. Por sua vez, essa nova legião de exibicionistas satisfaz outra vontade geral do público contemporâneo: o desejo de espionar e consumir vidas alheias”.



²⁰Cláudia da Silva Pereira, professora do Centro de Ciências Sociais, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, também acredita que na internet se cria um espaço para que as pessoas vivam outros personagens e consigam, deste modo, uma espécie de autorrealização pessoal. “Podemos ser ali o que desejarmos, construindo perfis de acordo com o que projetamos ser o ideal. Ou não. Afinal, a internet abre ainda mais espaço para condutas sociais desviantes que raramente poderiam se concretizar na vida *off-line*. Aderir a comunidades politicamente ²⁵incorretas, criar perfis falsos ou transitar por comunidades que consideramos ‘exóticas’ pode ser uma ótima maneira de buscar a experimentação e, conseqüentemente, a realização, da mesma forma”, conclui.

Sibília aponta ainda para a ruptura de um padrão de vida em que os muros já não protegem mais a privacidade individual. “Das *webcams* até os *paparazzi*, dos *blogs* e *fotologs* até *YouTube* e *MySpace*, das câmeras de vigilância até os *reality shows* e *talk shows*, a velha intimidade transformou-se em outra coisa. E agora está à vista de todos. ³⁰Ou, pelo menos é isso o que conseguem aqueles afortunados: os famosos”. Já Pereira lembra que a “espetacularização” do cotidiano atinge a todos, invariavelmente, ao utilizarem essas ferramentas sociais, levando a uma maior permissividade com relação ao que é restrito ou irrestrito, ao que é público e ao que é privado. “A própria ideia de fronteira é imprecisa em se tratando de internet. É evidente que existe a opção de se compartilhar ou não da intimidade na internet, existe até mesmo a opção de não participar de redes sociais *on-line*, mas esta já parece ser ³⁵uma escolha que limita o trânsito em diversos espaços sociais. A superexposição nas redes sociais *on-line* tem seus reflexos na vida *off-line*, assim como a simples ausência”.

Outra rede social em que a exposição está presente e nem sempre de maneira benéfica é o *Youtube*. Inúmeros são os casos de pessoas que se tornam famosas por meio da utilização dessa ferramenta, sem se importarem em ser reconhecidos por postarem vídeos de gosto duvidoso ou grotesco, confirmando a obsessão de muitos na busca ⁴⁰pela fama a qualquer custo. “Esses sujeitos têm fortalecido o hábito de serem reconhecidos pelo que fazem de transgressão e não por respeitarem a ordem social. Em toda prática de desvio de conduta, sempre podemos acreditar que o meio ou a ferramenta apenas facilitou o ato, que na verdade já havia no sujeito que o praticou uma predisposição para fazê-lo. Infelizmente, os valores de determinados grupos sociais são refletidos nessas práticas e as consequências podem ser a banalização desses atos, aumentando as probabilidades de legitimá-las”, lembra Khater. Para ela, as ⁴⁵pessoas não devem permitir que o virtual se sobreponha ao real. “Nós, seres humanos, precisamos da realidade, pois somos seres eminentemente sociais. Quando o virtual se sobrepõe ao real, nos sentimos vazios, pois sabemos da nossa necessidade de real aprovação em nosso meio social”.

Ainda, na contramão dos que buscam o reconhecimento, muitos famosos e celebridades encontram nas redes sociais uma forma de se aproximar das pessoas comuns, do seu público, de seus fãs. Artistas, jornalistas, músicos ⁵⁰e público interagem de uma maneira



mais natural. “É praticamente imperativo que uma celebridade mantenha um perfil no *Twitter* ou no *Facebook*, caso contrário ela simplesmente não existe no ambiente *on-line*. Desta forma, o público se aproxima daqueles que o sociólogo e filósofo Edgar Morin um dia chamou de ‘olimpianos’, aqueles que se veem obrigados a descer de seus altares dos meios de comunicação de massa para interagir em 140 caracteres com as pessoas ‘comuns’. O fã torna-se íntimo do ídolo, o que retira dessa relação grande parte de sua magia”, ⁵⁵defende Pereira.

Para Francisco Rüdiger, docente do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), as celebridades, ao migrarem para as redes sociais, têm seus carismas submetidos a testes cotidianos e banais. “As redes sociais abriram aos fãs a possibilidade de articular, mais ampla e cotidianamente, o culto de seus ídolos mas, por outro lado, atraíram estes últimos para um terreno onde sua capacidade de gerenciar a própria ⁶⁰imagem e influência é muito mais fraca ou instável. As celebridades não podem ficar fora das redes, se quiserem continuar sendo celebridades, mas a redução da distância que assim se instala, converte-se em fonte de perigo para sua condição”, acredita.

Ferrari aponta para o fim do antigo esquema celebridade-mídia-público. Pois, agora, os fãs podem interagir diretamente com seus ídolos (e vice-versa), sem precisar de intermediário. “As mídias sociais tiraram os intermediários, ⁶⁵ou seja, a grande mídia. Hoje uma celebridade interage diretamente com seus fãs pelo *Twitter*, *Facebook*, *MySpace* etc. O *feedback* é instantâneo”, conclui.

Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=59&id=751&tipo=0>>. Acesso em: 12 de set. 2010. (Texto modificado)

22. (UFU/2011)

Assinale a **ÚNICA** alternativa que **NÃO** expressa ideias contidas no texto.

- a) A internet favorece o paradoxo da privacidade: as mesmas pessoas que se afligem por estar vulneráveis à espionagem digital desvelam sua intimidade *on-line*.
- b) A internet cria o paradoxo da celebridade: a celebridade não pode deixar de participar das redes, mas a participação na rede contribui para uma mudança de sua condição de celebridade.
- c) A internet favorece a espetacularização do cotidiano e os quinze minutos de fama de seus participantes.
- d) O texto defende a tese de que a internet, por democratizar a busca do estrelato, permite às pessoas a autorrealização.

Comentários:



A alternativa A está presente no trecho: “. A superexposição nas redes sociais *on-line* tem seus reflexos na vida *off-line*, assim como a simples ausência”.

A alternativa B está presente no trecho: “É praticamente imperativo que uma celebridade mantenha um perfil no *Twitter* ou no *Facebook*, caso contrário ela simplesmente não existe no ambiente *on-line*”.

A alternativa C está presente no trecho: “Inúmeros são os casos de pessoas que se tornam famosas por meio da utilização dessa ferramenta, sem se importarem em ser reconhecidos por postarem vídeos de gosto duvidoso ou grotesco, confirmando a obsessão de muitos na busca ⁴⁰pela fama a qualquer custo”.

A alternativa D não é discutida ao longo do texto, pois não é mencionada a internet como ferramenta de autorrealização devido à democratização da internet.

Gabarito: D

23. (UFU/2011)

Assinale a **ÚNICA** alternativa que **NÃO** contém uma característica da superexposição pela internet.

- a) Vitrines sofisticadas.
- b) Sobreposição do virtual ao real.
- c) Obsessão pela busca da fama.
- d) Banalização da transgressão.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois não se mencionam vitrines sofisticadas no texto.

A alternativa B está correta, como se menciona no fim do sexto parágrafo.

A alternativa C está correta de acordo com o trecho: “fama a qualquer custo”.

A alternativa D está correta de acordo com o trecho: “Esses sujeitos têm fortalecido o hábito de serem reconhecidos pelo que fazem de transgressão e não por respeitarem a ordem social”.

Gabarito: A

24. (UFU/2011)

Observe as afirmativas abaixo.

- V. Hoje não temos mais a opção de não participar de redes sociais *on-line*, porque o feedback é instantâneo.



- VI. Muitos famosos e celebridades encontram nas redes sociais uma forma de se aproximar das pessoas comuns, para terem reconhecimento.
- VII. O fato de uma celebridade interagir diretamente com seus fãs pela rede faz com que sua capacidade de gerenciar a própria vida fique prejudicada.
- VIII. O conceito de privacidade esvaiu-se, porque o público busca, cada vez mais, espionar as vidas alheias.

Assinale a alternativa correta.

- a) Apenas III e IV.
- b) Apenas I e II.
- c) Apenas II e III.
- d) Apenas I e IV.

Comentários:

A alternativa I está incorreta, pois o indivíduo tem a opção de não participar de uma determinada rede social se não quiser.

A alternativa II está incorreta, pois o texto afirma que celebridades se aproximam das pessoas comuns a fim de conhecê-las melhor e se aproximar do seu público, não para reconhecimento.

A alternativa III está correta, pois o texto fala dos aspectos nocivos da exposição excessiva.

A alternativa IV está correta, pois o texto discute a redução da privacidade e função do advento das redes sociais.

Gabarito: A

25. (UFU/2011)

Observe as afirmativas abaixo.

- V. “Com o advento da internet, criam-se novos mecanismos para quem busca ser uma celebridade ou tornar-se, pelo menos, conhecido.” (ref. 1)
- VI. “A superexposição nas redes sociais *on-line* tem seus reflexos na vida *off-line*, assim como a simples ausência”. (ref. 35)



- VII. “Essas redes, que surgiram prioritariamente como um agente para a integração social, criam um ambiente propício para o exibicionismo e o *voyerismo* [...]”. (refs. 1 e 5)
- VIII. “Inúmeros são os casos de pessoas que se tornam famosas por meio da utilização dessa ferramenta”. (ref. 35)

De acordo com o texto, assinale a **ÚNICA** alternativa correta.

- a) III e IV expressam, respectivamente, fato e opinião.
- b) II e III expressam, respectivamente, fato e opinião.
- c) I e II expressam, respectivamente, fato e opinião.
- d) I e IV expressam, respectivamente, fato e opinião.

Comentários:

A alternativa I representa um fato, percebido por todos, quer achem positivo ou negativo.

A alternativa II representa uma opinião, pois o indivíduo pode negar ou concordar que a superexposição nas redes sociais on-line tem seus reflexos na vida off-line.

A alternativa III representa uma opinião, pois o indivíduo pode achar o ambiente propício, conforme é falado, ou não.

A alternativa IV representa um fato que não pode ser refutado, dado que se comprova nas estatísticas.

Gabarito: C

O QUE NOSSAS METÁFORAS DIZEM DE NÓS

Para o poeta Robert Frost, a vida era um caminho que passa por encruzilhadas inevitáveis; para Fernando Pessoa, uma sombra que passa sobre um rio. Shakespeare via o mundo como um palco e Scott Fitzgerald percebia os seres humanos como barcos contra a corrente. Metáforas como essas nos rodeiam, mas não só quando seguramos um livro nas mãos. Em nosso uso cotidiano da língua, elas são tão presentes que nem sequer percebemos. São exemplos “teto de vidro impede a carreira das mulheres”, “a bolha do aluguel”, “cortar o mal pela raiz”. Considerada a forma por excelência da linguagem figurada, a metáfora às vezes é tida como mero embelezamento do discurso.

Entretanto, desde 1980, com a publicação do livro *Metáforas da vida cotidiana*, essa figura retórica recuperou seu protagonismo. Os autores George Lakoff e Mark Johnson mostraram que as alegorias desenham o mapa conceitual a partir do qual observamos,



pensamos e agimos. Com frequência são nossa bússola invisível, orientando tanto os gestos instintivos que fazemos como as decisões mais importantes que tomamos. É muito provável que aqueles que concebem a vida como uma cruz e os que a entendem como uma viagem não reajam da mesma forma ante um mesmo dilema. As metáforas são ferramentas eficazes e de múltiplas utilidades. Ao partir de elementos já conhecidos, nos ajudam a examinar realidades, conceitos e teorias novas de uma maneira prática. Também nos servem para abordar experiências traumáticas nas quais a linguagem literal se revela impotente. São vigorosos atalhos que a mente usa para assimilar situações complexas em que a literalidade acaba sendo tediosa, limitada e confusa. É mais fácil para nós entender que a depressão é uma espécie de buraco negro e que o DNA é o manual de instruções de cada ser vivo.

As figurações dão coesão às identidades coletivas, pois circulam sem cessar até se incorporarem à linguagem cotidiana. Há alguns anos, os psicólogos Paul Thibodeau e Lera Boroditsky, da Universidade Stanford (E.U.A.), analisaram os resultados de um debate sobre políticas contra a criminalidade que recorria a duas metáforas. Quando o problema era ilustrado como se houvesse predadores devorando a comunidade, a resposta era endurecer a vigilância policial e aplicar leis mais severas. No entanto, quando o problema era exposto como um vírus infectando a cidade, a opção era a de adotar medidas para erradicar a desigualdade e melhorar a educação. Comparações ruins levam a políticas ruins, escreveu o Nobel de Economia Paul Krugman.

No campo da medicina, tem havido mudanças de paradigma no que diz respeito ao impacto emocional das metáforas. Num recente seminário organizado pela Universidade de Navarra (Espanha), a linguista Elena Semino dissertou sobre os efeitos de abordar o câncer como se fosse uma guerra, provocando sensações negativas quando o paciente acredita estar “perdendo a batalha”, mesmo que isso possa ser estimulante para outros. O erro, segundo a especialista, reside em misturar os campos semânticos da guerra e da saúde. Para corrigir essa questão, a linguista elabora o que chama de “cardápio de metáforas”, para que médicos e pacientes enfrentem a doença de forma mais construtiva.

As boas metáforas nos trazem outras perspectivas, fronteiras menos rígidas e novas categorizações que substituem aquelas já desgastadas.

MARTA REBÓN Adaptado de brasil.elpais.com, 11/04/2018.

26. (UERJ/2020.2)

Considerada a forma por excelência da linguagem figurada, a metáfora às vezes é tida como mero embelezamento do discurso. (l. 6-7)



Com a ampliação da visão sobre o papel da metáfora, ressalta-se a seguinte propriedade dessa figura de linguagem:

- (A) atua na organização das percepções de mundo
- (B) induz ao esquecimento das vivências negativas
- (C) delimita a fronteira entre saberes comuns e científicos
- (D) possibilita o contato entre concepções culturais distintas

Comentários:

A alternativa A está correta, porque a metaforização da vida é uma relação extremamente interessante. Segundo alguns estudiosos, essa possibilidade de pensar o mundo de forma subjetiva é a noção de que podemos olhar subjetivamente para a vida e imaginar novas formas de percepção do mundo.

A alternativa B está incorreta, porque não há relação com o esquecimento de outras vivências. Na realidade, o que temos é a relação clara de uma organização subjetiva das percepções de mundo das pessoas.

A alternativa C está incorreta, porque, ainda que possamos metaforizar alguns elementos científicos, facilitando sua compreensão, não é essa a ideia apresentada para a metáfora nesse contexto.

A alternativa D está incorreta, porque a metáfora não é apresentada como uma forma de contato entre concepções culturais, ainda que possa ser utilizada, em determinados contextos, dessa forma. É interessante notar que a metáfora, segundo o texto, é uma forma de percebermos o mundo.

Gabarito: A

27. (UERJ/2020.2)

É mais fácil para nós entender que a depressão é uma espécie de buraco negro e que o DNA é o manual de instruções de cada ser vivo. (l. 18-19)

Na argumentação do segundo parágrafo, a frase citada configura um recurso de:

- (A) ênfase
- (B) causalidade
- (C) conceituação



(D) exemplificação

Comentários:

A alternativa A está incorreta, porque o trecho exemplifica os momentos em que metaforizamos a vida real. Nos dois exemplos, com elementos mais objetivos, utilizamos metáforas para a melhor compreensão desses momentos.

A alternativa B está incorreta, porque não temos a apresentação de uma causa nessa construção, mas claramente dois exemplos de quando usamos metáforas em elementos que não são metafóricos.

A alternativa C está incorreta, porque não temos a apresentação de um conceito do que é a metáfora, apresentada anteriormente. O trecho em destaque apresenta dois exemplos de momentos em que usamos metáforas para entender melhor as coisas.

A alternativa D está correta, porque a frase é uma clara exemplificação de que temos a possibilidade de entender a vida de forma mais interessante a partir da construção de metáforas. Sempre vale lembrar que temos uma relação clara de construção de comparações subjetivas na metáfora. Dessa forma, temos dois exemplos de metaforização de elementos da vida humana.

Gabarito: D

28. (UERJ/2020.2)

No texto, apresenta-se o princípio que estrutura as metáforas por meio da seguinte palavra sublinhada:

- (A) examinar realidades, conceitos e teorias novas de uma maneira prática. (l. 15)
- (B) situações complexas em que a literalidade acaba sendo tediosa, (l. 17-18)
- (C) Comparações ruins levam a políticas ruins, (l. 26-27)
- (D) No campo da medicina, tem havido mudanças de paradigma (l. 28)

Comentários:

A alternativa A está incorreta, porque teorias são conceitos e tentativas de explicação. É interessante perceber que as metáforas são formas de apresentação de ideias literais que se apresentam de maneira figurada.

A alternativa B está incorreta, porque a metáfora se afasta completamente da ideia de literalidade, dado que é seu oposto. Como algo literal, entendemos a ideia de que as coisas



são apresentadas como são. Como a metáfora é uma relação clara de comparação subjetiva, fugindo da tediosa literalidade das coisas.

A alternativa C está correta, porque as metáforas são comparações subjetivas que apresentam relação com os elementos metaforizados. Dessa forma, a palavra “comparações” é a única que pode se encaixar na visão do que é uma metáfora.

A alternativa D está incorreta, porque os “paradigmas” são regras e formas de conceituação que encontramos nos elementos da vida real. Pode pensar, diretamente, meu caro aluno, que o paradigma é uma regra de funcionamento.

Gabarito: C

COM A LAMA NA ALMA

Metáforas são um perigo. Quando rompem suas barragens de figuração e jorram pelas encostas do sentido literal, fenômeno menos raro do que parece, têm grande poder de destruição física. Veja-se o proverbial “mar de lama”. Na crise que conduziu ao suicídio de Getúlio Vargas em 1954, a expressão brandida pela UDN no parlamento e na imprensa virou um dos mais poderosos bordões da política brasileira em todos os tempos.

É a senha definitiva da denúncia – meio justificada, meio histórica – de uma corrupção supostamente universal e sem freios instalada no seio do populismo de esquerda, arma de mobilização eleitoral que o populismo de direita não inventou agora.

Curiosamente, a paternidade de “mar de lama” é atribuída ao próprio Vargas, que com imagem tão gráfica teria expressado a um coronel da Aeronáutica sua decepção com as jogadas corruptas de Gregório Fortunato, chefe de sua guarda pessoal. Mas essa é outra história.

“Mar de lama” virou chavão, metáfora morta, mas em sua origem era uma imagem potente. É claro que, entre aquele Brasil dos anos 1950, que mal engatinhava esperançosamente na modernidade, e o de agora, mistura grotesca e já exausta de arcaico e pós-moderno, o mar de lama do Palácio do Catete ganhou um ar até bucólico de poça d’água, mas não é disso que quero falar aqui. O que me interessa é a história de uma boa metáfora.

Na tradição rural – vastíssima nos sentidos geográfico e histórico – em que o Brasil nasceu e foi criado, a lama simboliza o atraso. A urbanização é uma guerra contra ela. Carros de boi atolavam na lama, vacas iam para o brejo.

Além do atraso, coube à lama simbolizar a pobreza e a sujeira física e moral a ela associada: metiam-se os pés cascudos no barro, emporcalhavam-se os tratadores de porcos em chiqueiros, enlameavam-se reputações, chafurdava-se em charcos.



Pode parecer que, definitivamente suja, a lama tem o mesmo conjunto de sentidos em qualquer cultura, mas não é assim. No repertório de diversos povos da antiguidade, a principal força simbólica da pasta de terra e água é positiva à beça: liga-se à criação da vida.

Na mitologia de gregos, sumérios, egípcios, chineses, hindus, iorubás e, claro, no próprio “Gênese”, a humanidade foi moldada por mãos divinas tendo por matéria-prima algum tipo de argila, o que pode estar mais perto da verdade do que se imagina.

O oceano goza de boa reputação científica como provável criadouro da vida na Terra, mas nunca abafou por completo a teoria do “laguinho morno” – cheio de lama, óbvio – que Charles Darwin propôs.

Com Mariana e, em versão incomparavelmente mais letal e absurda, Brumadinho, a velha lama brasileira, agora acrescida de toneladas de metais venenosos e desprezo, não se limita a romper as barragens do sentido figurado: soterra qualquer ligação com a vida que pudesse estar enterrada no barro.

Atraso, sujeira física e moral, tudo isso já parece pouco. Nossa lama simboliza a morte, ponto. Estamos enlameados até a alma.

SÉRGIO RODRIGUES. Adaptado de www1.folha.uol.com.br, 31/01/2019.

29. (UERJ/2020.2)

A história da expressão “mar de lama”, relatada por Sérgio Rodrigues, reforça uma ideia apontada no texto ***O que nossas metáforas dizem de nós.***

Essa ideia está sintetizada na seguinte frase do texto base:

- (A) Com frequência são nossa bússola invisível, orientando tanto os gestos instintivos que fazemos como as decisões mais importantes que tomamos. (l. 10-12)
- (B) É muito provável que aqueles que concebem a vida como uma cruz e os que a entendem como uma viagem não reajam da mesma forma ante um mesmo dilema. (l. 12-13)
- (C) As figurações dão coesão às identidades coletivas, pois circulam sem cessar até se incorporarem à linguagem cotidiana. (l. 20-21)
- (D) As boas metáforas nos trazem outras perspectivas, fronteiras menos rígidas e novas categorizações que substituem aquelas já desgastadas. (l. 36-37)

Comentários:



A alternativa A está incorreta, porque o trecho em questão é uma metáfora, mas não apresenta a ideia de que a sociedade metaforiza os elementos da vida real, entendendo-os de forma distinta.

A alternativa B está incorreta, porque esse trecho apresenta a ideia de que as pessoas metaforizam a vida, sem levar em consideração que as figuras tomam lugar na sociedade, substituindo claramente a ideia original, como ocorre em “mar de lama”.

A alternativa C está correta, porque a ideia de metaforizar elementos é corriqueira no nosso meio real. Dessa forma, podemos entender que “mar de lama” é uma forma coletiva de pensar a quantidade de corrupção que vivíamos no momento, além do atraso do país. Dessa forma, entendemos, segundo o texto, que explicamos um elemento objetivo por meio de uma imagem que cai no uso completo da sociedade, incorporando-se à linguagem cotidiana.

A alternativa D está incorreta, porque o uso da expressão “mar de lama” acabou tornando-se uma categorização já desgastada, como afirma o texto. Dessa forma, não podemos entendê-la como uma relação menos desgastada.

Gabarito: C

30. (UERJ/2020.2)

Metáforas são um perigo. (l. 1)

No primeiro parágrafo do texto Com a lama na alma, o autor dá um tratamento metafórico à própria metáfora.

Esse procedimento é exemplificado pelo seguinte trecho:

(A) jorram pelas encostas do sentido literal, (l. 1-2)

(B) fenômeno menos raro do que parece, (l. 2)

(C) poder de destruição física. (l. 2)

(D) expressão brandida pela UDN (l. 4)

Comentários:

A alternativa A está correta, porque a ideia de que a lama escorre pelas encostas do sentido literal é uma construção metafórica de como a metáfora passa a fazer parte da realidade das pessoas, a ponto de tomar valor em lugar daquela expressão mais comum na sociedade.



A alternativa B está incorreta, porque esse é um trecho explicativo, dado que apresenta a ideia de que as metáforas, ainda que sejam extremamente comuns, nem sempre são absorvidas pela linguagem e tornam-se figuras aceitas popularmente.

A alternativa C está incorreta, porque temos, nesse trecho, uma relação objetiva e real do que acontece. Não é uma construção metafórica que se relaciona com “mar de lama”.

A alternativa D está incorreta, porque nesse trecho temos uma explicação histórica do que aconteceu com a ideia de “mar de lama”, sem apresentar uma metáfora que a explique. Perceba que somente na alternativa A temos uma ideia metafórica da lama corrupta que jorra no país.

Gabarito: A

31. (UERJ/2020.2)

Para expor um ponto de vista, o autor se vale de ironia no seguinte trecho:

- (A) arma de mobilização eleitoral que o populismo de direita não inventou agora. (l. 7-8)
- (B) o mar de lama do Palácio do Catete ganhou um ar até bucólico de poça d’água, (l. 14-15)
- (C) Na tradição rural – vastíssima nos sentidos geográfico e histórico (l. 17)
- (D) O oceano goza de boa reputação científica como provável criadouro da vida (l. 29)

Comentários: A ironia é uma figura de linguagem que aparece como uma inversão do sentido original dos termos. Apresenta-se uma ideia que deve ser lida a partir de uma outra forma de pensar. É, literalmente, a oposição ao sentido original.

A alternativa A está incorreta, porque não há uma construção irônica nesse caso, dado que não temos inversão de significados. Na realidade, o que temos é mais uma construção metafórica por meio de “arma”, mas sem inversão de valores.

A alternativa B está correta, porque a ideia de um ar bucólico com relação à noção do mar de lama é uma indicação clara de que se usou uma ironia para apresentar a ideia. É a noção de que a grandeza do “mar” se constrói, no final das contas, como uma pequena poça d’água. A ironia, como apresentamos, é exatamente a ideia de invertermos os significados dos elementos.

A alternativa C está incorreta, porque esse trecho não apresenta inversão de significados. É um trecho que apresenta uma ideia real, indicando como a tradição rural é comum no país e deve ser considerada extensa.

A alternativa D está incorreta, porque esse trecho apresenta uma teoria de forma real, relacionando a ideia do oceano como possível berço da vida no planeta. Não há nenhuma inversão jocosa de significados.



Gabarito: B

32. (UERJ/2020.2)

Ao recuperar os sentidos atribuídos à palavra “lama”, Sérgio Rodrigues indica que as metáforas se caracterizam como:

- (A) emocionais
- (B) universais
- (C) racionais
- (D) culturais

Comentários:

A alternativa A está incorreta, porque as emoções são individuais e, por isso, não conseguiríamos construir uma noção de significado geral. Precisamos considerar os significados culturais dos elementos para que possamos entender as metáforas.

A alternativa B está incorreta, porque temos a indicação exatamente contrária. Não há universalismo nas metáforas, porque dependemos de elementos culturais para que elas se construam de forma geral. Por exemplo, a ideia de “mar de lama” só é construída como o é, no Brasil, porque temos a noção negativa dessa palavra.

A alternativa C está incorreta, porque as metáforas, ainda que tenham utilização de pensamento racional, são muito ligadas a necessidades culturais, dado que a noção de significados é sempre variável, ainda que em países que compartilham a mesma língua.

A alternativa D está correta, porque a retomada de significados feita pelo autor indica que há uma necessidade clara de levarmos em consideração a noção cultural para entendermos claramente as metáforas. Note que, em determinadas culturas, a ideia de lama não precisa, necessariamente, apresentar ideias ruins.

Gabarito: D

SOBREVIVEREMOS NA TERRA?

Tenho interesse pessoal no tempo. Primeiro, meu *best-seller* chama-se *Uma breve história do tempo*. Segundo, por ser alguém que, aos 21 anos, foi informado pelos médicos de que teria apenas mais cinco anos de vida e que completou 76 anos em 2018. Tenho uma aguda e desconfortável consciência da passagem do tempo. Durante a maior parte da minha vida, convivi com a sensação de que estava fazendo hora extra.

Parece que nosso mundo enfrenta uma instabilidade política maior do que em qualquer outro momento. Uma grande quantidade de pessoas sente ter ficado para trás. Como



resultado, temos nos voltado para políticos populistas, com experiência de governo limitada e cuja capacidade para tomar decisões ponderadas em uma crise ainda está para ser testada. A Terra sofre ameaças em tantas frentes que é difícil permanecer otimista. Os perigos são grandes e numerosos demais. O planeta está ficando pequeno para nós. Nossos recursos físicos estão se esgotando a uma velocidade alarmante. A mudança climática foi uma trágica dádiva humana ao planeta. Temperaturas cada vez mais elevadas, redução da calota polar, desmatamento, superpopulação, doenças, guerras, fome, escassez de água e extermínio de espécies; todos esses problemas poderiam ser resolvidos, mas até hoje não foram. O aquecimento global está sendo causado por todos nós. Queremos andar de carro, viajar e desfrutar um padrão de vida melhor. Mas quando as pessoas se derem conta do que está acontecendo, pode ser tarde demais.

Estamos no limiar de um período de mudança climática sem precedentes. No entanto, muitos políticos negam a mudança climática provocada pelo homem, ou a capacidade do homem de revertê-la. O derretimento das calotas polares ártica e antártica reduz a fração de energia solar refletida de volta no espaço e aumenta ainda mais a temperatura. A mudança climática pode destruir a Amazônia e outras florestas tropicais, eliminando uma das principais ferramentas para a remoção do dióxido de carbono da atmosfera. A elevação da temperatura dos oceanos pode provocar a liberação de grandes quantidades de dióxido de carbono. Ambos os fenômenos aumentariam o efeito estufa e exacerbariam o aquecimento global, tornando o clima em nosso planeta parecido com o de Vênus: atmosfera escaldante e chuva ácida a uma temperatura de 250 °C. A vida humana seria impossível. Precisamos ir além do Protocolo de Kyoto – o acordo internacional adotado em 1997 – e cortar imediatamente as emissões de carbono. Temos a tecnologia. Só precisamos de vontade política.

Quando enfrentamos crises parecidas no passado, havia algum outro lugar para colonizar. Estamos ficando sem espaço, e o único lugar para ir são outros mundos. Tenho esperança e fé de que nossa engenhosa raça encontrará uma maneira de escapar dos sombrios grilhões do planeta e, deste modo, sobreviver ao desastre. A mesma providência talvez não seja possível para os milhões de outras espécies que vivem na Terra, e isso pesará em nossa consciência.

Mas somos, por natureza, exploradores. Somos motivados pela curiosidade, essa qualidade humana única. Foi a curiosidade obstinada que levou os exploradores a provar que a Terra não era plana, e é esse mesmo impulso que nos leva a viajar para as estrelas na velocidade do pensamento, instigando-nos a realmente chegar lá. E sempre que realizamos um grande salto, como nos pousos lunares, exaltamos a humanidade, unimos povos e nações, introduzimos novas descobertas e novas tecnologias. Deixar a Terra exige uma abordagem global combinada – todos devem participar.



STEPHEN HAWKING (1942-2018). Adaptado de **Breves respostas para grandes questões**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

33. (UERJ/2020)

Como resultado, temos nos voltado para políticos populistas, com experiência de governo limitada e cuja capacidade para tomar decisões ponderadas em uma crise ainda está para ser testada. (l. 7-9)

No trecho acima, Stephen Hawking faz uma afirmação cujo conteúdo se desdobra nas cinco frases subsequentes.

Essas cinco frases cumprem o propósito de:

- (A) justificar a estrutura econômica
- (B) relativizar as alterações ambientais
- (C) caracterizar a conjuntura internacional
- (D) exemplificar as ações institucionais

Comentários:

A alternativa A está incorreta, porque o que o autor apresenta é uma caracterização clara do que ele afirma: ele indica que determinadas situações levam a escolhas políticas que podem ser relativizadas. Em seguida, caracteriza essa conjuntura para comprovar seu ponto de vista.

A alternativa B está incorreta, porque o autor não deseja relativizar, em nenhum momento, as alterações ambientais, dado que o autor indica os problemas ambientais do momento. É interessante notar que temos uma relação clara de denúncia. Não temos, claro, uma relação de relativização.

A alternativa C está correta, porque o autor, como apresenta uma teoria, precisa comprovar essa ideia. Dessa forma, ele apresenta claramente uma caracterização de como a conjuntura internacional serve como comprovação de sua ideia.

A alternativa D está incorreta, porque, no trecho seguinte, temos clareza de que o autor apresentará a situação que ele demonstra nesse trecho. Ou seja, o autor, ao apresentar a ideia de que nos voltamos a políticos ainda inexperientes, apresenta uma exemplificação de como isso ocorre no atual (da época) contexto internacional.



Gabarito: C

34. (UERJ/2020)

Ao enfatizar a atitude de curiosidade no último parágrafo, pode-se inferir a seguinte proposta do autor para o problema que debate:

- (A) estímulo a ações inovadoras
- (B) cautela com práticas antigas
- (C) confiança em soluções padronizadas
- (D) questionamento de decisões precipitadas

Comentários:

A alternativa A está correta, porque a curiosidade é o que movimenta o mundo em direção à inovação. Como temos um problema já arraigado na sociedade, as soluções antigas não nos servem, devendo ter inovação para resolver o problema.

A alternativa B está incorreta, porque a ideia é a de que não devemos nos fundamentar em ideias antigas, mas em inovações para que possamos resolver os problemas apresentados no texto. As ideias mais antigas já se mostraram infrutíferas e, por isso, precisam ser refeitas.

A alternativa C está incorreta, porque a ideia defendida pelo autor é a de que somente a criatividade, com novas soluções, será capaz de resolver o problema. É uma indicação de que a curiosidade será essencial para a solução.

A alternativa D está incorreta, porque ele questiona as decisões precipitadas, assim como uma série de comportamentos, em outros momentos do texto. Nesse último parágrafo, o autor apresenta a ideia de que, para que alcancemos uma solução para esse problema.

Gabarito: A

Física para poetas

O ensino da física sempre foi um grande desafio. Nos últimos anos, muitos esforços foram feitos com o objetivo de ensiná-la desde as séries iniciais do ensino fundamental, no contexto do ensino de ciências. Porém, como disciplina regular, a física aparece no ensino médio, quando se torna “um terror” para muitos estudantes.

Várias pesquisas vêm tentando identificar quais são as principais dificuldades do ensino de física e das ciências em geral. Em particular, a queixa que sempre se detecta é que os estudantes não conseguem compreender a linguagem matemática na qual, muitas vezes, os conceitos físicos são expressos. Outro ponto importante é que as questões que envolvem a física são apresentadas fora de uma contextualização do cotidiano das pessoas, o que dificulta



seu aprendizado. Por fim, existe uma enorme carência de professores formados em física para ministrar as aulas da disciplina.

As pessoas que vão para o ensino superior e que não são da área de ciências exatas praticamente nunca mais têm contato com a física, da mesma maneira que os estudantes de física, engenharia e química poucas vezes voltam a ter contato com a literatura, a história e a sociologia. É triste notar que a especialização na formação dos indivíduos costuma deixá-los distantes de partes importantes da nossa cultura, da qual as ciências físicas e as humanidades fazem parte.

Mas vamos pensar em soluções. Há alguns anos, ofereço um curso chamado “Física para poetas”. A ideia não é original – ao contrário, é muito utilizada em diversos países e aqui mesmo no Brasil. Seu objetivo é apresentar a física sem o uso da linguagem matemática e tentar mostrá-la próxima ao cotidiano das pessoas. Procuro destacar a beleza dessa ciência, associando-a, por exemplo, à poesia e à música.

Alguns dos temas que trabalho em “Física para poetas” são inspirados nos artigos que publico. Por exemplo, “A busca pela compreensão cósmica” é uma das aulas, na qual apresento a evolução dos modelos que temos do universo. Começando pelas visões místicas e mitológicas e chegando até as modernas teorias cosmológicas, falo sobre a busca por responder a questões sobre a origem do universo e, conseqüentemente, a nossa origem, para compreendermos o nosso lugar no mundo e na história.

Na aula “Memórias de um carbono”, faço uma narrativa de um átomo de carbono contando sua história, em primeira pessoa, desde seu nascimento, em uma distante estrela que morreu há bilhões de anos, até o momento em que sai pelo nariz de uma pessoa respirando. Temas como astronomia, biologia, evolução e química surgem ao longo dessa aula, bem como as músicas “Átimo de pó” e “Estrela”, de Gilberto Gil, além da poesia “Psicologia de um vencido”, de Álvares de Azevedo.

Em “O tempo em nossas vidas”, apresento esse fascinante conceito que, na verdade, vai muito além da física: está presente em áreas como a filosofia, a biologia e a psicologia. Algumas músicas de Chico Buarque e Caetano Veloso, além de poesias de Vinicius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade, ajudaram nessa abordagem. Não faltou também “Tempo Rei”, de Gil.

A arte é uma forma importante do conhecimento humano. Se músicas e poesias inspiram as mentes e os corações, podemos mostrar que a ciência, em particular a física, também é algo inspirador e belo, capaz de criar certa poesia e encantar não somente aos físicos, mas a todos os poetas da natureza.

ADILSON DE OLIVEIRA. Adaptado de cienciahoje.org.br, 08/08/2016.



34. (UERJ/2019.2)

O trecho do texto de Adilson de Oliveira que melhor sintetiza o problema exposto acerca da abordagem da física é:

- (A) Várias pesquisas vêm tentando identificar quais são as principais dificuldades do ensino de física e das ciências em geral. (l. 5-6)
- (B) os estudantes não conseguem compreender a linguagem matemática na qual, muitas vezes, os conceitos físicos são expressos. (l. 6-8)
- (C) a especialização na formação dos indivíduos costuma deixá-los distantes de partes importantes da nossa cultura, da qual as ciências físicas e as humanidades fazem parte. (l. 15-16)
- (D) ofereço um curso chamado “Física para poetas”. A ideia não é original – ao contrário, é muito utilizada em diversos países e aqui mesmo no Brasil. (l. 17-18)

Comentários:

A alternativa A está incorreta, porque o autor já identifica o problema, ainda que realmente cite as pesquisas que buscam resolver o problema. A ideia é a de que os estudantes sentem dificuldade severa na linguagem matemática, que se reflete nas demais ciências.

A alternativa B está correta, porque o principal problema abordado está claramente relacionado à aprendizagem e consequente ensino das ciências. O autor indica que, como a física se utiliza da linguagem matemática, a não aproximação dessa da realidade do estudante atrapalha o processo.

A alternativa C está incorreta, porque o problema apresentado é relacionado ao ensino e à aprendizagem das ciências. Por isso, o trecho apresentado nessa alternativa não sintetiza esse problema, dado que é um dado sobre a ciência no geral.

A alternativa D está incorreta, porque o texto apresenta a aprendizagem da física e das demais ciências como um problema atual. Isso se fundamenta no fato de que, para entender a física, é necessário conhecer a linguagem matemática. Dessa forma, o trecho em questão seria uma tentativa de solução do problema.

Gabarito: B

35. (UERJ/2019.2)

Para atingir seus propósitos, o curso oferecido pelo autor explora uma estratégia baseada no seguinte aspecto da linguagem:

- (A) registro formal



- (B) gêneros textuais
- (C) metáforas cristalizadas
- (D) vocábulos polissêmicos

Comentários:

A alternativa A está incorreta, porque o registro formal se relaciona com a norma e a linguagem, claramente utilizada no texto. Contudo, não temos essa como uma estratégia de argumentação com esse uso.

A alternativa B está correta, porque a ideia da poesia é uma clara indicação, como ele explica em seguida, de que teremos a utilização dos gêneros textuais para a construção de significados mais próximos dos estudantes. A grande reclamação é exatamente essa: não temos uma relação clara da aplicação das ciências na sociedade. Como temos uma relação com os gêneros, entendemos que temos encaixe na sociedade.

A alternativa C está incorreta, porque as metáforas podem ser utilizadas como uma forma de compreensão do conteúdo. Contudo, não temos essa indicação no texto, que propõe que tenhamos uma construção de explicação com os gêneros textuais.

A alternativa D está incorreta, porque a polissemia atrapalha, normalmente, a apreensão de conteúdos mais científicos, dado que a compreensão passa a depender de significações próprias. O que vemos é o autor propondo uma ampliação no uso dos gêneros textuais.

Gabarito: B

36. (UERJ/2019.2)

Por exemplo, “A busca pela compreensão cósmica” é uma das aulas, na qual apresento a evolução dos modelos que temos do universo. (l. 23-24)

No trecho, a forma verbal sublinhada expressa uma ação que se caracteriza como:

- (A) interrompida
- (B) simultânea
- (C) concluída
- (D) reiterada



Comentários:

A alternativa A está incorreta, porque a ação é anterior ao momento da escrita do texto e já foi concluída, dado que a aula já foi apresentada.

A alternativa B está incorreta, porque a ação é construída como já tendo ocorrido, dado que o autor fala sobre uma aula que já foi apresentada. Cuidado com o uso do presente para esse caso.

A alternativa C está correta, porque há um “pega” nessa questão. Como o verbo está no presente, podemos ser levados a entender que o verbo não apresenta uma ação já concluída. Contudo, precisamos entender que o autor se refere a uma única aula que já foi apresentada. Dessa forma, temos o verbo tomando significação de ação já concluída.

A alternativa D está incorreta, porque o autor apresenta a ideia de uma ação única, relacionada claramente à ideia de uma aula em específico. Assim, ainda que entendamos que o presente pode ser usado de forma a indicar ações reiteradas, nesse caso trata-se de uma só ação.

Gabarito: C

O DNA do racismo

Proponho ao leitor um simples experimento. Dirija-se a um local bastante movimentado e observe cuidadosamente as pessoas ao redor. Deverá logo saltar aos olhos que somos todos muito parecidos e, ao mesmo tempo, muito diferentes.

Realmente, podemos ver grandes similaridades no plano corporal, na postura ereta, na pele fina e na falta relativa de pelos, características da espécie humana que nos distinguem dos outros primatas. Por outro lado, serão evidentes as extraordinárias variações morfológicas entre as diferentes pessoas: sexo, idade, altura, peso, massa muscular, cor e textura dos cabelos, cor e formato dos olhos, cor da pele etc. *A priori*, não existe absolutamente nenhuma razão para valorizar mais uma ou outra dessas características no exercício de investigação.

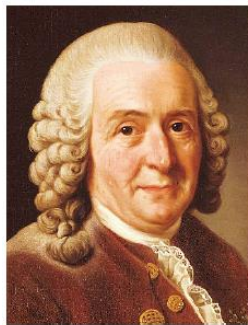
Nem todos esses traços têm a mesma relevância. Há características que podem nos fornecer informações sobre a origem geográfica ancestral das pessoas: uma pele negra pode nos levar a inferir que a pessoa tem ancestrais africanos, olhos puxados evocam ancestralidade oriental etc. E isso é tudo: não há absolutamente mais nada que possamos captar à flor da pele. Pense bem. O que têm a pigmentação da pele, o formato e a cor dos olhos ou a textura do cabelo a ver com as qualidades humanas singulares que definam uma individualidade existencial?

Em nítido contraste com as conclusões do experimento de observação empírica acima, está a rigidez da classificação da humanidade feita pelo naturalista sueco Carl Linnaeus, em 1767. Ele apresentou, pela primeira vez na esfera científica, uma categorização da espécie



humana, distinguindo quatro raças principais e qualificando-as de acordo com o que ele considerava suas características principais:

- *Homo sapiens europaeus*: branco, sério, forte;
- *Homo sapiens asiaticus*: amarelo, melancólico, avaro;
- *Homo sapiens afer*: negro, impassível, preguiçoso;
- *Homo sapiens americanus*: vermelho, mal-humorado, violento.



Carl Linnaeus (1707-1778)

Observe o leitor que as raças de Linnaeus continham traços peculiares fixos, ou seja, havia a expectativa de todos os europeus serem “brancos, sérios e fortes”. Assim, teríamos de esperar que as pessoas negras ao redor de nós tivessem tendências “impassíveis e preguiçosas”, e que as de olhos puxados fossem predispostas a “melancolia e avareza”.

Esse é um exemplo do absurdo da perspectiva essencialista ou tipológica de raças humanas. Nesse paradigma, o indivíduo não pode simplesmente ter a pele mais ou menos pigmentada, ou o cabelo mais ou menos crespo – ele tem de ser definido como “negro” ou “branco”, rótulo determinante de sua identidade.

Esse tipo de associação fixa de características físicas e psicológicas, que incrivelmente ainda persiste na atualidade, não faz absolutamente nenhum sentido do ponto de vista genético e biológico! O genoma humano tem cerca de 20 mil genes e sabemos que poucas dúzias deles controlam a pigmentação da pele e a aparência física dos humanos. Está 100% estabelecido que esses genes não têm nenhuma influência sobre qualquer traço comportamental ou intelectual.

SÉRGIO DANILO PENA. Adaptado de cienciahoje.org.br, 11/07/2008.

37. (UERJ/2019.2)

O terceiro parágrafo contém uma conclusão acerca dos resultados do experimento descrito nos dois parágrafos anteriores.

Essa conclusão se baseia no seguinte posicionamento do autor:



- (A) afirmação de crenças excêntricas
- (B) valorização da racionalidade ocidental
- (C) desconsideração de opiniões polêmicas
- (D) contestação do determinismo biológico

Comentários:

A alternativa A está incorreta, porque não temos nenhuma crença excêntrica sendo apresentada no terceiro parágrafo. Essa excentricidade é uma forma de pensar das pessoas que veem diferenças profundas quando analisam a constituição externa das pessoas.

A alternativa B está incorreta, porque não temos nenhuma relação com a racionalidade ocidental, mas a apresentação de pequenas diferenças entre as pessoas, dado que elas só são diferentes por construção genética de sua origem.

A alternativa C está incorreta, porque o autor quer desconstruir determinadas formas de pensar com relação às pessoas. Notem que, nesse parágrafo, contudo, ele apresenta a ideia de que nossas diferenças são heranças de nossa origem, mostrando que a região ajudou no determinismo de algumas características.

A alternativa D está correta, porque o autor apresenta que nossas diferenças estão relacionadas, claramente, ao determinismo biológico, que levou a construções diferentes dos seres humanos para que pudessem sobreviver às características de suas áreas de origem.

Gabarito: D

38. (UERJ/2019.2)

- *Homo sapiens europaeus: branco, sério, forte;*
- *Homo sapiens asiaticus: amarelo, melancólico, avaro;*
- *Homo sapiens afer: negro, impassível, preguiçoso;*
- *Homo sapiens americanus: vermelho, mal-humorado, violento.* (l. 21-24)

Comparando as quatro categorias apresentadas pelo naturalista sueco Carl Linnaeus, a perspectiva adotada em sua classificação pode ser definida como:

- (A) neutra
- (B) parcial
- (C) universal
- (D) homogênea



Comentários:

A alternativa A está incorreta, porque a última coisa que encontramos nessa categorização é a neutralidade. Percebe-se claramente que o naturalista é extremamente preconceituoso em sua construção de características, guardando as melhores para o homem europeu.

A alternativa B está correta, porque percebe-se claramente que o autor constrói uma visão muito preconceituosa, dando ênfase ao homem europeu e construindo a descrição dos demais de forma pessoalizada e fora de realidade. É exatamente essa visão que quer ser combatida pelo autor.

A alternativa C está incorreta, porque não há universalidade nessa classificação, que somente existiria se todos os *homo sapiens* apresentassem, na visão do naturalista, uma forma única de caracterização. Note o quanto temos de preconceito na caracterização.

A alternativa D está incorreta, porque a descrição de cada um dos “*homo sapiens*” demonstra que há clara parcialidade na visão de Linnaeus. É exatamente essa a relação que o autor quer destacar: como a visão do “cientista” é racista quanto à classificação.

Gabarito: B

39. (UERJ/2019.2)

No último parágrafo, o autor expressa uma crítica à teoria de Linnaeus, por reconhecer na classificação que este propôs o seguinte problema:

- (A) omissão
- (B) abstração
- (C) incorreção
- (D) fragmentação

Comentários:

A alternativa A está incorreta, porque o naturalista não se omite de opinião, pelo contrário, acaba por construir uma categorização extremamente preconceituosa.

A alternativa B está incorreta, porque não temos abstração nesse caso. O que temos é, claramente, uma relação de parcialidade para a construção da categorização. Não temos, na perspectiva da palavra, nenhuma relação de abstração.



A alternativa C está correta, porque o autor aponta claramente para o fato de que o naturalista errou em sua construção. Note que há muita parcialidade e pouca ciência nessa construção de categorização.

A alternativa D está incorreta, porque o autor defende que o naturalista erra em sua classificação, não que a apresenta de forma fragmentada. Destaca-se que o autor defende exatamente a ideia contrária à do naturalista.

Gabarito: C

40. (UERJ/2019.2)

Está 100% estabelecido que esses genes não têm nenhuma influência sobre qualquer traço comportamental ou intelectual. (l. 37-38)

Para introduzir a frase acima, mantendo a coerência com a que a precede, pode ser utilizada a seguinte expressão:

- (A) ou seja
- (B) além disso
- (C) em resumo
- (D) por exemplo

Comentários:

A alternativa A está incorreta, porque a expressão “ou seja” introduz, normalmente, uma ratificação do elemento anterior, com claro valor explicativo. Contudo, no caso, o que percebemos é uma relação clara de adição de informações.

A alternativa B está correta, porque, como esse trecho é um acréscimo de informação ao anterior, temos uma construção clara de adição que pode ser introduzida, sem nenhuma perda, pelo elemento conector apresentado.

A alternativa C está incorreta, porque o trecho não resume o anterior, mas apresenta um argumento a mais, com a ideia de defesa de tese. É uma adição clara, por isso a possibilidade de utilização de “além disso”.

A alternativa D está incorreta, porque o trecho não é uma exemplificação do que foi apresentado anteriormente. O que temos é uma relação de acréscimo de informações, podendo considerá-la uma forma de argumentação a mais.

Gabarito: B



11 Considerações Finais

Ufa, finalizamos mais uma aula repleta de elementos interessantes para nossa formação com relação à língua portuguesa.

Bora que só bora e um excelente estudo para vocês!



Professor Wagner
Santos



@wagnerliteratura
@profwagnersantos

Folha de versão: 10/11/2021

